

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**RONISON PENHA DE PAULA**

**A LITERATURA ÉPICA E OS PRINCÍPIOS DA “IDENTIDADE” CASTELHANA**

ALFENAS/MG

2016

**RONISON PENHA DE PAULA**

**A LITERATURA ÉPICA E OS PRINCÍPIOS DA “IDENTIDADE” CASTELHANA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no programa de pós-graduação em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL/MG.

Orientador: Professor Dr. André Luiz Sena Mariano.

Coorientador: Professor Dr. Adailson José Rui.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Alfenas

Paula, Ronison Penha de

A literatura épica e os princípios da “Identidade” Castelhana / Ronison Penha de Paula. -- Alfenas/MG, 2016.

114 f.

Orientador: André Luiz Sena Mariano.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2016.

Bibliografia.

1. Ibérica, Península (Portugal, Espanha). 2. Literatura epica.  
3. Identidade. 4. Castela e Leão (Espanha). 5. Educação. I. Mariano, André Luiz Sena. II. Título.

CDD-946

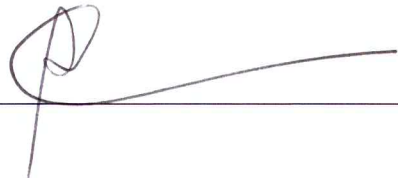
**RONISON PENHA DE PAULA**

**“A LITERATURA ÉPICA E OS PRINCÍPIOS DA “IDENTIDADE”  
CASTELHANA”.**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação apresentada como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Mestre em  
História Ibérica pela Universidade Federal de  
Alfenas. Área de concentração: Ensino e  
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 29/09/2016

Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas  
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Prof. Dr. Bruno Tadeu Salles  
Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto  
UFOP

Assinatura: Bruno Tadeu Salles

Prof. Dr. Marcos Roberto de Faria  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas  
UNIFAL-MG

Assinatura: Marcos Roberto de Faria

Nem sempre podemos contar com a presença de todas as pessoas especiais, essenciais para as nossas vidas, isso, entretanto, não muda o fato de terem sido imprescindíveis e em grande medida, responsáveis pelo rumo que tomamos. Neste sentido, dedico este trabalho a três pessoas, das quais, duas não se encontram mais entre nós. Ao meu pai, José Pereira da Penha e meu avô, Firmino José de Paula, ambos têm grande responsabilidade por eu ter trilhado este caminho, serei eternamente grato pelos ensinamentos que eles me proporcionaram. Dedico também à minha mãe, Aurenice, pelas batalhas que teve que enfrentar e, sobretudo, pela perseverança de sempre, sem seu apoio incondicional meus sonhos não teriam sido realizados ou não seria forte o bastante para batalhar por eles, na ausência de palavras, expresso minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL/MG pelo acolhimento e estrutura proporcionada ao longo de minha formação nos cursos de graduação em História e pós-graduação em História Ibérica, mais que uma universidade foi minha segunda casa ao longo desses anos e pela qual sempre terei imensurável respeito e carinho.

Agradeço à FAPEMIG pela colaboração com a minha formação, sobretudo, no que diz respeito à ajuda de custo referente ao encontro internacional ocorrido na Espanha e Portugal, sem dúvidas uma experiência ímpar que colaborou sobremaneira durante o processo pelo qual passei.

Agradeço profundamente ao professor doutor André Luiz Sena Mariano pela paciência e atenção dedicada ao longo dos últimos dois anos, seus ensinamentos, profissionalismo e benevolência colaboraram sobremaneira para a minha formação, jamais me esquecerei de sua constante disponibilidade e das palavras reconfortantes nos momentos de maior tensão em virtude dos prazos. Agradeço ainda por ampliar meu olhar para a educação que é uma área tão necessitada em nosso país, certamente farei melhor uso de minha formação em História no exercício da prática docente. De coração, muito obrigado, professor!

Agradeço profundamente ao professor doutor Adailson José Rui por todos esses anos de ensinamento, paciência e amizade. Obrigado pela demonstração de confiança, pela dedicação de seu escasso tempo e por todo o incentivo que colaborou enormemente para que eu chegasse até aqui. Sem dúvidas devo a ti grande parte do que pude conhecer em História Medieval e o que ainda conhecerei, já que muitos caminhos que pretendo percorrer nesta área só os pretendo graças a sua maneira de ensinar que me cativou e me aguçou muita curiosidade. Na ausência de palavras condizentes à minha gratidão, restrinjo-me a um muito obrigado por tudo!

Agradeço à minha noiva, Débora Cordeiro, pelo apoio e incentivo de sempre! Obrigado por acreditar e me ajudar a acreditar em mim, sempre bom ter tamanho apoio nas horas que mais precisamos. Obrigado pela paciência e disposição para ouvir o que tinha a dizer sobre os textos, as aulas, as fontes, as viagens, enfim, por ter sido essa companheira e interlocutora durante todo esse tempo. Certamente esteve cansada em ouvir falar de Península Ibérica, Identidade, muçulmanos, cristãos, Idade Média, mas prevaleceu a paciência e com certeza sabes o quanto isso foi importante para mim, de coração, muito obrigado!

Agradeço à minha mãe, Aurenice de Paula, pela força e apoio imensurável! Foram anos longe de casa e em nenhum momento me senti desprovido desse carinho sempre reconfortante. Obrigado por também sonhar os meus sonhos e por não medir esforços para que eu fizesse o que tivesse que ser feito em prol das oportunidades importantes para a minha formação! De coração, muito obrigado, mãe! Aproveito para agradecer também à minha irmã, Paula Teixeira, pelo apoio e respeito de sempre, muito obrigado!

Agradeço também ao meu primo, William Penha, pela grande colaboração na elaboração do objeto de aprendizagem, sem a sua ajuda certamente teria enorme dificuldade para construir a ferramenta na forma como idealizada. Obrigado pela paciência durante as explicações sobre essa linguagem específica da área de programação, ainda bem que essa paciência foi maior do que a minha dificuldade. Muito obrigado!

Agradeço especialmente a todos os professores que fizeram parte dessa trajetória, alguns mais próximos, outros com passagens mais efêmeras, mas todos extremamente importantes para a nossa formação. Cada um, à sua maneira, deixou seus ensinamentos nos quais me inspirarei, obrigado a todos!

Não poderia finalizar sem agradecer aos amigos e colegas de curso! Estando longe de casa, os momentos em grupo foram os mais próximos do que se pode considerar como ambiente familiar! Certamente foi um momento em que consolidei algumas amizades e consegui outras, que levarei por toda a vida! Obrigado a todos!

Estamos aqui em plena atualidade. Que objeto atualmente suscita mais a investigação e a reflexão dos historiadores, em colaboração com outros especialistas das ciências humanas e sociais, do que a investigação da memória coletiva, base da busca de identidade?

(BLOCH, 2001, p. 28).

## RESUMO

Este trabalho é constituído de duas partes concomitantes para se adequar aos requisitos do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG. Na primeira parte, segue uma análise acerca do processo que estamos identificando como os *princípios da identidade castelhana no contexto do século XII*, o que fazemos por meio de análise referente a um exemplar da denominada literatura épica que surgiu no reino de Castela, especialmente o *Poema De Mio Cid*, e considerando a hipótese de que esse gênero literário na especificidade castelhana também pode ser considerado como uma reação à narrativa épica originada no reino dos francos que circulou e foi relevante impactando no imaginário ibérico, inclusive difundindo seus personagens. Para isso, o trabalho no que concerne a essa primeira parte está organizado em três capítulos, sendo o primeiro uma discussão bibliográfica onde consideramos alguns autores que tratam dessa temática histórica que é a observação dos princípios da identidade em Castela medieval por meio de narrativa épica surgida no século XII e as principais incursões desses autores sobre o tema é o que nos fundamenta nas análises das fontes. Já no segundo capítulo buscamos demonstrar as características dessa literatura externa combatida, juntamente com seu potencial para difundir seus personagens, neste caso, a obra analisada é intitulada *Crônica Pseudo-Turpin*. Essa análise permitiu a verificação de características dessa narrativa épica de origem além Pirineus que, numa perspectiva comparativa em relação à épica de origem castelhana analisada, possibilitou encontrar nessas obras diferenças que sugerem traços da identidade castelhana expressada em suas elaborações de gênero épico. Justamente por isso é que procuramos analisar uma obra de cada origem para observar o que de mais característico do ponto de vista de seu contexto histórico apresentam. No terceiro capítulo, portanto, buscou-se conceituar de forma mais ampla o conceito de literatura épica tal como aprofundar as análises ao *Poema de Mio Cid* por meio do qual fomos indicando traços castelhanos presentes em sua elaboração que ousamos também com base na bibliografia identificar características incipientes de uma identidade castelhana. Na segunda parte do trabalho abordamos a demanda diretamente relacionada à área educacional, requisito do programa de pós-graduação em História Ibérica. Como se trata de uma pesquisa em história medieval da Península Ibérica trata-se também de uma temática pouco ou não explorada nos níveis básicos de ensino. Essa hipótese surgida de observações superficiais foi acrescida de uma análise mais profunda em dois importantes currículos do ensino básico, um de caráter local, do estado de Minas Gerais e outro de um ponto de vista mais abrangente. O primeiro é denominado como Conteúdos Básicos Comum (CBC) do estado mineiro, elaborado no ano de 2007. O outro é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2011. Em ambos os casos, observamos a negligência em relação à temática histórica aqui pesquisada de relevância que nos parece inquestionável do ponto de vista da compreensão da formação histórico-cultural da sociedade brasileira. O currículo também é um espaço de expressão de poder, discussão essa que é feita com base nas considerações de Michel Foucault e seu conceito de discurso. Com base nisso, aos moldes do referido autor inferimos a sugestão de se considerar também outros espaços para a abordagem histórica, o que compreendemos benéfico para uma formação íntegra e que não negligencia processos históricos inerentes à sociedade. Por fim, segue um capítulo acerca do objeto educacional desenvolvido, o qual é uma ferramenta que auxiliará o professor, no exercício de sua prática docente quando trabalhar essa temática, a ideia básica, portanto, foi desenvolver a pesquisa histórica, reconhecer sua necessidade nos meios educacionais e oferecer um recurso midiático que possa auxiliar no ensino do mesmo.

**Palavras-chave:** Ibérica, Península (Espanha, Portugal). Literatura épica. Identidade. Castela e Leão (Espanha). Educação.

## ABSTRACT

This essay is consisted on two concomitant parts in order to adequate to the requirements of the Pos-graduation in Iberian History project of the Federal University in Alfenas-MG (UNIFAL-MG). In its first part follows an analysis about the process in which we are pointing as the principles of the Castilian identify within the 12th century background, a starting point being the observations upon the region's rising Epic Literature, hence, we have understood it as a reaction onto dissemination of external references in this Iberian region. In order to do so, the essay in its first part is organized in three chapters, the first being a bibliographic discussion where we take into consideration some authors who deal with this subject, their main incursions on the theme which provide us the basis for our source analysis. Since we are considering the principles of the Castilian identify within a process instead of the refusing of an Epic Literature of a frank origin in the region, we intend, in the second chapter, to demonstrate the characteristics of this so resisted literature, along with its potential to disseminate its characters. Nevertheless, such analysis enabled the assessment over characteristics upon this epic narrative above Pirineus and, in a comparative perspective in relation to the epic Iberian origin analised. It allowed a perceiving of a difference in these literary works, suggesting traces from the Iberian identity expressed in their elaborations of a epic genre. That is exactly why we tried to analyse a sample or each origin, so as to observe what biggest characteristics from a historic perspective is shown. In the third chapter, thus, we intended to broaden the concept of epic literature by deepening the overview "*Poema de Mio Cid*" through which we could make a comparison with the "French" narrative. We could then pinpoint Iberian traces within its elaboration, and so we dare , also based on bibliography, to identify initial characteristics of an Iberian identify. In the second part of the essay we approached the demands to the educational area, a requirement of the pos-graduation in Iberian History programme. As it a research in Medieval History on Iberian Peninsula, it is also a very little or non-explored theme whatsoever on a basic educational level. This hypotheses that rose from superficial observations was compounded of a deeper analysis over two important subjects in basic education, being one of a local meaning within the state of Minas Gerais, and another witch a broader point o view. The first is named "Conteúdos Básicos Comum" (CBC) elaborated in 2007. The other is (Programa Nacional do Livro Didático" (PNLD) in 2011. In both cases we notice some negligency towards the historical thematics. From this finding we argue the absence of historical contents of Iberian origin in the educational system Since it relates to an understanding of an important part of the cultural education in a society such as the Brazilian. As to problematize this issue, we consider the absence mentioned like an expression of a speech in which elects certain themes in detriment of others. The subjects is also an expression of power, such argument is made following the remarks of Michael Foucault and his concept of speech. Based on this, according to the referred author above, we suggest to considerate as well other spaces for the historical approach, which we understand beneficial to a full formation and does not ignore historical developments inherent to society. At last follows a chapter about the developed educational object, providing a tool that will help a teacher in their practice when working this theme. The basic idea then was to develop a historical research, recognize its necessity in the educational means and offer a media resource that can help its instructions.

**Key words:** Iberian, Peninsula. Epic Literature. Identity. Castela Region. Education.

## **Lista de abreviações**

**CPT** - Crônica Pseudo-Turpin

**PMC** - Poema de Mio Cid

## SUMÁRIO

### PARTE I

INTRODUÇÃO .....	15
1 – A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM CASTELA MEDIEVAL: UMA APRESENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
2 – A CRÔNICA DO PSEUDO-TURPIN E A SUA DIFUSÃO NO REINO DE CASTELA: MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM.....	29
2.1 A CRÔNICA PSEUDO-TURPIN.....	35
2.2 ALCANCES E LIMITES DA LITERATURA ÉPICA DE ORIGEM FRANCA NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	41
3 – O CANTAR DE MIO CID: ORIGENS E UMA PERSPECTIVA DA LITERATURA ÉPICA CASTELHANA.....	43
3.1 TEORIAS SOBRE A ORIGEM DA ÉPICA CASTELHANA NA IDADE MÉDIA.....	48
3.2 LITERATURA ÉPICA: DISTINTAS ELABORAÇÕES.....	52
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60

### PARTE II

INTRODUÇÃO .....	64
1 – A HISTÓRIA MEDIEVAL EM CURRÍCULOS OFICIAIS E SUA DISPONIBILIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS: O CBC (2007) E O PNLD (2011) EM FOCO.....	67
1.1 CONTEÚDO BÁSICO COMUM (2007) DO ESTADO DE MINAS GERAIS.....	68
1.2 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO.....	79
1.3 IDENTIFICAÇÃO DO DISCURSO.....	88

<b>1.4 UMA ARGUMENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT SOBRE O DISCURSO.....</b>	<b>90</b>
<b>2 – OBJETO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>94</b>
<b>2.1 EXPLORANDO OS RECURSOS MIDIÁTICOS EM SALA DE AULA.....</b>	<b>94</b>
<b>2.2 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>101</b>
<b>Referências.....</b>	<b>105</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>109</b>

## APRESENTAÇÃO

A presente dissertação é organizada abarcando duas partes concomitantes, adequando-se aos requisitos do programa de pós-graduação em História Ibérica (mestrado profissional) da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG. A primeira parte aborda uma especificidade da História Ibérica, precisamente uma discussão acerca dos princípios da identidade castelhana, a partir da análise de literatura épica (em especial o Poema de Mio Cid) que surgiu na mencionada região por volta do século XII, numa perspectiva comparativa a outra narrativa de mesmo gênero, mas originada no reino dos francos (Crônica Pseudo-Turpin), a qual havia circulado e influenciado relevantemente no imaginário ibérico até aproximadamente a segunda metade do século XII.

Para proceder com essa discussão, a primeira parte foi organizada em três capítulos nos quais será possível observar uma discussão bibliográfica, apresentação e problematização das fontes e, sobretudo, a tentativa de elucidar por meio delas os aspectos que permitem a discussão acerca dos traços de uma identidade ainda incipiente no contexto castelhana do século XII.

A segunda parte, por sua vez, diz respeito ao aspecto profissional do programa de pós-graduação e a preocupação inerente em construir meios que façam dialogar o conteúdo histórico pesquisado com a realidade da educação básica. Assim, essa parte da dissertação apresenta primeiramente algumas reflexões sobre dois currículos educacionais: O “conteúdo básico comum”<sup>1</sup> (CBC) referente ao ensino de História no estado de Minas Gerais, um currículo oficial da secretaria de educação do referido estado; e o “programa nacional do livro didático”<sup>2</sup> (PNLD), no qual contém os projetos didáticos (livros) aprovados e distribuídos a partir daquele ano e utilizados na educação básica com alcance nacional.

Com a análise desses currículos, o intuito é evidenciar alguns discursos prevaletentes na educação básica no que diz respeito ao ensino de História Medieval e constatar, justamente, a negligência quando se refere aos estudos dessa temporalidade, sobretudo, se concernente ao medievo ibérico cuja menção praticamente inexistente.

Além disso, essa parte da dissertação traz um capítulo acerca do Objeto de Aprendizagem desenvolvido, que é um jogo midiático cuja temática é a história medieval

---

<sup>1</sup> Do ano de 2007.

<sup>2</sup> Do ano de 2011.

ibérica, em especial referente ao reino de Castela e às especificidades de que trata a abordagem histórica desse trabalho. Não apenas uma apresentação como também uma discussão sobre o potencial pedagógico do Objeto de Aprendizagem.

## **Parte I**

## INTRODUÇÃO

Essa primeira parte do trabalho apresentará três capítulos nos quais abordaremos o que temos compreendido como elementos que demarcam os princípios da identidade castelhana no contexto do século XII, a partir de manifestações de uma literatura épica autóctone que surgia nesse período apresentando características distintas de outra literatura que circulava e conseguia difundir alguns personagens e ideais externos na Península Ibérica, sobretudo, em Castela que será nossa delimitação espacial para essas análises.

Partimos de um conceito de identidade em que se considera uma relação dual, onde a busca pela afirmação de uma ocorre com a negação de outra. Nesse sentido, autores como Stuart Hall e Kathryn Woodward colaboram para a compreensão desse embate pela autodemarcação. A forma pela qual buscamos compreender esse fenômeno no medievo Ibérico é pela observação e análise de obras que são exemplares de literaturas épicas de origens distintas, mas que foram difundidas num espaço em comum, sobretudo, mais ao norte da Península Ibérica.

No caso da primeira obra de que tratamos, ela é originada no reino dos francos e, posteriormente, a outra narrativa é oriunda do reino de Castela. Esta teve força suficiente para apresentar novos referenciais da própria região, movimento que esse trabalho busca discutir como um processo inicial de demarcação de um sentimento atrelado ao reino de Castela, em que explícita ou implicitamente demonstra em sua forma a valorização de elementos constituintes desse gênero denominado literatura épica que abarca a singularidade do contexto histórico vivenciado pelo reino de Castela, ou seja, nessa lógica constrói seus personagens e heróis do período em narrativas que apresentam aspectos de seu cotidiano.

Do ponto de vista da estruturação do trabalho, o primeiro capítulo é uma discussão bibliográfica sobre o tema. Busca-se apresentar os principais autores que pensaram sobre isso e sobre o contexto denominado como Reconquista. Acrescenta-se uma compreensão sobre a Reconquista dado o espaço que este conceito tem ocupado nos debates acadêmicos e pelo fato das fontes analisadas serem ambientadas na temporalidade correspondente. Sabendo da inevitabilidade de se mencionar o conceito, tomamos o cuidado de pelo menos indicar os debates atuais do mesmo e evidenciar a forma como está sendo entendido. Ademais, em relação aos autores que mencionaram aspectos sobre as primeiras expressões da identidade castelhana, o intuito foi indicar como eles trabalharam isso e baseados em que o fizeram.

Já no capítulo II, desenvolvemos uma análise acerca da Crônica do Pseudo-Turpin considerando que a noção de identidade presente nesse trabalho concebe a relação dual em que a afirmação de um grupo decorre da negação em relação ao outro. Assim, antes que fosse apresentada a análise do *Poema de Mio Cid*<sup>3</sup> no qual acreditamos que há expressão de princípios que exacerbam valores internos ao reino de Castela e isso, conseqüentemente, é uma forma de negação ao discurso que circulava anteriormente, por meio de outras obras de origens distintas, buscamos evidenciar a potencialidade da literatura épica “francesa” circulante no norte da Península Ibérica, em particular a *Crônica do Pseudo-Turpin* com sua construção do cavaleiro/herói medieval Carlos Magno e outros como Rolando, por exemplo,<sup>4</sup>. Não só a construção como também sua capacidade de alcance naquele período, uma vez que essa crônica faz parte do rol de narrativas que compreende uma espécie de guia para o peregrino do Caminho de Santiago de Compostela, portanto, uma literatura difundida com um bom grau de importância.

Apresentada a literatura até então circulante com a potencialidade indicada, o terceiro capítulo trata da contrapartida por parte dos castelhanos que foi a elaboração de uma épica com suas características, cuja construção do cavaleiro/herói medieval obedece a outros mecanismos, como por exemplo, o de narrar feitos embora espetaculares em certo sentido, porém mais próximo de um realismo inclusive contextual do ponto de vista das relações sociais ali existentes.

A escolha por Castela, aliás, se dá pelo fato de que uma das fontes analisadas tem origem castelhana, o *Poema de Mio Cid* e também pela representatividade histórica desse reino no contexto temporal indicado, o século XII. Trata-se de uma obra cuja elaboração, conforme poderá ser observado no terceiro capítulo, promoveu em âmbito acadêmico um amplo debate acerca da possível data de produção, mas pelos argumentos apresentados pela bibliografia e pela plausibilidade da argumentação, pode-se trabalhar com a ideia de que o *Poema de Mio Cid* foi elaborado pelos anos finais do século XII e apresenta uma narrativa acerca deste que é considerado um dos principais cavaleiros medievais da Península Ibérica,

---

<sup>3</sup> O Poema de Mio Cid é uma obra elaborada provavelmente no final do século XII que resume as principais façanhas de Rodrigo Díaz de Vivar, el Cid, ao mesmo tempo concebendo-o como um dos mais destacáveis cavaleiros do rei Alfonso VI. A obra é elaborada em três partes denominadas como “cantar primeiro”, “cantar segundo” e “cantar terceiro”. No primeiro apresenta o desterro de Rodrigo Díaz de Vivar, o segundo apresenta o casamento das filhas do Cid e o terceiro narra o golpe realizado pelos infantes de Carrión Fernando e Diego ao Cid, ao casar por interesse com suas filhas e a resolução desse problema. Nos dois primeiros cantares, sobretudo, é narrado além do desterro, o sofrimento do Cid ao sair forçadamente do reino de Castela e os seus sucessos posteriores com conquistas de terras que estavam sob a posse dos muçulmanos e uma intensa relação de lealdade tanto de seus cavaleiros para consigo, quanto do próprio Rodrigo Díaz de Vivar com seu rei e senhor Alfonso VI num processo de reconciliação.

<sup>4</sup> Que também já era difundido na região por meio da Gesta *Canção de Rolando*.

Rodrigo Diaz de Vivar, el Cid<sup>5</sup>, que viveu seus principais momentos, os quais dão base para a construção de seu mito durante o reinado de Alfonso VI, no século XI (1072-1109).

Após as considerações finais, o trabalho encaminhará outro debate correspondente à demanda do programa de pós-graduação em História Ibérica: sobre a forma como levar essas discussões ao nível básico de ensino. Porém, a parte II será iniciada com uma introdução específica acerca dos temas que estarão em destaque, não apenas o Objeto de Aprendizagem, requisito da pesquisa, como também algumas considerações críticas sobre o lugar da História Medieval e medieval ibérica em currículos de ensino da rede básica.

---

<sup>5</sup> Nobre guerreiro castelhano do século XI, contemporâneo e vassalo do rei Alfonso VI. Considerado ainda, conforme indica Richard Fletcher (2002), como um dos mais destacáveis personagens da História. Este mesmo autor indica que o personagem em questão foi um soldado de gênio, que conseguiu seguir seu próprio caminho e vendeu seus talentos tanto para cristãos como para muçulmanos, mas as narrativas ainda medievais como é o caso do *Poema de Mio Cid*, conseguiram manter uma imagem heroica, sobretudo, relacionada às causas cristãs.

## 1 - A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM CASTELA MEDIEVAL: UMA APRESENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA.

O processo de formação das identidades nos reinos ibéricos no período medieval tem despertado, há algum tempo, a curiosidade de pesquisadores que vêm contribuindo para a compreensão dos processos históricos concernentes à Península Ibérica, do ponto de vista de sua formação cultural nos aspectos que demarcam características peculiares de suas sociedades. Um dos fatores fortemente estudados, nesse sentido, está relacionado à origem da língua falada e cada vez mais consolidada em suas especificidades regionais no período medieval, mas há também outros elementos passíveis de observação em que se podem buscar alguns pontos imprescindíveis quando se trata da construção da identidade.

A historiografia visitada para auxiliar e colaborar na compreensão do tema investigado abarca preocupações inerentes à questão do surgimento de fatores que indicam uma incipiente consciência “nacional”<sup>6</sup> no reino de Castela a partir do século XI, e ainda, busca problematizar o conceito utilizado quando se estuda essa periodização, ou seja, não intentamos relacionar a ideia de identidade castelhana ao mito da Reconquista, mas verificar por meio das fontes os elementos que nos permitem desenvolver essas reflexões independentemente do mito conforme criado posteriormente<sup>7</sup>.

Historiadores como Francisco García Fitz e Javier Peña Pérez<sup>8</sup>, por exemplo, apresentam essa discussão da construção do mito da Reconquista. Ambos concordam que o termo está relacionado à construção do nacionalismo espanhol do período franquista, quando se buscava construir uma Espanha unida e católica. Enquanto por um lado não se pode negar a existência da retomada de territórios durante a Idade Média e isso é um indicativo de restauração, por outro, não houve a ideia de construção de uma nação naquele momento histórico.

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Adeline Rucquoi no artigo *La France dans l'historiographie médiévale castillane*, 1989.

<sup>7</sup> Há uma preocupação em situar o tema dentro de um contexto tradicionalmente conhecido como Reconquista, mas consciente de que se trata de um conceito criado posteriormente para atender a outras demandas. O conceito de Reconquista, da forma como elaborado inicialmente, abarca a ideia de recuperação de algo que havia sido perdido, uma restauração cujo processo apresenta como característica central a retomada de uma unidade dita “nacional”. Assim, uma vez que se tem clara a noção de uma Península Ibérica diversificada, faz-se necessário lançar mão da revisão do conceito de Reconquista para não incorrer com sua utilização na forma tradicional, ou seja, a identidade que aqui buscamos verificar está voltada para uma especificidade, o reino de Castela, e não a toda Península Ibérica.

<sup>8</sup> Os referidos autores discutem essa questão respectivamente nos textos GARCÍA FITZ, Francisco. *La Reconquista: un estado de La cuestión*. Clio & Crimen, Revista del Centro de Historia del Crimen de Durango, n. 6, 2009. P. 142 – 215. E PEÑA PÉREZ, Francisco J. *El surgimento de una Nación: Castilla en su historia y en sus mitos*, Barcelona, Crítica, 2005

Dentre os pesquisadores supracitados, Francisco Javier Peña Pérez<sup>9</sup> se apresenta com mais radicalidade em relação ao termo sugerindo inclusive a sua não utilização, entendendo-o como mito já desgastado. Francisco García Fitz<sup>10</sup>, por sua vez, crítico ao conceito, alerta para a necessidade de compreender toda ideologia por trás do mesmo, mas continua utilizando-o para denominar o período da baixa Idade Média no espaço geográfico que compreende a Península Ibérica. No entanto, elaborou uma pesquisa intitulada *La Reconquista: Un estado de la cuestión*, em que discute o conceito de Reconquista pontuando o quanto é carregado de valores morais, político e religioso. Destaca que foi amplamente utilizado durante o franquismo, incluindo as ações daquele governo numa perspectiva mais ampla, buscando o resgate de uma tradição histórica da Espanha. Salienta ainda que o termo Reconquista surgiu no século XIX, consolidou-se no século XX, quando foi amplamente utilizado durante o governo acima mencionado e amparava o discurso nacionalista de busca pela nacionalidade espanhola.

Embora localizado no período histórico em que se observa na historiografia um avanço cristão frente aos muçulmanos, este trabalho se limita às especificidades castelhanas e busca verificar traços de uma identidade que ali surgia. As características que possibilitam usar o termo identidade se concentram nas narrativas épicas de origem ibérica cuja elaboração a partir de então, o século XII (e em especial neste trabalho o *Poema de Mio Cid*), apresentava elementos próprios sem incorrer com a exaltação de agentes externos<sup>11</sup>.

Um pesquisador que observa algo nesse sentido é Francisco Bautista Pérez, no texto *Memória de Carlomagno: Sobre La Difusion Temprana de La materia carolingia en España (Siglos XI-XII)*. Para ele, foi a partir do século XI que as narrativas épicas de origem ibérica começaram a elencar heróis de procedência local em contraposição aos que já circulavam na mentalidade medieval peninsular, segundo o próprio autor, o período “marca el momento en el que los Heróes francos empiezan a encontrar a su lado, en los textos peninsulares, a otros caballeros del lugar” (BAUTISTA PÉREZ, 2011 p.97).

Embora seja um indicativo interessante, a presença de cavaleiros cristãos de origem do reino dos francos como Carlos Magno e Rolando, por exemplo, continuou se fazendo presente por muito tempo na Península Ibérica. A crônica *Pseudo-Turpin* elaborada nas primeiras

<sup>9</sup> PEÑA PÉREZ, Francisco J. *El surgimiento de una Nación: Castilla en su historia y en sus mitos*, Barcelona, Crítica, 2005.

<sup>10</sup> GARCÍA FITZ, Francisco. *La Reconquista: un estado de la cuestión*. Clio & Crimen, Revista del Centro de Historia del Crimen de Durango, n. 6, 2009. P. 142 – 215.

<sup>11</sup> A exaltação de agentes externos nos termos aqui referidos, diz respeito aos moldes como a narrativa épica de origem franca era divulgada na região ibérica possibilitando aos seus personagens uma relevante propagação que os faziam presentes no imaginário daquela sociedade, essa divulgação, conforme será esclarecida ao longo do trabalho, ocorreu, sobretudo, ao longo do caminho de Santiago de Compostela nas peregrinações ali decorridas.

décadas do século XII, foi uma das obras que mais exaltaram a Carlos Magno e Rolando na região, difundida no caminho de Santiago<sup>12</sup>, e foram personagens que já vinham se destacando no imaginário local por meio da canção de gesta, sobretudo a *canção de Rolando*, no entanto, apesar de difundida e ter alcançado relevante espaço, já se tratava de uma época em que as elaborações locais, talvez movidas pelo contexto de acirramento dos embates contra os muçulmanos passaram a se inspirar em outros referenciais.

Uma das fontes analisadas pelo autor supracitado colabora para a percepção não apenas do surgimento de uma narrativa tipicamente castelhana, mas também para a ideia de que determinado sentimento de identidade que se expressava por meio de narrativas épicas na Península Ibérica ocorreu caracterizada pela recusa do referencial externo<sup>13</sup>. Francisco Bautista Pérez menciona em seu texto a pouco referido, uma obra intitulada *Crônica Silense*, do século XII, escrita por um monge anônimo de São Domingos de Silos, que embora seja considerada a primeira Crônica a incluir Carlos Magno na estrutura de crônicas hispânicas, relata certa xenofobia ou “francofobia” por parte dos castelhanos, pois Carlos Magno e os francos foram acusados nessa obra de abandonarem a Espanha face aos muçulmanos, incomodando-os, de acordo com a *Crônica Silense* citada por Francisco Bautista Pérez, ao divulgarem em suas elaborações falsas vitórias na região.

Com essas colocações podem-se elencar duas inferências: a primeira é que, de fato, constatações de obras como a referida levam à compreensão de que se trata de uma reação frente à presença de elementos externos no imaginário medieval ibérico, o que significa, por outro lado, que ela realmente existiu, e, segundo, trata-se de um período de demarcação de valores registrados em narrativas que abarcam a complexidade da vida social do período como, por exemplo, a forma como se relacionavam cristãos e muçulmanos. O contexto referido por Francisco Bautista Pérez, todavia, parece ter inaugurado não apenas um momento em que novos personagens cristãos conquistavam determinado espaço no imaginário cultural da península, como também inaugurou uma nova identidade para a narrativa épica daquela origem que se baseava em construções de personagens locais.

---

<sup>12</sup> Tanto que esta obra compõe o conjunto de livros do Liber Sancti Jacob “Codex Calixtinus”, que é uma espécie de guia do peregrino do caminho de Santiago de Compostela.

<sup>13</sup> Índícios que caminham para a sustentação de que a identidade ocorre a partir do ato relacional, ou seja, é na relação com outro que se especifica sua própria essência. Essa sustentação pode ser ampliada a partir da observação da seguinte referência: Silva, Tomaz Tadeu; Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 9.

No Brasil também há pesquisadores que têm buscado compreender melhor essa temática e com isso têm trazido importantes contribuições. José Rivair Macedo<sup>14</sup>, por exemplo, é um desses pesquisadores que demonstrou uma preocupação em evidenciar traços culturais praticados inclusive no Brasil cuja proveniência temporal é a Idade Média. concernente à nossa questão, ele parte da concepção de que realmente houve uma forte influência dos francos na mentalidade ibérica, mas que isso tendeu a mudar a partir da denominada Reconquista. Para ele, “vários pesquisadores da cultura medieval ibérica, entre os quais Ramon Menéndez Pidal, Damasco Alonso e Martin de Riquer defendem que tanto no sul da França quanto na península a memória carolíngia teria sido em alguns casos contestada” (Macedo, 2000). Reforçando, portanto, o argumento de que havia uma presença externa povoando o imaginário na Península Ibérica e a partir de certo tempo, e aqui temos compreendido o século XII, essa então realidade foi se modificando o que pode ser percebido, por exemplo, nas expressões literárias de gênero épico como o *Poema de Mio Cid*.

A contestação à qual se refere José Rivair Macedo já pôde ser observada nas considerações de Francisco Bautista Pérez, mas se pode reforçá-la retomando novamente o início da denominada Reconquista. Este fator nos permite compreender Macedo, possivelmente, teria levado os ibéricos a conceber heróis locais atendendo a demandas bem específicas que era a própria realidade cotidiana entre cristãos e muçulmanos cuja representação em obras externas era inadequada para a realidade vivida, e também pelo fato de que novos heróis autóctones possuíam relevância e associações que poderiam ser representativas para a política local<sup>15</sup>.

Já nas obras de origem franca analisadas neste trabalho, encontra-se uma ideologia de cruzadas aos moldes daquela empreendida na terra santa. Essa inferência se deve ao fato de que o muçulmano é apresentado como o inimigo com o qual não havia a possibilidade de entendimento no sentido de haver certa convivência entre as partes, o que existia, em raras situações, era um discurso cristão que buscava convencer o inimigo da fragilidade de sua fé e de seu Deus. Uma ilustração possível, nesse sentido, a seguir, é referente ao acordo entre os

---

<sup>14</sup> Discussão no texto MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no Velho e no Novo Mundo. In: Francisco das Neves Alves. (Org.). Brasil 2000 – Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Rio Grande, 2000, v. 01, p. 09-29.

<sup>15</sup> O autor Máximo Diago Hernando no artigo *La pervivencia e utilización histórica Del mito: Los casos de Carlomagno y Federico I Barbarroja*, Discute os usos políticos de personagens históricos nas políticas de diferentes reinos medievais e sua argumentação também parece válida para o caso ibérico de valorização de personagens locais como el Cid, cuja relação com Alfonso VI, seus laços de fidelidade, enfim, poderiam ser relevantes para governos posteriores seja para o fortalecimento de legitimação ou mesmo para reforçar as obrigações de fidelidade da nobreza para com seu rei.

cavaleiros cristão e muçulmano, Rolando e Ferragut respectivamente, em que se revela não apenas o vencedor da batalha como também quem possuía a verdadeira fé:

Entonces el gigante comenzó a invocar a su Dios con voz estentórea, diciendo: Mahoma, Mahoma, Dios mío, socórreme que ya muero. Y en seguida, acudiendo los sarracenos a estas voces, le cogieron y llevaron en brazos hacia la ciudad. Rolando, empero, ya había vuelto incólume a los suyos. Entonces los cristianos, junto con los sarracenos que llevaban a Ferragut, entraron en brioso ataque en la ciudadela que estaba sobre el poblado. Y de esta manera murió el gigante, se tomó la ciudad y el castillo, y se sacó de la prisión a los luchadores (CPT, p. 453).

Nesta obra, *Pseudo-Turpin*, o cristão ao se sujeita ao desafio, evidencia que seu objetivo é reafirmar a superioridade e de seu Deus em detrimento do oponente, que ao ser derrotado não abandona sua fé, mas convive com a derrota e o enfraquecimento de sua representação religiosa.

Já nas elaborações de origem ibérica, sobremaneira a que aqui analisamos, *Poema de Mio Cid*, encontra-se algo pertinente às relações sociais estabelecidas na região. Não se deixa de criar o herói cristão, evidentemente, mas aponta indícios de uma sociedade que convivia com as diferenças e se pautava, em muitos casos, em certa “diplomacia”. Uma ilustração dessa afirmação pode ser observada numa passagem do *Poema de Mio Cid* em que Rodrigo Diaz de Vivar, ao comentar sobre um mouro evidencia seu apreço e amizade por ele, o que nos é significativo dessa obra que narra a construção de um herói castelhano por meio de seus feitos contra os muçulmanos, mas sem generalizar essa rivalidade, preservando os aspectos contextuais e realistas daquela convivência:

- Óyeme bien, sobrino Félix Muñoz. Iréis por Molina, donde pernoctaréis. Saludadme a ese moro Abengalbón, me buen amigo. Decidle que envío a mis hijas a Carrión, y que las sirva en todo lo que sea menester, y que por mi amor le pido las acompañe hasta Medinaceli; yo le recompensaré debidamente (PMC, p. 118).

O referido mouro possui uma amizade inabalável com Rodrigo Diaz de Vivar nessa narrativa justamente por suas parcerias e lealdade entre ambos os lados. Abengalbón é respeitado mesmo expressando uma cultura distinta da do herói castelhano em evidência, o que nos permite observar aspectos mais próximos do realismo dessa literatura.

Numa obra como o *Poema de Mio Cid*, pode ser possível verificar um sintoma da mudança de perspectiva de narrativas difundidas na Península Ibérica e o nascimento de obras que apresentam um viés fundamentalmente castelhano, com elementos que parecem demarcar certa identidade com a região, dado o contexto de sua elaboração ainda no século XI, momento inicial do acirramento entre cristãos e Muçulmanos. A obra citada, analisada neste trabalho, também se evidencia como uma espécie de contestação ao quadro até então existente e de uma forma prática, como por exemplo, narrando as façanhas de seu herói dentro de um

contexto próprio e explicitando certas relações sociais em muitos casos condizentes com o momento ao qual se refere a obra.

A historiadora Adeline Rucquoi apresenta alguns posicionamentos sobre o tema numa de suas obras mais gerais sobre a Península Ibérica, intitulada *História Medieval da Península Ibérica* e no artigo *La France dans l'historiographie médiévale castillane*<sup>16</sup>. Em linhas gerais, todo esse movimento de contestação que temos indicado pode ser visto, segundo esta autora, como a evidência do surgimento de um sentimento “nacional” castelhano, citando como bom exemplo disso, o surgimento de referências como El Cid, um dos personagens que passou a representar o ideal de cavaleiro cristão, oriundo daquela localidade.

A expressão utilizada, sentimento “nacional”, remete à ideia de um processo de formação da identidade num estágio ainda incipiente. Se por um lado a língua castelhana já era um elemento em processo de consolidação, por outro, ou em consequência disso, surgia por volta do século XI e se intensificando no XII esse fator característico do reino de Castela, suas narrativas épicas que apresentavam nas figuras de heróis locais uma distinção marcante e fortalecedora do reino, no que se refere ao seu processo de identificação.

Hoje é possível falar na existência desses textos castelhanos coexistindo com os cantares de gesta de origem franca ou mesmo suas crônicas, a partir do século XI, sobretudo ao longo do século XII. O fato de esses materiais terem existido parece indicar o surgimento de um processo que acabava construindo a identificação castelhana pelos próprios referenciais literários, no entanto, isso não significa que tenha alcançado a difusão ou reconhecimento necessário para sobressair-se no próprio contexto histórico em que fora elaborado. Prova disso é que mesmo existindo produções contestadoras da presença de referenciais externos na região peninsular, como, por exemplo, a Crônica Silense citada por Francisco Bautista Pérez e mencionada anteriormente neste trabalho, os gêneros canção gesta e as crônicas, de origem do reino dos francos continuaram sendo difundidas, até mesmo no decorrer do século XII, como é o caso da crônica do Pseudo-Turpin<sup>17</sup>.

O historiador português Luís Krus, no texto *Os heróis da Reconquista e a Realza Sagrada Medieval Peninsular: Afonso X e a Primeira Crônica Geral de Hespânia* trata da ausência dessas obras hispânicas até praticamente o final do século XIII. Apesar de existirem, essas narrativas, segundo o autor, só tiveram propagação a partir da *Primera Crônica Geral*

<sup>16</sup> Especificação dos textos nos quais a referida autora discute a questão: RUCQUOI, Adeline. *La France dans l'historiographie médiévale castillane*. *Annales ESC*, 44/3, 1989, p. 677-689 e RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Editorial Estampa, Lisboa. 1995

<sup>17</sup> Refiro-me, sobretudo, à crônica do Pseudo-Turpin, do século XII que obteve grande sucesso de divulgação na Península Ibérica com um número elevado de cópias para época, em torno de cem.

de Espanha<sup>18</sup> que introduziu textos de língua dita vulgar, permitindo, conseqüentemente, a introdução de narrativas épicas lendárias referentes a heróis e suas realizações relacionadas ao embate contra os Muçulmanos. Trata-se de materiais, segundo Luis Krus, que provavelmente em função da língua em que estava escrita, não gozava de prestígio junto aos clérigos e por isso permaneceu no anonimato até a elaboração da *Primera Crónica General de España*, quando ganhou maior evidência.

Um fator destacável a partir da *Primeira Crónica Geral de España* é que a exibição de obras em língua vulgar ampliava de certa forma, consideravelmente, o âmbito até então restrito de pessoas habilitadas para conhecerem e tornarem conhecidas essas obras, pois ultrapassavam o círculo específico de clérigos letrados que conheciam o latim. Assim, facilitava-se a popularização dos relatos apoloéticos das origens e do valor guerreiro dos antepassados das antigas famílias da alta fidalguia peninsular e mesmo os feitos heroicos de cavaleiros que atuaram na região, como é o caso de Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid<sup>19</sup>.

Enquanto, por um lado, a difusão da literatura ibérica a partir do século XIII pode ser compreendida, em boa medida, pelo esforço de Afonso X, o sábio, na elaboração da *Primera Crónica General de España*, que abarcava as narrativas escritas também em língua vulgar, por outro, faz-nos retornar ao problema da difusão das fontes elaboradas em domínio franco, o que remete a uma história ligada à peregrinação.

O autor Nikolas Jaspert no artigo intitulado *Carlomagno y Santiago en La memoria histórica catalana*<sup>20</sup> apresenta brevemente a presença carolíngia no imaginário ibérico medieval tal como a entrada desses elementos externos na região peninsular. Constata-se com base neste autor que, de fato, ao se falar de Carlos Magno na Península Ibérica, fala-se de uma presença externa do ponto de vista geográfico, mas não no sentido religioso devido a tudo o que o rei dos francos significou para a cristandade em sua época e até mesmo posteriormente com as elaborações em torno dele, nas quais se construía a imagem do perfeito cavaleiro cristão.

Nikolas Jaspert menciona a entrada desse rei no imaginário ibérico a partir, primeiramente, das canções de gesta, mas indica sua consolidação com a crônica do Pseudo-Turpin e daí uma relação direta com o apóstolo Tiago e a peregrinação a Santiago de

<sup>18</sup> Obra consultada neste trabalho a partir da seguinte referência: MENENDÉZ PIDAL, Ramon (Ed). *Primera Crónica General de España*. Vol. 2, Madrid. Seminário Menéndez Pidal & Gredos, 1955.

<sup>19</sup> Cujas uma das obras analisadas neste trabalho que se refere a este personagem é: ANÔNIMO. Poema de Mio Cid. Edição crítica por Colin Smith. Madrid: Cátedra, 2001.

<sup>20</sup> Especificação do texto: JASPERT, Nikolas. *Carlomagno y Santiago em La memoria histórica catalana*. In. *El camí de Sant Jaume I Catalunya: actes Del congrés internacional celebrat a Barcelona, Cervera I Lleida, els dies 16, 17 i 18 d'octubre de 2003*. Publ. De L'Abadia de Montserrat, Barcelona 2007, pp. 91-104.

Compostela. A propagação de sua representatividade se dava de várias formas, mas, sobretudo, pela comunicação de quem ouvia relatos sobre Carlos Magno ao longo do caminho de Santiago, e assim, difundia a outras pessoas de seu convívio social por meio do relato pessoal de acordo com o que se entendia acerca das histórias narradas, pelas obras de arte e pelos cantos ou obras literárias (como *Pseudo-Turpin*) que eram lidas aos peregrinos ao longo de suas peregrinações. Sobre essa divulgação, Nikolas Jaspert a ressalta considerando espetacular:

Un fenómeno histórico que ha sido estudiado con especial atención durante las últimas décadas es el de la atracción que Santiago de Compostela ejerció más allá de los Pirineos durante los siglos XII al XV. Pero, ¿cómo se enteraron las gentes que vivían en países tan lejanos de la existencia del culto jacobeo peninsular? Evidentemente hubo múltiples vías de comunicación, por ejemplo, el relato personal, las obras de arte, los cantos o los textos literarios. No obstante, dentro de este último medio, una obra narrativa merece especial mención: se trata del Pseudo-Turpin o *Historia Turpini*, el quinto libro del célebre Códice Calixtino, que a diferencia de los otros cuatro libros tuvo una divulgación espectacular (JASPERT, 2007, P. 91).

Nesse sentido, a presença carolíngia no imaginário ibérico vai se confirmando marcante na Península Ibérica até mesmo por ajudar a difundir nas demais localidades da do que hoje é concebido como Europa o Caminho e a peregrinação a Santiago de Compostela, e, portanto, trata-se de um elemento externo que se fez presente na memória coletiva<sup>21</sup> ibérica, acolhido pelos cristãos no embate contra os Muçulmanos.

É possível salientar que a relação entre Carlos Magno e o apóstolo Tiago na narrativa de *Pseudo-Turpin* colaborou para a efetivação do primeiro na memória coletiva peninsular devido às várias facetas de sua chegada: as interpretações que o considerava grande evangelizador, peregrino ou principalmente, o guerreiro, em tempos tão propícios<sup>22</sup>. Trata-se, a nosso ver, do contexto favorecendo a penetração e permanência por certo tempo de referenciais não necessariamente próprios da região peninsular.

O que Nikolas Jaspert apresenta como ponto crucial para a observação é que a aceitação dos feitos históricos e lendários realizados por Carlos Magno na Península Ibérica, os quais o ajudaram a se consolidar naquele imaginário, tiveram limites bem demarcados, o que alerta novamente para a necessidade de pensar na Península Ibérica como uma região heterogênea.

<sup>21</sup> Conceito trabalhado por Maurice Halbwachs, especificamente na obra: HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. de Laurent León Schaffter, São Paulo: Vértice/Revista dos tribunais, 1990.

<sup>22</sup> Sobre isso, aliás, uma obra que explora diversificadas facetas de Carlos Magno é a do autor Jean Favier intitulada *Carlos Magno*, na seguinte referência: FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. São Paulo: ed. Estação Liberdade, 2004.

Salienta o autor que em Castela, por exemplo, Carlos Magno teve suas conquistas registradas em muitas narrativas, negadas a partir de certo momento, justamente por entenderem que aqueles registros, inclusive o que consta em Pseudo-Turpin, colocava em risco a autonomia dos reinos peninsulares<sup>23</sup>.

Ahora bien, la aceptación de las hazañas históricas del legendario emperador tuvo límites bien marcados. En Castilla, las Mocedades de Carlomagno fueron incluidas en lo imaginario y legendario, mientras que sus conquistas fueron negadas. Los autores castellanos medievales buscaron desmarcarse claramente del emperador, creando incluso un amplio repertorio anticarolingio (JASPERT, 2007, p. 98).

Eis, portanto, uma questão que merece especial atenção, pois defender a autonomia acarreta o sentimento de pertencimento à determinada localidade e, ao que se indica, parece requerer para si o protagonismo do processo histórico. Para autores medievais castelhanos, de acordo com Nikolas Jaspert, a forte presença carolíngia na península Ibérica serviu apenas como memória histórica de uma ameaça proveniente de além Pirineus (território da atual França). Por isso, não é de se surpreender que tenham elencado a figura de El Cid como elemento de identificação local em contraposição a esses referenciais externos.

La presencia carolingia en la Península tan sólo sirvió como memoria histórica de una amenaza ultrapirenaica. No sorprende, entonces, que se ensalzara a Santiago y al Cid como figuras de identificación para esta época. Esta suplantación del carolingio por héroes autóctonos llegó a su punto álgido en el siglo XIII, cuando el Cid fue relacionado directamente con Carlomagno. (JASPERT, 2007, p.98).

Na análise de Jaspert, o momento máximo de suplantação de heróis carolíngios pelos locais, chegou ao seu ponto de maior evidência no século XIII, quando El Cid foi relacionado diretamente com Carlos Magno. Numa obra intitulada *Leyenda de Cordeña* e aos moldes de Eginardo<sup>24</sup>, transferiu-se feitos históricos conhecidos de Carlos Magno ao Cid<sup>25</sup>, além disso, há um poema supostamente escrito por Afonso X, o sábio, e colocado em cima do túmulo de Rodrigo Díaz de Vivar convertendo-o a uma espécie de Carlos Magno peninsular<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> Mais que a reivindicação de simples autonomia, a contestação à presença do “outro” parece deixar clara a construção de um princípio de identidade relacionada à região em questão (Castela). Esse debate sobre a identidade formada a partir da negação do outro pode ser observada pelos autores Tomaz Tadeu Silva, Stuart Hall e Kathryn Woodward em *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, 2004.

<sup>24</sup> Eginardo foi uma espécie de cronista, muito próximo a Carlos Magno. Narrou as batalhas que o rei e imperador franco participou, contemplando suas vitórias e exacerbando as glórias conseguidas, inclusive dedicando um trabalho ao seu rei intitulado *Vida de Carlos Magno*. Jacques Le Goff indica que se trata de autor que tende a transmitir uma imagem realista de seu personagem, mas é levado a manipulá-la primeiro em função da obra que estava imitando, *a vida dos doze césares*, do romano Suetônio, e depois por causa do “patriotismo” franco que compartilhava. Uma versão em português do texto *Vida de Carlos Magno* de Suetônio pode ser acessado em Ricardo da Costa, no link a seguir: <http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/vida-de-carlos-magno-c-817-829>.

<sup>25</sup> Criaram-se lendas sobre a infância de Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid, por exemplo, aos moldes do que existia sobre Carlos Magno, mas com um discurso deturpador dos francos.

<sup>26</sup> Essa inspiração é outro elemento que permite a relação entre a narrativa épica peninsular e a de origem franca. Além da inspiração de uma para com a outra (a peninsular em relação à franca), demarca seu gênero, as características de narrativas épicas e suas peculiaridades.

Diante das questões apresentadas, no entanto, não se trata de uma homenagem, mas do reconhecimento da representatividade de Carlos Magno em seus domínios, da dimensão que sua imagem alcançou na Península Ibérica e aí, o processo de sobreposição de um herói local em detrimento da personalidade e presença de outro. Trata-se de ações de quem buscava a consolidação de sua autonomia e aquilo que se deixa registrado com potencial de atingir o imaginário coletivo pode colaborar significativamente para o êxito desse tipo de construção.

No tocante a essa questão, de se elaborar e deixar uma literatura que materializa o início de um processo de construção da identidade por meio de narrativas épicas, há uma relevante referência, Israel Sanmartín<sup>27</sup>, que discute a memória e a história medieval como realidades indissociáveis.

Ao tratar especificamente da memória e da História, o autor indica que os sujeitos medievais tiveram a necessidade de registrar e materializar suas memórias coletivas que podem ser observadas, dentre outras formas, em materiais como crônicas e canções de Gesta. Expressaram suas memórias por esses meios no sentido de que a elaboração dessas narrativas preservou e continua preservando a memória de muitas sociedades do período medieval acerca de feitos espetaculares ou ligada ao conceito do maravilhoso<sup>28</sup>, especialmente quando se trata de alguns personagens mais proeminentes.

Para Sanmartín, nas narrativas épicas ibéricas encontra-se a descrição do que aquelas sociedades viam e percebiam como valores do passado inerentes às suas próprias histórias. Eis, então, um indício da utilização da História no processo de materialização de suas memórias. Nas crônicas utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho é possível perceber esses elementos apresentados pelo autor quando se refere a uma memória medieval que dirige seus passos desde a construção ativa, consonante com seu contexto, até a memória coletiva do passado, ou seja, trata-se da incorporação dos mitos, conforme a crença existente, nas obras elaboradas.

---

<sup>27</sup> No artigo: SANMARTÍN, Israel. La memoria y la historia medievales como realidades indisociables. In. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 2012, N° 125, pp. 259-272.

<sup>28</sup> O maravilhoso aqui mencionado é um conceito importante para o período medieval. A partir das concepções de Jacques Le Goff, em *dicionário temático do Ocidente Medieval* o maravilhoso é uma espécie de fronteira entre o natural e o sobrenatural. Compreendia-se maravilhoso como fenômenos que escapavam à compreensão humana, embora de ordem natural. O maravilhoso medieval é um elemento que atinge os homens por vias variadas, oral, escrita ou figurada. Uma das mais usuais e significativas é a do sonho, da visão, da aparição. Para o homem medieval, ainda, o maravilhoso exercia uma função de realização, o conceito é inserido no natural e no real, faz do surpreendente e do extraordinário o motor do saber, da cultura e da estética da Idade Média. (LE GOFF, 2006). Apesar da complexidade do conceito, a fronteira entre o natural e o sobrenatural era um elemento presente na mentalidade dominante na Idade Média, não por acaso que em narrativas como Pseudo-Turpin esse fator se faz fortemente presente nas passagens sobre Carlos Magno, por exemplo, ou mesmo Rolando, outro proeminente cavaleiro.

Defende Sanmartín que, em grande medida, a memória medieval é uma atividade social que recria, isto é, modifica a realidade mediante o processo psicológico coletivo. Trata-se de uma construção objetiva e subjetiva, contínua e descontínua de recordações conscientes e inconscientes. Em suma, trata-se de um objeto fundamental do saber histórico que abarca o imaginado, o vivido, o escutado, o contado e o lembrado<sup>29</sup>. São fatores envolvidos em narrativas épicas e, portanto, sustentam sua relevância histórica.

Nessa discussão bibliográfica, vale mencionar também de forma direta o reconhecimento de um autor dos mais dedicados aos assuntos referentes a El Cid, Ramón Menéndez Pidal<sup>30</sup>. Sobre ele e sua extensa obra acerca de uma História hispânica se deve partir da constatação de que é praticamente impossível refletir sobre uma temática que abarque esse assunto sem mencioná-lo. Mesmo os autores que o referenciam tecendo críticas em relação à sua abordagem à história sobre El Cid, por exemplo, como é o caso de Richard Fletcher, o faz primeiramente reiterando sua inestimável importância<sup>31</sup>. Ao referir-se a Ramón Menéndez Pidal, Richard Fletcher afirma que aquele autor com o peculiar labor histórico e com uma de suas principais obras, *La España Del Cid*, exerceu,

“mais influência que qualquer outro, no que diz respeito à construção de uma visão não apenas sobre o tempo do Cid, mas também sobre a Idade Média espanhola geral, e sobre sua importância para a História da Espanha, da Europa e da cristandade” e (...) Nos últimos sessenta anos todos os historiadores que trataram da Espanha do século XI trabalharam à sombra lançada por essa grande e excêntrica obra (FLETCHER, 2002, p.15).

O próprio Richard Fletcher, em trabalhos que talvez se possa utilizar o termo revisionismo em relação à imagem de el Cid de Menéndez Pidal, ou de forma mais ampla, qualquer interpretação de um Cid romantizado, apresenta um texto que tem sido referência no que se refere à problematização do dito personagem. Num patamar alheio às construções nacionalistas que envolvem os trabalhos acerca do Cid, Fletcher em seu texto *Em Busca de El Cid* busca incessantemente apresentar uma narrativa que enquadre o consagrado herói castelhano na dinâmica de seu tempo, preocupando-se com forma adquirida posteriormente no esforço de sua construção de cavaleiro iminente e a realidade do sujeito Rodrigo Diaz de Vivar, na dinâmica de seu tempo. Acredita, portanto, que um novo olhar para o Cid requer o lúcido enquadramento do que mais possa se aproximar da realidade de Rodrigo e a compreensão da dimensão que o herói tomou.

<sup>29</sup> SANMARTÍN, Israel. La memoria y La historia medievales como realidades indisociables. In. *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 2012, N° 125, pp. 259-272 – p. 264.

<sup>30</sup> Houvesse aqui a necessidade de apresentar esses autores numa ordem de relevância referente ao estudo do objeto, Ramón Menéndez Pidal, pela extensa obra que possui certamente seria a citação inaugural deste trabalho.

<sup>31</sup> Destacando como uma de suas principais obras *La España Del Cid*: MENDÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España Del Cid*, Madrid, 1950.

## 2 - A CRÔNICA DO PSEUDO-TURPIN E A SUA DIFUSÃO NO REINO DE CASTELA: MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM

Buscando uma coerência teórica acerca do conceito de Identidade que temos tentado relacionar ao longo deste trabalho, em que consideramos o princípio que verifica a formação da Identidade a partir de uma relação dual, um em relação ao outro, é que se faz necessário apresentar na nossa discussão histórica esse “outro” a nosso ver combatido em narrativas ibéricas a partir do século XII. O personagem sobre o qual verificamos a viabilidade de análise é Carlos Magno, a partir da crônica Pseudo-Turpin, elaborada no século XII, momento que, ao que tudo indica foi marcado pelo que talvez possamos compreender como transição do aspecto valorativo no que se refere ao ideal de cavaleiro cristão no reino de Castela<sup>32</sup>. Considerado isso, será observado adiante esse “Outro”, ou seja, o valor externo que por meio de construções a seu respeito ganhava novos terrenos.

Assim, a análise da obra, Pseudo-Turpin, que ratifica a imagem de um personagem externo à Península Ibérica, Carlos Magno, mas que esteve presente no imaginário coletivo ibérico, requer certos cuidados e considerações pontuais, pois o personagem em questão apresenta em sua história algo característico que é a dualidade que o marcou. Tal dualidade deve ser conferida nos seguintes aspectos: a posição política geradora de debate, por ter sido Carlos Magno rei e depois imperador<sup>33</sup>, ou mesmo em sua imagem construída ao longo dos séculos<sup>34</sup>. Deve-se considerar o Carlos Magno das capitulares, marcadamente de cunho político e hábil administrativamente, o que guia seu povo cumprindo a função de um monarca conforme a perspectiva da realeza cristã<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> Ousamos indicar como um momento de transição devido ao fato de que a crônica Pseudo-Turpin é datada, conforme indicado, de por volta do século XII, mais precisamente de 1140, e mesmo assim, de acordo com a bibliografia visitada que será mencionada no decorrer do texto, trata-se de uma obra que ganhou difusão, inclusive na Península Ibérica, e por meio dessa difusão conseguiu popularizar seus personagens principais, não só Carlos Magno, como também Rolando e Olivieiros. Já o texto ibérico analisado, o *Poema de Mio Cid*, cuja elaboração, debate-se, tenha ocorrido também no século XII, só ganharia popularidade mais tarde. Quanto a isso, é importante compreender, que concernente ao debate sobre uma expressão de Identidade a partir da narrativa épica, importa sobremaneira pensar que mesmo que uma popularização do texto ibérico tenha ocorrido à posteriori, o fato é que sua elaboração por volta já do século XII possui grande representatividade nessa suposta autoafirmação e deixa margem para a inferência de que poderia se tratar de uma reação.

<sup>33</sup> Questão alertada por Jeff Sypeck em: SYPECK, Jeff. *Tornando-se Carlos Magno*. Tradução: Anna Duarte e Carlos Duarte. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2012.

<sup>34</sup> Concernente a essa imagem construída, baseamo-nos em obras como *vida de Carlos Magno* de Eginardo (início do século IX), *Gesta Karoli Magni* de Notker, monge de Sankt Gall (final do século IX, por volta do ano 883) e até mesmo na imagem presente na Canção de Rolando (final do século XI), obras anteriores a Pseudo-Turpin. Observando essas obras em relação à Pseudo-Turpin, é possível dizer que há uma congruência das imagens construídas.

<sup>35</sup> O debate acerca da realeza cristã, a conceituação extensa e elucidativa baseou-se na obra *Os Reis Taumaturgos* de Marc Bloch. Referência: BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo, ed. Companhia das letras, 1993.

Por outro lado, constata-se por meio de obras elaboradas desde o século IX, as quais alcançaram importante divulgação, um Carlos Magno constante no imaginário coletivo tanto em seu reino (desde o século IX, por meio inclusive de elaborações em torno dele como a obra de Eginhardo, *Vida de Carlos Magno*), quanto na Península Ibérica (sobretudo a partir do final do século XI quando seu nome já estava vinculado na gesta *Canção de Rolando* e no século XII com a crônica *Pseudo-Turpin*), conforme observado no capítulo anterior. Geralmente é o herói épico, presente em narrativas que mantém seu protagonismo e liderança além de paulatinamente acrescentar virtudes a outro conceito típico da épica de origem franca, em especial a aqui analisada Crônica do *Pseudo-Turpin*. Neste caso, refere-se ao conceito de maravilhoso<sup>36</sup>, resultante, sobretudo, do processo de mitificação empreendido pelos francos a seu proeminente rei ainda no século IX.

A imagem de Carlos Magno na Crônica *Pseudo-Turpin*, marcada por suas virtudes, por ser o rei que é colocado entre o natural e o sobrenatural, já que recebe orientações por meio de sonhos tanto do anjo Gabriel quanto do apóstolo Tiago, o rei que vai à frente de seu povo e de seu exército, o perfeito monarca da perspectiva da realeza cristã<sup>37</sup> traduz de alguma maneira o imaginário que se formou em torno dele entre os séculos IX e XII e evidencia a colaboração que as canções de gesta e as crônicas tiveram neste processo<sup>38</sup>.

Carlos Magno, em obras como a de Eginhardo, intitulada *Vida de Carlos Magno* (século IX); na gesta *Karoli Magni* de Notker (século IX); na *Canção de Rolando* (século XI) e, sobretudo, em *Pseudo-Turpin* (século XII) é descrito como um ser carregado de elementos como a liderança inquestionada, o respeito do oponente, o recebimento de mensagens vindas do aspecto sobrenatural como em seu contato com o anjo Gabriel e o apóstolo Tiago, que são fatores que o ligam a uma dimensão diferenciada, desde suas descrições por cronistas que vivenciaram sua época e a ele foram próximos, em especial Eginhardo, até obras elaboradas

---

<sup>36</sup> Conforme as considerações de Jacques Le Goff, anteriormente citado em nota. Aqui acrescento as referências das obras deste autor em que discute o referido conceito: LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da idade média*. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2009. E LE GOFF, Jacques. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, VI, Bauru. Ed. Edusc, 2002.

<sup>37</sup> Conforme apresentado por Marc Bloch em *Os Reis Taumaturgos*.

<sup>38</sup> Ao referirmos que a imagem de Carlos Magno possui características como as mencionadas e em torno disso desenvolveu-se um imaginário em relação a ele, estamos considerando sucessivas obras como por exemplo Eginhardo, seu contemporâneo, intitulada *Vida de Carlos Magno*; Notker com a *Gesta Karoli Magni*, do final do século IX e a própria Crônica *Pseudo-Turpin*, do século XII, além, ainda, da gesta *Canção de Rolando*, século XI, que também apresenta Carlos Magno apesar deste não ser o foco. O local de elaboração dessas obras, reino dos francos, mais o alcance que pelo menos duas delas obteve, sobremaneira a Península Ibérica, como é o caso de *Pseudo-Turpin* e *Canção de Rolando* permite inferir com o complemento bibliográfico apresentado no primeiro capítulo que esta personagem alcançou importante difusão e ocupou seu espaço no imaginário medieval ibérico.

em outro momento histórico com objetivos distintos, neste caso especialmente *Pseudo-Turpin*, manteve, em suma, uma imagem bastante positiva e consagradora.

Para os objetivos deste trabalho que abarca uma discussão acerca dos princípios da identidade castelhana e para isso busca apresentar uma ideia de identidade em que ocorre a partir da relação dual, talvez bastasse apresentar um estudo acerca do Pseudo-Turpin, que é o referencial externo analisado e o nível de propagação que esta obra alcançou na Península Ibérica, já que preocupamo-nos, sobretudo, em evidenciar o nível de difusão que seu personagem principal alcançou na referida região para justificar que, de fato, o surgimento da épica castelhana deixa margem para a inferência de que pode se tratar de uma reação à popularidade dos francos no sul dos Pirineus.

No entanto, por se tratar de uma zona fronteira e o personagem em questão, Carlos Magno, por meio de obras como as que vêm sendo mencionadas já ter tido uma construção de sua imagem em pleno processo há algum tempo antes de se consolidar na Península Ibérica, parece ser necessário evidenciar esse fator para demonstrar que sua popularização não era algo tão impensável ou distante, até porque antes mesmo de Pseudo-Turpin, a gesta Canção de Rolando já circulava por aquelas fronteiras e divulgava os cavaleiros francos e as suas virtudes. Isso é possível inferir baseando, por exemplo, no trabalho de Francisco Bautista Pérez no texto *Memória de Carlomagno* que colabora para a demonstração de que se divulgavam na Península Ibérica os cavaleiros e as virtudes dos mesmos, provenientes de além Pirineus, como se pode observar na seguinte passagem:

Las referencias a los héroes francos son emplazadas dentro de los procesos culturales que marcan la apertura de la península ibérica al resto de Europa, como el desarrollo de la peregrinación a Santiago, la participación de caballeros ultrapirenaicos en la lucha contra los musulmanes en España (BAUTISTA PÉREZ, 2011, p. 48).

Além de apontar o início dessa participação de personagens francos na Península Ibérica, há referências a estudos de autores clássicos que também conferem a presença dos valores externos no sul dos Pirineus:

Martín de Riquer llevó a cabo una magnífica síntesis sobre la épica francesa, en la que prestaba particular atención a su relación con España. Y en 1953 Dámaso Alonso dio a conocer el estupendo hallazgo de la conocida desde entonces como «Nota emilianense», que atestiguaba la difusión de la leyenda de Roncesvalles en la Rioja en la segunda mitad del siglo XI, siendo entonces la alusión más antigua de este tema en España. Este breve texto, sin embargo, tenía también implicaciones importantes para el espinoso problema de los orígenes de la épica románica y para la historia de la gesta rolandiana (BAUTISTA PÉREZ, 2011, p. 48-49).

Embora não tenhamos nos dedicado em fazer levantamentos minuciosos de fontes como crônicas ou quaisquer gêneros que comprovassem uma reincidência da imagem virtuosa

de Carlos Magno e até mesmo outros cavaleiros cristãos na Península Ibérica, as que foram mencionadas, em especial Vida de Carlos Magno e a Crônica Pseudo-Turpin possuem discursos que nos parecem suficientes para demonstrar que a imagem construída era passível de impacto e recepção no imaginário ibérico a ponto de demandar uma reação por parte dos castelhanos em defesa de seus protagonismos, e é isso que nos indica José Rivair Macedo que cita importantes pesquisadores do medievo Ibérico acerca dessa reação contestadora:

Vários pesquisadores da cultura medieval ibérica, entre os quais Ramon Menéndez Pidal, Damasco Alonso e Martin de Riquer defendem a ideia de que tanto no Sul da França quanto na península a memória carolíngia teria sido em alguns casos contestada (...). Essa “rejeição” inicial parece ter sido fruto de um momento em que os peninsulares, em luta real contra os mouros, necessitavam de heróis mais próximos, que melhor personificassem as circunstâncias da guerra de Reconquista (MACEDO, 2000, p. 9).

Já em relação à difusão da imagem de personagens com força o bastante para impactar no imaginário Ibérico uma referencia que apresenta um plausível posicionamento acerca dessa entrada pode ser observada a seguir:

Hacia 1130-1140, probablemente obra de Aimeri Picaud, puede localizarse la redacción del *Codex Calixtinus*, que contiene el llamado *Liber Sancti Jacob i, o Jacobus*, como lo llama su compilador, integrado por cinco libros que presentan sucesivamente los oficios litúrgicos ligados a Santiago, sus milagros, su *translatio*, la conquista de España por Carlomagno, con la apertura del Camino de Santiago, y una guía del Camino. El Libro IV, centrado en las conquistas de Carlomagno y Roldán en España, y presentado como una relación escrita por un testigo de vista, nada menos que el arzobispo don Turpín, alcanzó un éxito amplísimo (con más de cien manuscritos) (...). (...) Aunque se trata de una obra escrita por un francés, oriundo de Poitiers, el detallado conocimiento que el autor exhibe a lo largo de su *Liber Sancti Jacobi* a propósito de la España del momento, de los itinerarios de la peregrinación a Santiago y de los intereses eclesiásticos compostelanos permite contemplar este texto como un indicio significativo acerca de la cultura de los intelectuales y colonos francos llegados a España y también de su difusión en ámbitos fuertemente influidos por ellos, como el Camino de Santiago (BAUTISTA PÉREZ, 2011, p. 81-82).

As considerações acima indicam de certa forma uma estrutura que permitiu a entrada e o estabelecimento, mesmo que por tempo determinado, dos personagens de origem franca na Península Ibérica, os pontos mais relevantes, portanto, para o nosso propósito, concentram-se no número de manuscritos, que parecem expressivos para a época e a divulgação da obra ao longo do caminho de Santiago de Compostela.

Além dessa dimensão referente ao cavaleiro divulgado, abre-se outra discussão justamente em relação aos usos desta imagem por aqueles que continuaram elaborando e materializando-a na forma escrita. Sobre esses dois pontos, aliás, seguem algumas observações.

Primeiro concernente à construção e uso da imagem de Carlos Magno, levemos em consideração sua relevância histórica para que, em séculos posteriores fosse retomado para fortalecer legitimações de outros governos. Nesse sentido, o autor Máximo Diago Hernando no texto *La pervivencia e utilización histórica Del mito: Los casos de Carlomagno y Frederico I Barbarroja* apresenta uma discussão que colabora para a compreensão dessa questão. Fazendo um panorama, considera inicialmente que,

Carlomagno fue una de las figuras con mayor proyección histórica en el ámbito de la Europa occidental durante la época medieval, pues no en vano a él le correspondió el mérito, al hacerse coronar en Roma en la navidad del año 800, de haber puesto las bases para una de las instituciones que más contribuyó a la consolidación de la Europa Occidental como ámbito político-cultural con entidad propia: el Imperio. Y, por tanto, nada tiene de extraño que numerosos gobernantes de la Europa medieval le remitiesen a él como a su más ilustre predecesor, y le considerasen en el modelo por antonomasia para imitar (DIAGO HERNANDO, 2003, p. 236).

Após essas constatações, o autor expõe uma série de exemplos de governos da Idade Média que utilizaram a força da lenda de Carlos Magno para tentar certa aproximação, como foi o caso da dinastia capetíngia entre os francos, em governos do espaço concernente à atual Alemanha, mas também na península itálica, e, de modo geral, onde fosse possível estabelecer certa relação, esta seria buscada dada a proeminência do lendário rei reconhecida pelos governos posteriores em várias partes do que mais tarde se tornou o continente europeu.

Em muitos casos, é justamente essa tentativa de aproximação que propicia a elaboração de obras exaltando determinados sujeitos, como parece ser o caso de Carlos Magno na crônica do Pseudo-Turpin que fora elaborada durante a dinastia capetíngia, a mesma que reivindicava o rei carolíngio como seu predecessor. Sobre isso, afirma Máximo Diago Hernando,

Los mitos surgieron y se desarrollaron con frecuencia de forma espontánea, pero en bastantes ocasiones también su gestación y difusión fue conscientemente favorecida, e incluso propulsada de forma decidida por las instancias que controlaban el ejercicio del poder, con el objetivo de contribuir a la consecución de unos concretos objetivos políticos. Y a esta utilización política del mito se recorrió no sólo durante el período medieval sino que, también en fases muy posteriores de la historia de Europa, mitos contruidos a partir de personajes históricos del medievo fueron deliberadamente manipulados con fines políticos (DIAGO HERNANDES, 2003, p. 233 – 234).

Segundo, ainda referente à divulgação da crônica, vale ressaltar que a mesma é uma das narrativas que compõem o *Liber Sancti Jacobi “Codex Calixtinus”*. O conjunto dessa obra tinha como objetivo divulgar seus conteúdos aos peregrinos ao longo do Caminho de Santiago de Compostela e por essa razão se pode concluir que esse texto alcançou grande divulgação, conforme inferido pouco antes. Não por acaso Jacques Le Goff indica que a imagem de Carlos Magno em construção desde os século IX por meio de crônicas e canções

de gesta alcançou seu momento auge com a crônica do Pseudo-Turpin<sup>39</sup>, justamente por ser essa obra uma das mais passíveis de acesso, já que o conjunto de textos do Liber Sancti Jacobi “Codex Calixtinus” era lido no decorrer do caminho de Santiago de Compostela aos peregrinos que faziam o percurso<sup>40</sup>.

A combinação desses aspectos, isto é, a elaboração de narrativas muitas vezes impulsionadas por uma motivação política de quem detém o poder e deseja ampliar sua legitimação<sup>41</sup> juntamente com um contexto de tradição oral e locais que facilitam a divulgação da narrativa parece ter sido o fator impulsionador da propagação e popularização da figura de Carlos Magno na Península Ibérica. O local mais apropriado para essa divulgação era o caminho de Santiago de Compostela que atraía muitos peregrinos à dita cidade. Era apropriado, ainda, pelo fato de que a narrativa constante em Pseudo-Turpin, em grande parte, é ambientada às margens do caminho ou tendo-o como cenário sempre apresentado, em pontos estratégicos. Exemplo disso pode ser observado numa passagem em que cristãos e muçulmanos se posicionavam para uma batalha em que a referência ao caminho de Santiago esteve explícita:

Así, pues, concedidas las treguas entre ellos, salió Aigolando con sus ejércitos de la ciudad y, dejándolos junto a ésta, fue con sesenta de sus magnates a una milla de distancia de la ciudad. Y los ejércitos de Aigolando y de Carlomagno estaban entonces en un espléndido llano que hay junto a la ciudad y que de ancho y de largo tiene seis millas. El camino de Santiago separaba a los dos ejércitos (CPT, p. 438).

Outra passagem em que se ratifica a relação de Carlos Magno com o caminho de Santiago e, portanto, o potencial desse lugar para divulgar a imagem do referido rei pode ser observada a seguir, quando é apresentada uma ação contra um líder muçulmano para a tomada da cidade de Pamplona. Na ação, uma das referências geográficas apresentadas é o próprio caminho de Santiago: “llegó Carlomagno con todos los otros ejércitos; y cubrieron toda la tierra desde el río Runa hasta el monte que por el camino de Santiago dista de la ciudad tres leguas” (CPT, p. 437). Portanto, uma crônica com o caráter de divulgação cuja ambientação decorre no local em que é difundida, amplia a margem de segurança para se afirmar que se trata de uma obra de grande alcance.

<sup>39</sup> Jacques Le Goff, no texto *Heróis e Maravilhas da Idade Média* (2009), no tópico específico sobre o cavaleiro Carlos Magno menciona brevemente suas façanhas no campo de batalha, mas sobretudo, discute a construção do mito conforme desenvolvido posteriormente. Em suas considerações, o ápice da construção do épico Carlos Magno ocorreu com a Crônica Pseudo-Turpin.

<sup>40</sup> De acordo com o que o artigo de Jaspert - *Carlomagno y Santiago en La Memoria Histórica Catalana* - nos possibilita compreender, a propagação de sua representatividade se dava de várias formas, mas, sobretudo pela comunicação de quem ouvia relatos sobre Carlos Magno ao longo do caminho de Santiago, e assim, levava a tantas outras pessoas, pelo relato pessoal de acordo com o que se entendia dessas histórias, pelas obras de arte e pelos cantos ou obras literárias que eram lidas aos peregrinos ao longo de suas peregrinações.

<sup>41</sup> E para isso busca referenciais históricos proeminentes que seja possível encontrar ou forçar certa relação.

Com essas considerações preliminares e visando ser coerente com a nossa proposta de trabalho, apresentaremos a seguir algumas questões da crônica por meio da qual temos afirmado que a imagem de Carlos Magno alcançou certa proeminência na Península Ibérica. Necessário esse movimento para que fique evidente não apenas traços do cavaleiro medieval na narrativa épica de origem franca, como também as características gerais de cada literatura, o que preconizam, exploram, enfim, que traços da narrativa épica franca podem ser diferenciados em relação à narrativa castelhana. Traços assim poderão colaborar para indicar aspectos característicos de uma literatura castelhana que supomos fazer parte da compreensão de sua identidade.

## 2.1 - A CRÔNICA PSEUDO-TURPIN

Pseudo Turpin é um termo referente ao personagem a quem é atribuída a narrativa da crônica, num claro objetivo de homenageá-lo. Mais que um nome, trata-se de um personagem que rememorado relacionado à lenda carolíngia, principalmente do período em que teria ocorrido as intervenções dessa dinastia durante o período em que governou Carlos Magno. Por essa razão, o nome de Turpin, arcebispo de Reims no final do século VIII, popularizou-se por ele ter participado das supostas vitórias lideradas por Carlos Magno e que foram epicamente narradas na crônica denominada Pseudo-Turpin. A obra, como sabido, é um dos textos que compõe o Liber Sancti Jacobi “Codex Calixtinus”, que é uma coleção de textos que versam sobre do caminho de Santiago de Compostela, também caracterizado como um guia para os peregrinos que percorriam o referido caminho.

O exemplar mais antigo e mais completo está conservado nos arquivos da catedral de Santiago e remonta aos anos de 1140-1160<sup>42</sup>. Ou conforme o autor Francisco Bautista Pérez:

Hacia 1130-1140, probablemente obra de Aimeri Picaud, puede localizarse la redacción del *Codex Calixtinus*, que contiene el llamado *Liber Sancti Jacobi*, o *Jacobus*, como lo llama su compilador, integrado por cinco libros que presentan sucesivamente los oficios litúrgicos ligados a Santiago, sus milagros, su *translatio*, la conquista de España por Carlomagno, con la apertura del Camino de Santiago, y una guía del Camino. El Libro IV, centrado en las conquistas de Carlomagno y Roldán en España, y presentado como una relación escrita por un testigo de vista, nada menos que el arzobispo don Turpin, alcanzó un éxito amplísimo (con más de cien manuscritos), siendo copiado de forma independiente o traducido a diversas lenguas y dando lugar a numerosas reelaboraciones de carácter histórico o poético. En todo caso, como se ha señalado en varias ocasiones, todas las copias conocidas del Libro IV, o Pseudo-Turpin, remontan directa o indirectamente al original compostelano, esto es, al *Codex Calixtinus*, lo que prueba la estrecha relación de esta pieza con el resto de la compilación y con el culto compostelano, asunto este que tiene además un protagonismo central dentro del relato de ese mismo Libro IV. (BAUTISTA PÉREZ, 2011, p.81-82).

<sup>42</sup> Dado de Adeline Rucquoi (2007, p.96).

Na crônica do Pseudo-Turpin, especificamente, no plano de fundo está a discussão da libertação do caminho de Santiago por Carlos Magno, pois a região, conforme a crônica, encontrava-se sob o domínio muçulmano. Aspecto da crônica este, que pode ser observado no trecho a seguir:

Por lo cual te hago saber que así como el Señor te hizo el más poderoso de los reyes de la tierra, igualmente te ha elegido entre todos para preparar mi camino y liberar mi tierra de manos de los musulmanes, y conseguirme por ello una corona de inmarcesible gloria. El camino de estrellas que viste en el cielo significa que desde estas tierras hasta Galicia has de ir con un gran ejército a combatir a las pérfidas gentes paganas, y a liberar mi camino y mi tierra, y a visitar mi basílica y sarcófago. Y después, de ti irán allí peregrinando todos los pueblos, de mar a mar, pidiendo el perdón de sus pecados y pregonando las alabanzas del Señor, sus virtudes y las maravillas que obró (CPT, p. 408).

Além disso, pode-se observar um caráter militante dessa literatura que, conforme permite compreender buscava difundir o aspecto religioso, cuja identidade das narrativas se centrava em antigos reis, imperadores e conquistadores, sendo que nos dois primeiros casos identificam-se a Carlos Magno. Esse gênero literário teve forte influência sobre elementos medievais como o ideal de cruzada e de realeza ocidental, justamente como se pode perceber em Pseudo-Turpin que explora a imagem de um rei fortificado que difundem ideais religiosos cristãos por meio da conquista pela guerra ou pelo debate teológico que é estabelecido entre um representante cristão e um líder muçulmano. A relação de rivalidade com o muçulmano é que deixa claro o ideal de cruzadas marcantes nessa obra. O trecho a seguir tem o objetivo de ilustrar essa questão, trata-se de um diálogo entre um cavaleiro cristão indicado por Carlos Magno, Rolando, para lutar contra um adversário caracterizado como um gigante de origem árabe, representante dos muçulmanos:

Ferragut, pues, cuando hubo dormido bastante, se despertó, y Rolando se sentó a su lado y comenzó a preguntarle cómo era tan fuerte y robusto que no temía espadas, piedras ni bastones.

- Porque tan sólo por el ombligo puedo ser herido, contestó el gigante.

Hablaba él en español, lengua que Rolando entendía bastante bien. Entonces el gigante comenzó a mirar a Rolando y a preguntarle así:

- Y tú, ¿cómo te llamas?

- Rolando, contestó éste.

- ¿De qué linaje eres que tan esforzadamente me combates?, preguntó.

Y Rolando dijo: Soy oriundo del linaje de los francos.

Y Ferragut insistió: ¿De qué religión son los francos?

Y respondió Rolando: Cristianos somos, por la gracia de Dios, y a las órdenes de Cristo estamos, por cuya fe combatimos con todas nuestras fuerzas.

Entonces, al oír el nombre de Cristo, dijo el pagano: ¿Quién es ese Cristo en quién crees?

Y Rolando exclamó: El Hijo de Dios Padre, que nació de virgen, padeció en la cruz, fue sepultado, de los infiernos resucitó al tercer día y volvió a la derecha de Dios Padre en el cielo.

Entonces Ferragut replicó: Nosotros creemos que el Creador del cielo y de la tierra es un solo Dios, y no tuvo hijo ni padre. Es decir, que así como no fue engendrado por nadie, tampoco a nadie engendró. Luego Dios es uno y no trino.

- Verdad es, dijo Rolando, que es uno; pero al decir que no es trino te apartas de la fe. Se crees en el Padre, cree en el Hijo y en el Espíritu Santo. Pues el mismo Dios es Padre, Hijo y Espíritu Santo, permaneciendo, sin embargo, uno en tres personas (CPT, p. 448-449).

O debate acerca da concepção de fé, acima, demonstra o caráter anunciado dessa literatura relacionado ao ideal de cruzadas. Na continuidade da narrativa, os argumentos do cavaleiro indicado por Carlos Magno vão modificando as certezas prévias de seu oponente acerca de sua fé, fazendo com que se estabeleça que o resultado da batalha entre eles indique também quem crê no verdadeiro Deus, e Rolando, fatalmente vence a Ferragut.

A obra em si se inicia com a lembrança do arcebispo Turpin, como se ele se dispusesse a escrever as realizações e aventuras que viveu com Carlos Magno e outros notáveis cavaleiros na região da Península Ibérica, nas quais defendeu a fé cristã e teria lutado pela libertação daquela região então ocupada pelos Muçulmanos desde o início do século VIII. A narrativa parte do pressuposto de que Carlos Magno, no momento da investida contra os Muçulmanos, já possuía certa proeminência em função do domínio exercido sobre outras regiões como a Baviera, Lorena e partes da atual Itália. Em virtude deste alargamento do espaço franco sob sua liderança, a crônica o destaca como o rei escolhido por Deus para libertar seu povo, pois aquele se encontrava sob o domínio dos muçulmanos no espaço ao sul dos Pirineus, o que pode ser verificado numa passagem da crônica citada acima e que repetimos adiante, parte da mesma: “El camino de estrellas que viste en el cielo significa que desde estas tierras hasta Galicia has de ir con un gran ejército a combatir a las pérfidas gentes paganas, y a liberar mi camino y mi tierra, y a visitar mi basílica y sarcófago” (CPT, 408).

Assim como nas narrativas bíblicas, Carlos Magno recebeu algumas mensagens que o incumbia de libertar os cristãos na Península Ibérica e também o corpo do apóstolo Tiago, narrado como ignorado em terras galegas, essas mensagens chegaram por meio de sonhos, nos quais, o próprio apóstolo dialogava com o rei não só atribuindo-lhe a missão, mas exaltando seu prestígio junto a Deus, que reconhecia Carlos Magno como digno e benfeitor das obras cristãs na terra. A narrativa indica que:

(...) vio en el cielo un camino de estrellas que empezaba en el mar de Frisia y, extendiéndose entre Alemania y Italia, entre Galia e Aquitania, pasaba directamente por Gascuña, Vasconia, Navarra y España hasta Galicia, en donde entonces se ocultaba, desconocido, el cuerpo de Santiago. Y como Carlomagno lo mirase algunas veces cada noche, comenzó a pensar con gran frecuencia qué significaría.

Y mientras con gran interés pensaba esto, un caballero de apariencia esplendida y mucho más hermosa de lo que decirse puede, se le apreció en un sueño durante la noche diciéndole:

- ¿Qué haces, hijo mío?

A lo cual dijo él:

- ¿Quién eres, señor?

- Yo soy, - contestó – Santiago Apóstol, discípulo de Cristo, hijo de Zebedeo hermano de Juan el evangelista, a quien con su inefable gracia se dignó elegir el señor junto al mar de Galilea, para predicar a los pueblos, al que mató con la espada de Herodes, y cuyo cuerpo descansa ignorado en Galicia, todavía vergonzosamente oprimida por los sarracenos. (...) te hago saber que así como el señor te hizo el más poderoso de los reyes de la tierra, igualmente te ha elegido entre todos para preparar mi camino y libertar mi tierras de manos de los musulmanes (CPT, 408).

A crônica apresenta a total dedicação de Carlos Magno que ao compreender as repetitivas mensagens, marchou sobre a região peninsular e ali conquistou muitas cidades. Algumas por meio de confrontos e outras pelo discurso<sup>43</sup>, desde os primeiros momentos da narrativa, a superioridade cristã se faz presente. A ação dos francos na Península Ibérica, ainda, não se limitou apenas à libertação do povo cristão, consistiu também na efetivação da derrota do inimigo e na apropriação dos bens materiais dos quais se dispunham aqueles. Os francos sob a liderança de Carlos Magno converteram esses bens em obras que homenageavam o apóstolo Tiago<sup>44</sup>.

Além das riquezas que se encontravam com os muçulmanos e que foram confiscadas pelos cristãos francos, as recompensas provenientes dos reinos cristãos que não tinha força suficiente para enfrentar o domínio islâmico, foram somadas, de acordo com a crônica e utilizadas para a construção de monumentos cristãos:

Con el oro que a Carlomagno dieron los reyes y príncipes de España, enriqueció la basílica de Santiago (...) Del restante oro, pues, y de la innumerable plata que sacó de España a su regreso de ella levantó muchas iglesias (...) e innumerable abadías que por todo el mundo hizo (CPT, p. 417).

Isso a que se propuseram os francos, liderados por Carlos Magno, conforme a narrativa da crônica *Pseudo-Turpin* pode ser compreendido como uma tentativa por parte de seus autores, de reivindicar um dos primeiros movimentos de combate aos muçulmanos já no século de sua entrada na Península Ibérica. Tamanha dedicação desse rei franco à causa cristã, tal como narrado nesta obra do século XII, aponta para o fato de que reivindicavam o pioneirismo em relação à abertura do caminho de Santiago, mas também deixa margem para inferir que os francos buscavam também se fazerem presentes no processo de lutas contra os muçulmanos na Península Ibérica, mais tarde conhecido como Reconquista<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> Um discurso marcadamente cristão em que expressar a palavra de Deus e sua grandeza em determinadas cidades às vezes era o suficiente para convencer e converter aquele povo, sem, portanto, nessas especificidades da narrativa o uso da força.

<sup>44</sup> Homenagens que podem ser traduzidas em obras. O verdadeiro cristão de acordo com a crônica é aquele que tem fé e a acrescenta com ações.

<sup>45</sup> Voltando às concepções de Máximo Diago Hernando, sobre o uso do mito no contexto político, permite-nos inferir que relacionar a grandeza do pioneirismo da Reconquista a Carlos Magno o enaltecia ainda mais e do ponto de vista político, em caso de êxito dos capetngios em relacionar sua imagem à do referido rei, com tantas

Apesar de estarmos mencionando os agentes narrados na obra no plural, buscando percebê-los na narrativa e não somente o seu líder, a crônica tem claro objetivo de exaltar a Carlos Magno e a causa cristã em detrimento aos muçulmanos. Exemplo disso é que nas investidas dos francos na Península Ibérica lideradas por Carlos Magno, eles superaram as adversidades que de acordo com a obra, só ocorreu devido a ajuda de Deus e a intercessão do apóstolo Tiago<sup>46</sup>.

Quaisquer situações de combate só poderiam ser vencidas pelos cristãos se seu líder, escolhido e legitimado por Deus estivesse à frente, movimento com o qual a narrativa ratifica a imagem de seu personagem principal. O trecho a seguir mostrará essa questão e indicará o início de um longo debate que se fará necessário discutir, para que seja entendida a caracterização dos cristãos em relação aos muçulmanos e como a imagem de Carlos Magno foi concretizada naquela narrativa:

Vuelto por fin Carlomagno a la Galia, cierto rey pagano de Africa, llamado Aigolando, con sus ejércitos conquistó la tierra de España, tras arrojar de las plazas fuertes y ciudades, y darles muerte, a las guarniciones cristianas que Carlomagno había dejado para proteger aquella tierra. Oídas estas noticias, de nuevo Carlomagno con muchos ejércitos volvió a España (CPT, p. 418)

Com sua volta, pretendeu-se narrar a resolução dos embates, os inimigos deveriam ser encontrados e se não se convencessem de sua condição de pagão e renunciasse a ela, seriam eliminados. Incisivamente, Carlos Magno é apresentado de forma que sua proeminência seja exaltada, mas o que o torna de fato relevante é a fidelidade à causa, sua disposição em enfrentar os inimigos da Igreja e estabelecer o cristianismo em regiões ameaçadas. De acordo com a narrativa, Aigolando, líder muçulmano, ao saber da volta de Carlos Magno o persegue, encontra-o com seus exércitos e estabelecem formas de combates, em todas elas, inapelavelmente, a vitória é cristã.

A obra transmitia uma mensagem aos seus contemporâneos, formadores de uma sociedade cuja lógica de compreensão da vida se pautava nos elementos religiosos, as explicações provinham deste viés, e neste sentido, percebe-se o potencial da *Crônica do Pseudo-Turpin* para fazer eco na mentalidade daquele contexto e cristalizar a imagem de Carlos Magno como um ideal de cavaleiro cristão.

[...] pues de la misma manera que los soldados de Carlomagno cuando iban a pelear, prepararon antes del combate sus armas para la lucha, así también nosotros debemos preparar nuestras armas, esto es, las buenas virtudes para luchar contra los vicios [...] y como los guerreros de Carlomagno murieron en el combate por la fe de cristo, de la misma manera también debemos nosotros morir para los vicios y vivir para las

---

glórias conforme construídas nessas narrativas, conseguiram o objetivo de fortalecerem-se e ampliarem sua legitimação.

<sup>46</sup> Por meio daquela dimensão já referenciada, o aspecto conceitual denominado como “maravilhoso”.

santas virtudes en el mundo hasta que merezcamos tener la florida palma del triunfo en el reino celestial (CPT, 423).

Considerando o caráter do *Liber Sancti Jacobi* “*Codex Calixtinus*”, constata-se que seus textos eram lidos aos peregrinos ao longo do caminho de Santiago, o embate entre cristãos e muçulmanos foi divulgado e o heroísmo de seu líder condutor, como já era recorrente na mentalidade medieval, foi reforçado. A narrativa coloca Carlos Magno à frente de situações de alguma maneira conhecidas ou mesmo vivenciadas pelos sujeitos do século XII. Não parece ser por acaso que um espírito de cruzadas esteja presente nesta obra, o heroísmo contra o inimigo já há muito conhecido, só enaltecia uma imagem que fora construída sob a ótica do expansionismo cristão.

Em *Pseudo-Turpin* pode-se inferir que Carlos Magno acumulou virtudes e teve-as difundidas, ratificando assim o argumento de Jacques Le Goff (2009), de que sua lenda se afirmara neste contexto. Além de popular e carismático, Carlos Magno detém qualidades relacionadas ao campo de batalha, é descrito como um estrategista que antecipa os movimentos do inimigo e é impiedoso para com eles, pois são, na visão cristã, inimigos de Deus.

Dentre as realezas cristãs, a dinastia carolíngia, sobretudo, sob a liderança de Carlos Magno e de acordo com o autor Jean Favier no livro intitulado *Carlos Magno*, caracterizou-se pelas estratégias militares e o uso da força em suas campanhas. Em *Pseudo-Turpin*, contexto do século XII, a imagem deste mesmo rei mantém aquela característica, mas é acrescida de fatores que liga o personagem ao conceito de maravilhoso, a um campo em que a relação com Deus é mais evidente e intermediada diretamente pelo apóstolo Tiago que teria enviado mensagem por meio de sonho, conforme citado anteriormente.

Esses elementos levam a uma consideração parcial: em função da manutenção do prestígio em relação às realezas, Carlos Magno pôde ser retomado e agregado elementos característicos de outro momento histórico, o que o levou a uma reafirmação, cristalizando-o na mentalidade também ibérica, no século XII<sup>47</sup>. O fato é que a imagem de Carlos Magno foi fortalecida naquele contexto em detrimento da imagem do inimigo então em evidência: os Muçulmanos. Estes são portadores do oposto das virtudes cristãs nesta narrativa, mas, por

---

<sup>47</sup> Também Ibérica, uma vez que, a crônica *Pseudo-Turpin*, uma das principais obras em torno desse rei foi divulgada no caminho de Santiago de Compostela, conforme temos apresentado.

outro lado, foram eles que possibilitaram o cenário consagrado do rei franco, especialmente na Península Ibérica<sup>48</sup>.

## **2.2 – ALCANCES E LIMITES DA LITERATURA ÉPICA DE ORIGEM FRANCA NA PENÍNSULA IBÉRICA.**

Como temos indicado até o momento, é possível identificar a presença de cavaleiros medievais de origem externa à Península Ibérica, provenientes do reino dos francos, por meio da literatura épica. Esse alcance deveu-se, sobretudo, a exemplares de texto e contexto como o mencionado no tópico anterior. Apesar disso, também foi apresentado no primeiro capítulo que esse processo de difusão de personagens externos teve limite demarcado na região ibérica, e para isso, há uma bibliografia apresentada que fundamenta a ideia de que essa contestação também significa alguns princípios de construção da identidade no reino de Castela<sup>49</sup>, marcada como uma reação expressa culturalmente, uma vez que ocorreu num momento em que hoje se debate como no qual teria surgido a literatura épica castelhana.

Em função disso, pode-se salientar que compreender as manifestações culturais num cotidiano parece requerer a sensibilidade de uma observação que abarca o cuidado com os processos vivenciados por uma sociedade. A formação da Identidade ou sua mutação no caso de quando já consolidada (?) se dá pelo desenrolar de vivências de cada especificidade, justamente esse ato contínuo das relações humanas, ao mesmo tempo em que demarca e caracteriza os aspectos formativos de um povo, também o faz modificar-se, o faz encontrar novos valores mais condizentes com sua realidade cultural.

Também em função disso é que a literatura épica pode ser pensada, neste caso a castelhana, como uma expressão e exacerbação de valores intrínsecos à especificidade local. Esse processo histórico formador de um posicionamento e reconhecimento autóctone parece estarem bem indicados<sup>50</sup>, por exemplo, na História Silense, do século XII, conforme mostra Francisco Bautista Perez, apresentado no capítulo anterior.

Nesta obra, o fato de ser uma produção castelhana que questiona a presença dos francos na Península Ibérica demonstra seu caráter de contestação a uma introdução de valores estrangeiros. Melhor ainda, e isso é importante reconhecer, que ao combater as glórias

---

<sup>48</sup> Isso nos remete ao historiador Henri Pirenne quando afirmou que sem Maomé, a figura grandiosa de Carlos Magno seria inconcebível: PIRENE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o impacto do islã sobre a civilização europeia*. Tradução: Regina Schopke e Mauro Balade. Rio de Janeiro, ed. Contraponto LTDA, 2010.

<sup>49</sup> Dentre os autores que permitem emitir essa inferência estão Francisco Bautista Pérez, Adeline Rucquoi, Martin de Riquer, Ramón Menéndez Pidal, Nikolas Jaspert, José Rivair Macedo, cujos textos estão referenciados neste trabalho.

<sup>50</sup> No caso de Castela que aqui nos interessa.

que os francos divulgavam em suas obras épicas na Península Ibérica<sup>51</sup>, possibilita a compreensão de que, fatalmente, essa literatura circulou e obteve impactante sucesso no imaginário peninsular.

Por outro lado, e assim temos insistido, é justamente o surgimento dessa narrativa na Península Ibérica preocupada com seus embates locais é que evidencia um princípio de aversão à continuidade das elaborações que apresentam os personagens francos como os protagonistas de processos históricos ali decorrentes. Além disso, no caso da narrativa que lançamos mão para debater os elementos característicos da produção castelhana, o *Poema de Mio Cid*, é evidenciada uma considerável ruptura com aspectos das narrativas épicas francas<sup>52</sup>, como por exemplo, a maior aproximação ao aspecto realista da narrativa e a própria concepção de herói, forjado nas lutas intrínsecas de seu contexto, inferindo, portanto, princípios de uma identidade local.

Essas inferências, porém, juntamente com a concepção de que a elaboração de uma literatura épica também é uma demonstração e exemplos de produção cultural, levam-nos à questão da Identidade, conforme desenvolvida por Stuart Hall<sup>53</sup>. Evidencia este que:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 43).

A transformação de que fala Stuart Hall, até mesmo pelo o que foi indicado acima reforça essa ideia de reconhecer a expressão épica literária castelhana como elemento de manifestação cultural que defendia um sentimento e reconhecimento de especificidade, ou seja, de princípios que sugerem a construção da Identidade.

<sup>51</sup> Como em Pseudo-Turpin e na Canção de Rolando.

<sup>52</sup> Que muitos defendem ter a épica “francesa” a inspiradora da castelhana.

<sup>53</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

### 3 – O CANTAR DE MIO CID: ORIGENS E UMA PERSPECTIVA DA LITERATURA ÉPICA CASTELHANA

Há uma ampla discussão acerca do *Cantar de Mio Cid*. Há uma gama de considerações e debates sobre o próprio personagem, El Cid, o Rodrigo Diaz de Vivar. Aliás, um aspecto que não se deve confundir: o herói<sup>54</sup> idealizado e o homem em seu tempo, o Rodrigo Diaz<sup>55</sup>. Interessa-nos aqui compreender a forma como a narrativa épica da qual lançamos mão abarca sua história, como contribuiu para sua idealização na forma de um herói castelhano do século XI e de que maneira pode auxiliar na compreensão desse processo que parece indicar os princípios de um sentimento de pertencimento a uma região, justamente o que estamos chamando aqui de Identidade para com a mesma, Identidade esta que consideramos ter sido formada na negação do elemento externo conforme debatido nos primeiros capítulos.

Partimos, assim, da concepção de que o *cantar de Mio Cid* é uma das obras conhecidas mais antigas da literatura épica castelhana. Para Miguel de Unamuno, por exemplo, na narrativa “se canta al héroe, que simboliza la afirmación de la voluntad indígena frente las intrusiones extranjeras”<sup>56</sup> (UNAMUNO, 1977, p.57). O autor deixa claro o termo “cantar” e não poema, diferenciação que também o faz Martín de Riquer, pois a obra havia sido criada para ser cantada e também, dessa forma, foi denominada pelo seu autor nos últimos versos da narrativa: “Y en llegando a este punto se acaba la canción” (PMC, 1998, p. 152). Além disso, o trecho de Unamuno expressa esse caráter auto afirmativo baseado na negação de elementos externos que também acreditamos. Dito isso, passemos a uma observação acerca do que se tem debatido sobre a datação da obra.

Numa apresentação mais sucinta de Juan Manuel Rodrigues na introdução do *Poema del Mio Cid*, fica claro que: “es una copia hecha en 1207 por un tal Per Abbat, pero parece que fue escrito por un mozárabe de la frontera de Medinaceli hacia el año de 1140. El código que se conserva está incompleto, faltándole una hoja al comienzo y dos en el interior del poema” (ANÓNIMO, 1998, p. 12).

---

<sup>54</sup> Uma conceituação possível acerca de um herói épico, por exemplo, pode ser verificada segundo Ernest Curtius: “o herói é uma pessoa que conjuga os atributos de sua sociedade”, em CURTIUS, Ernst. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 1926, p. 223. Apesar de na narrativa épica prevalecer uma descrição do sujeito heroicizado, ela também costuma apresentar aspectos conjugados do tempo em que o mesmo viveu, portanto, uma riqueza evidenciada desse tipo de obra. Parece ser nesse sentido que Georges Duby infere que “uma obra, narrativa ou poema sobre determinado indivíduo só teria importância se pudesse informar sobre a coletividade”, conforme em DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 139.

<sup>55</sup> Acerca da História de Rodrigo Diaz de Vivar, pode-se ver na seguinte referência: MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *El Cid Campeador*. Madrid, Espasa-Calpe, 1950.

<sup>56</sup> UNAMUNO, Miguel de. *Gramática y glosario del Poema del Cid*. Madrid, Espasa-Calpe, 1977.

Para Menéndez Pidal, mencionado por Juan Manuel Rodrigues, a obra com a qual temos contato é a fusão de duas versões, sendo a primeira de um poeta de São Estevam de Gormaz, em Soria. A segunda seria de um poeta de Medinaceli, numa versão mais moderna, escrita por volta de 1140.

Outro autor, Colin Smith, acredita ter sido Per Abad, de fato, o autor da obra, em 1207, dada a forma como foi escrita ser condizente com a experiência e posto social do mencionado suposto autor<sup>57</sup>.

Quanto a essa discussão, parece-nos necessário considerar outro posicionamento, um pouco mais recente, acerca do *Poema de Mio Cid*. Agora, partindo das proposições de Richard Fletcher no texto *En Busca de El Cid*. Uma informação que podemos destacar inicialmente é que o manuscrito mais antigo dessa obra que chegou até o período contemporâneo, de acordo com Fletcher, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid, copiado por volta do ano de 1350, com uma inscrição em seu final indicando que Per Abad o escreveu em 1245 da era espanhola, correspondente ao ano de 1207, conforme nossa datação.

Quanto a isso, Richard Fletcher faz algumas considerações que inclusive contrapõe as inferências de Colin Smith acerca da possível data de elaboração do Cantar. Apesar de reconhecer em Smith uma brilhante defesa de sua concepção, a qual admitia que a obra havia sido desenvolvida por Per Abad em 1207, salienta Richard Fletcher, o seguinte: “supondo que o escriba do século XIV tenha copiado corretamente o exemplar que ele tinha diante de si, fica claro que o épico já existia na forma que o possuímos, no ano de 1207” (FLETCHER, 2002, p. 253). Com isso, este autor se coloca dentre os que não se convencem do que havia defendido Colin Smith, acreditando que essa elaboração ocorreu pouco antes de 1207, mas não anteriormente ao ano de 1175.

Sendo qual for a data, e isso requer uma análise, pois implica algumas considerações parciais, o fato é que o Cid possui características inegáveis no Cantar. Os exemplos a seguir terá o intuito de demonstrar isso.

Trata-se de um personagem castelhano, que sofre posteriormente ao seu desterro, por ser obrigado a deixar sua amada terra [conforme descrição do Cantar], mesmo que diante de uma retirada motivada por intrigas injustas, o Cid mostra que deseja voltar: “-¡ Albricias, Alvar Fáñez, -exclama-, nos han desterrado, pero hemos de tornar con honra a Castilla” (PMC, 1998, p.22). Além disso, a narrativa mostra que, a partir do momento que ele consegue

---

<sup>57</sup> Em outra passagem deste trabalho há uma referência a Colin Smith em que defende que a forma como foi escrita a obra mostra que teria sido elaborada por alguém acostumado a se expressar nos pergaminhos, alguém relacionado à área do direito, que é também a forma como enquadrava Per Abad.

suas conquistas e as consequentes riquezas, empenha-se no ornamento da catedral de burgos, em Castela, o que evidencia sua dedicação à terra natal.

Não obstante, trata-se de um personagem extremamente cristão nessa narrativa, a qual não aborda o aspecto profissional do Cid histórico que como sabido chegou empreender algumas lutas por dinheiro, seja do lado cristão ou muçulmano. Roga constantemente a santa Maria e tem uma devoção particularmente especial por são Tiago, invocado muitas vezes em suas orações, como por exemplo, na passagem a seguir em que expressa sua devoção e evidencia seus protetores: “-jen nombre sea de Dios y del apóstol Santiago!” (PMC, 1998, p. 65). Particularmente interessante dada a história de são Tiago na península Ibérica, em especial na Galícia onde os castelhanos possuíam importante influência.

Outro aspecto é o fato de que a relação senhorial entre o rei Alfonso VI e Rodrigo Diaz de Vivar, sobretudo da parte deste, permanece inalterável do ponto de vista da lealdade jurada. Apesar do concebido por Cid injusto desterro, a narrativa evidencia um cavaleiro fiel ao seu rei, perceptível inclusive nas atitudes:

(...) El Cid (...) Señor de Valencia, donde ha creado por su mano m obispo, y se ha batido en cinco lides campales, triunfando en todas. Grandes ganancias le ha dado Dios, y he aquí las pruebas de que os digo verdad: cien caballos, fuertes y corredores provistos de sillas y de frenos, que el Cid os suplica que aceptéis. Es [como siempre] vuestro vasallo y [como siempre] os tiene por su señor. (PMC, 1998, p. 72-73).

Esses pontos mencionados sobre as características do cavaleiro em questão na literatura épica *Poema del Mio Cid* nos servem no propósito de exaltar sua origem castelhana, e como tal, uma expressão relevante da Identidade local, a partir da escrita épica, mas também nos serve para voltar ao debate acerca do período em que essa obra foi escrita. Pois, se a literatura constrói o personagem na perspectiva de certos valores, então, faz-se necessário acrescentar o questionamento que Richard Fletcher o fez, conforme presente em seu livro *Em Busca de El Cid*. Questionar a datação da obra implica partir de uma concepção sobre o personagem, ou seja, sua imagem construída no poema poderia servir a quem? Considerando essa questão, o autor mencionado apresenta um breve contexto histórico que pode fundamentar a ideia de que a obra teria sido elaborada por volta do ano de 1175, ou como indicamos antes com base neste autor, não teria sido elaborada antes do referido ano. Segundo Fletcher:

A expansão territorial alcançada por Afonso VII, como a conquista de Almería, tornou-se possível, em grande parte, pelo colapso do domínio almorávida em Al—Andaluz, ocorrido entre as décadas de 1140 e 1150. Mas essa expansão não sobreviveu muito tempo à morte de Afonso VII. Uma nova seita de fundamentalistas islâmicos, os almôadas, havia crescido no Magreb a partir da década de 1120, em reação ao que era visto por eles como a crescente corrupção do regime Almorávida: as lideranças Almorávidas haviam “amolecido”, traindo as ideias do movimento em suas origens. A intervenção dos Almôadas na Espanha começou nos últimos anos do

reinado de Afonso VII e, em 1173, ela já tinha totalidade de Al-Andaluz sob seu poder. Enquanto isso, os domínios de Afonso foram divididos por ocasião de sua morte em 1157, nos dois reinos de Leão e Castela, para seus dois filhos que ainda viviam. O mais velho Sancho III de Castela morreu ainda jovem deixando, para sucedê-lo, um filho ainda bebê, Afonso VIII. Os primeiros anos do reinado desse menino foram extremamente agitados pelas lutas entre as facções rivais da aristocracia que disputava o poder na regência, às vezes pedindo ajuda ao tio da criança, Fernando II de Leão. Esse período de instabilidade até mesmo de guerra civil intermitente, coincidiu obviamente, com a época em que os Almôadas pressionavam fortemente as fronteiras de Castela ao sul. (uma historiadora recente, María Lacarra, tentou relacionar de forma direta a composição do poema de Mio Cid com esse período de turbulência na aristocracia.) somente após o jovem Afonso VIII ter atingido a maioridade, em 1169, que algum grau de estabilidade foi restaurado na vida pública de Castela. Mas a ameaça Almôada ainda existia e, em 1195, em Alarcos, suas forças afligiram em derrota decisiva ao rei castelhano. Mas essa veio a ser a sua última investida. Em 1212, Afonso VIII venceu uma batalha ainda mais decisiva, derrotando os Almôadas em Las Navas de Tolosa. Seu sucessor, Fernando III, que reuniu as coroas de Leão e de Castela usou essa vitória para dar ímpeto a uma cruzada de reconquista que alcançou o extremo sul. Em 1236, ele conquistou Córdoba e, em 1248, Sevilha. Dessa vez, o avanço cristão foi definitivo. (FLETCHER, 2002, p. 256-257).

Diante do exposto, fica clara a importância que a imagem do Cid, conforme sua construção no poema teria no reino de Alfonso VIII (1158-1214). Para Richard Fletcher “Aí havia um reino posto em perigo por aqueles que colocavam os interesses setoriais acima do bem comum, que negligenciavam seu patriotismo cristão e esqueciam-se de seus deveres para com o rei” (FLETCHER, 2002, P.257). O Cantar possuía um conteúdo interessante para alertar essas camadas da sociedade castelhana de suas responsabilidades e obrigações para com o rei, portanto, a figura idealizada do Cid naquele contexto poderia servir de alerta para o conturbado quadro social então vivido e reforçar a necessidade do empenho em prol manutenção da hierarquia e a organização do reino a partir desse princípio.

Apresentado o problema da datação e a fundamentação que justifica inferir esse marco de origem, pode-se avançar ao conteúdo da obra:

Destaca-se inicialmente a forma como é escrito, apresenta as façanhas de el Cid exacerbando sua imagem como o cavaleiro mais proeminente do século XI na Península Ibérica, especificamente, cavaleiro vassalo do rei Alfonso VI, rei de Castela entre os anos de 1072 e 1109. A narrativa se inicia já debatendo o desterro de seu herói, desterro este que ocorreu, de acordo com a obra, pelo fato de que o Cid foi acusado por pessoas da corte<sup>58</sup> de desviar os recursos provenientes de impostos que supostamente havia recolhido dos reis mouros de Al-Andaluz, por esse motivo, Alfonso VI havia exigido sua retirada do reino de Castela. A partir daí, descreve-se a preparação para a sua saída, a definição dos vassalos que o

<sup>58</sup> A acusação de nobres a cavaleiros proeminentes é um fator que Menéndez Pidal colabora com importantes esclarecimentos: “La envidia tenía en la sociedad de entonces extraordinario poder. Los acusadores, al oído del rey, alcanzaban durante ciertos momentos de los siglos XI y XII una increíble preponderancia en la vida política”. MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. Madrid. Ed. Espasa-Calpe, 1929.

acompanhariam, os quais foram denominados de fiéis cavaleiros. O primeiro cantar se concentra, então, neste desterro e preparação para a saída de Rodrigo Diaz de Castela e na resolução de pendências relacionadas à sua família.

No segundo cantar a narrativa se concentra nas sucessivas conquistas de el Cid, dentre elas, a mais destacável foi tomada de Valência. Com essas conquistas e uma reaproximação a Alfonso VI, do qual consegue o perdão, o Cid consegue a benevolência e liberação para que sua família fosse morar consigo em sua nova e proeminente cidade então dominada. Após a reaproximação com Alfonso VI acompanhado de presentes que o campeador oferecia ao seu rei, a obra passa a narrar a articulação de um golpe por parte de nobres infantes de Carrion, Fernando e Diego González, de importante família que compõe o grupo pertencente à corte de Alfonso VI. Os referidos infantes buscam e conseguem apoio de seu rei para viabilizar o seus casamentos com as filhas de Rodrigo Diaz de Vivar. O cantar segundo se finaliza com a realização do sacramento entre as filhas de el Cid com os Infantes de Carrion.

No terceiro cantar é narrado a fragilidade dos infantes de Carrion. Mostra-se a covardia destes frente às batalhas e a vida cotidiana. Consequentemente, e apesar da narrativa os apresentar como portadores de enorme covardia, desenvolve-se a tentativa dos então genros do Cid de concretizar o golpe tramado ao esboçarem, sem sucesso, livrarem de suas respectivas esposas e fugir com a riqueza que possuíam. O plano acaba não obtendo êxito e o Cid busca sua vingança exigindo que Alfonso VI, organizasse um tribunal para julgar os malfeitores. O rei, por sua vez, já numa fase da história em que reconhece o Cid como seu proeminente vassalo o concede o pedido. Com o fim do julgamento, Rodrigo Diaz, enfim, consegue não apenas sua justiça, mas também um casamento digno para as suas filhas, desta feita com infantes de Navarra e Aragão. Aliás, com essa resolução final se encerra o cantar.

Seu final, aliás, conforme já indicara Martín de Riquer evidencia do que se trata essa obra: um cantar<sup>59</sup>. Afinal, defende, não havia sido elaborada para ser lida, e sim cantada. Em torno de toda narrativa o texto conta a vida do herói castelhano, o constrói. Nessa construção, então, é que verificamos aspectos do cotidiano medieval ibérico, como por exemplo, o regimento da vida social<sup>60</sup>, sendo a preocupação em narrar as questões inerentes ao contexto no que concerne à práxis social, justamente o diferencial dessa obra que ao seu modo,

---

<sup>59</sup> RIQUER, Martín. *Prólogo al cantar del Cid*. Madrid. Ed. Espasa-Calpe, 1979. Obra na qual evidencia a preferência em se referir à obra em questão como *Cantar Del Cid*, justamente pela forma como termina e pela maneira como era difundida: cantada.

<sup>60</sup> O debate acerca da Identidade a partir da perspectiva comparativa entre elementos da literatura épica francesa em especial a que aqui analisamos no segundo capítulo e a literatura épica castelhana na especificidade da obra que estamos apresentando neste capítulo leva em consideração não apenas o caráter que envolve os heróis inerentes às obras como também os aspectos sociais da época de sua elaboração.

evidenciava práticas condizentes ao espaço e período, sem deixar de expor um herói, o elo intrínseco à literatura épica, conforme as próprias concepções de Aristóteles<sup>61</sup>.

### 3.1 TEORIAS SOBRE A ORIGEM DA ÉPICA CASTELHANA NA IDADE MÉDIA.

Comumente ouvem-se menções a uma Idade Média marcada pela reputação nefasta, cujo povo cultuava o que se denomina como retrógrado, considerações sobre sua época que a enquadram como mantenedora da violência, em que havia a reincidência constante da fome e do sofrimento, além do mais, para muitos, foi o período de predomínio da superstição. Juan Manuel Rodrigues na introdução do *Poema de Mio Cid*, edição de 1998, apresenta que o termo Idade Média apareceu em latim entre os humanistas do século XV e teve sua difusão, no século XVII com o livro *Historia Medii Aevi, a temporibus Constantini Magnus ad Constantinoplam a Turcis, Deducta*<sup>62</sup>.

Outro autor que demonstrou relevante preocupação com este tema foi Julio Valdeón Baroque, no artigo intitulado *La Valoración Histórica de La Edad Media: Entre el mito y La Realidad*, para ele, qualquer menção à Idade Média caracteriza uma referência a um conceito inventado, pois os sujeitos que vivenciaram o período não concebiam aquela denominação, simplesmente viviam o seu tempo. Além disso, este autor menciona outra importante referência, Jacques Heers com o texto *La Invención de La Edad Media*, voltado justamente para esse processo de se repensar as concepções acerca da Idade Média.

O que observamos, portanto, com base nesses autores que vêm discutindo especificamente a essa questão é que as concepções pejorativas e simplistas acerca da Idade Média continuam cada vez mais não condizentes com a grandeza de possibilidades que este período apresenta<sup>63</sup> e neste trabalho houve a opção por analisar duas fontes de gênero específico, elaboradas no medievo com amplas possibilidades em torno delas. O gênero em questão são narrativas denominadas de literatura épica e um dos pontos instigantes é o fato de que não se tratam de meras expressões literárias ou meras ilustrações de algo do período no

<sup>61</sup> Mencionado por Francisco Rico em seu *ensaio sobre Cantar de Mio Cid* disponível em: [http://www.rae.es/sites/default/files/Hojear\\_Cantar\\_de\\_Mio\\_Cid.pdf](http://www.rae.es/sites/default/files/Hojear_Cantar_de_Mio_Cid.pdf).

<sup>62</sup> De Cristóbal Cellarius, Jena, 1688.

<sup>63</sup> Sobre isso, vale também mencionar algumas considerações importantes de Jacques Le Goff sobre a relevância da Idade Média: “Esta longa Idade Média é, para mim, o contrário do hiato visto pelos humanistas do Renascimento e, salvo raras exceções, pelos homens das luzes. É o momento da criação da sociedade moderna, de uma civilização moribunda ou morta sobre as formas camponesas tradicionais, no entanto viva pelo que criou de essencial nas nossas estruturas sociais e mentais. Criou a cidade, a nação, o Estado, a universidade, o moinho, a máquina, a hora e o relógio, o livro, o garfo, o vestuário, a pessoa, a consciência e, finalmente, a revolução. Entre o neolítico e as revoluções industriais e políticas dos últimos dois séculos, ela é pelo menos para as sociedades ocidentais não um vazio ou uma ponte, mas um grande impulso criador cortado por crises, graduado por deslocamentos no espaço e no tempo segundo as regiões, as categorias sociais, os sectores de actividade, diversificada nos seus processos (LE GOFF, 1979, p.12).

qual estão situadas, mas apresentam vieses ideológicos, de forma que se pode inferir com total segurança que não se trata de materiais desprezíveis, o que colabora com o olhar revisionista acerca das concepções relativas à Idade Média.

Discutir, portanto, uma narrativa épica castelhana neste capítulo implica minimamente a necessidade de apontar que esta se situa num período em que havia na Península Ibérica uma diversidade de línguas, dado o rompimento de regiões e formação de blocos após o estabelecimento dos muçulmanos, desde o VIII. Isso importa, sobretudo, a um trabalho como este que discute princípios de identidade, pois a língua é um dos aspectos em que se pode verificar uma distinta peculiaridade. Partindo ainda das indicações de Juan Manuel Rodrigues, na introdução do *Poema de Mio Cid*, o cenário linguístico da Península pode ser determinado da seguinte maneira:

Entre los siglos VIII e IX, el dialecto preponderante fue el asturiano de la corte Visigoda toledana que se había refugiado en Oviedo. Al trasladarse la corte a León, el dialecto leones fue el predominante: asturiano-leones. A éste se sumaban el gallego-portugués y el catalán. En la zona sur, musulmana, se hablaba el mozárabe que era el primitivo romance de los hispano-godos, con grandes afinidades con el catalán y gallego-portugués. En la alta Castilla se hablaba el romance castellano. A partir del siglo XI tenemos dos lenguas romances aventajadas, la castellana y la gallega; al Sur, la mozárabe; en el Noreste, el catalán, con grandes influencias provenzales (ANÓNIMO, 1998, p. 9).

Concernente especificamente ao assunto que abarca este trabalho, o autor supracitado na introdução do *Poema Del Mio Cid* afirma que: “Las tres lenguas romances, la gallega, la mozárabe y la castellana, producirán una primitiva lírica popular de contenido amoroso, religioso y costumbrista (*jarchas, cantigas, canciones*, que enriquecerán al *romancero*)”. (ANÓNIMO, 1998, p. 9).

Numa dessas línguas destacadas pelo autor acima, a castelhana, interessa-nos sobremaneira. Sobre esta, tem-se debatido com base nos estudos de especialistas como Ramón Menéndez Pidal acerca da origem dessa literatura, concentrando-se em três principais teorias que indicam mesmo nos dias atuais os possíveis caminhos para se pensar sobre as origens da épica castelhana.

Na primeira, compreende-se que a épica castelhana se originou do “francês”<sup>64</sup>, ideia que é sustentada, dentre outros elementos, no fato de que existem semelhanças de métrica e porque já estaria bem desenvolvida quando apareceu a épica castelhana. Isso, portanto, foi contestado por Ramón Menéndez Pidal (1869-1968), que argumentava indicando que já existia uma narrativa épica na região da atual Espanha antes que nesta fosse introduzida a

---

<sup>64</sup> De uma narrativa proveniente daquela região. No referido contexto, a ideia de França conforme compreendemos atualmente não existia.

épica “francesa”. Insiste ainda, conforme relembra Juan Manuel Rodrigues ainda na introdução do *Poema del Mio Cid* (p. 9), que a narrativa castelhana já cantava as canções de gesta de Fernán Gonzalez y dos Infantes de Lara.

A segunda teoria defende que a épica castelhana teve origem germânica, já que entre os visigodos existiam narrativas com essas características. O próprio Ramón Menéndez Pidal (1869-1968), reconhecido estudioso da temática foi um dos defensores dessa ideia indicando que é conveniente supor para a épica castelhana a mesma origem germânica atribuída a esse gênero no caso dos elaborados no espaço “francês”. Argumenta reconhecendo justamente “el carácter germánico de la sociedad descrita en la epopeya castellana, como el duelo, la espada con nombre propio, la consulta del rey a sus vasallos, el héroe que crece en batalla con la presencia de su mujer e hijos, el cumplimiento del voto por parte del guerrero” (ANÓNIMO, 1998, p. 10).

Por outro lado, possíveis argumentos contrários a essa teoria podem inferir que os povos germânicos que chegaram até a Península Ibérica já estavam romanizados, de forma que não tinham mais força para trazer e sustentar suas tradições e costumes, isso, portanto, consistiria numa questão polêmica para se repensar essa tese.

Juan Manuel Rodrigues aponta uma terceira discussão acerca da origem da épica castelhana: desta feita proposta por Julián Ribera (1858-1934), estudioso arabista que viveu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. Este sugeriu que a épica castelhana teria se originado da literatura romance moçárabe fronteira, cantada por cristãos cujo cotidiano estava relacionado ao dos árabes. Introduz essa questão após a conclusão da existência de uma épica Andaluza desde o século IX e por se concluir também que a chamada Espanha muçulmana era considerada a mais civilizada da região que atualmente corresponde à Europa e, portanto, não seria de se estranhar se essa literatura tivesse influenciado a épica castelhana (ANÓNIMO, 1998, p.10).

Nossa análise, portanto, referente ao *Cantar de Mio Cid* leva em consideração, inicialmente, o debate acerca da origem dessa narrativa justamente pelo fato de nossa fonte de análise se enquadrar como uma épica castelhana e sua origem poder ter relação com o debate ao qual nos propomos, ou seja, sobre os princípios de uma Identidade naquela região<sup>65</sup>. Nos aspectos gerais das três teorias, isto é, desses princípios nos quais está inerente a tentativa de explicação desse problema, é possível estabelecer certa relação com o cantar de Mio Cid.

---

<sup>65</sup> Argumento que inferimos a partir da análise comparativa de fontes de origem franca e castelhana, conforme indicado ao longo do texto e baseados também numa bibliografia apresentada no primeiro capítulo desse trabalho.

Conforme temos indicado, por ter circulado na Península Ibérica uma literatura originada no reino dos francos, parece-nos viável relacionar a origem desse texto que faz parte da épica castelhana à influência “francesa”, sobretudo, não só pela circulação, como também pela difusão da *crônica do Pseudo-Turpin* e da *Canção de Rolando* com capacidade de marcar o imaginário castelhana com personagens que eram apresentados, principalmente ao longo do caminho de Santiago. Se, por um lado é possível apontar as diferenças dessas narrativas, conforme também defendemos, por outro, também o é considerar sua semelhança de métrica, conforme afirma existir o especialista Ramón Menéndez Pidal (1869-1968), que mesmo não sendo adepto a essa explicação reconhece tal similitude<sup>66</sup>.

A segunda teoria apresentada, compartilhada por Ramón Menéndez Pidal, também é interessante, sobretudo, pelas razões indicadas. Uma leitura do *Cantar De Mio Cid* possibilita verificar suas características germânicas que o próprio autor supramencionado evidenciou: nota-se: 1) a existência dos duelos como os realizados pelos homens do Cid contra os infantes de Carrion, seus então genros, após a tentativa de golpe por parte dos infantes<sup>67</sup>. 2) verificam-se ainda as espadas com os nomes próprios, como as que o Cid conquistou em batalhas, denominadas “Tizona” e “Colada”, para as quais a narrativa reserva importante espaço; 3) referente à mulher e filhos, durante o desterro do Cid a lembrança

---

<sup>66</sup> Não se pode ignorar uma defesa dessa relação da épica castelhana com o modelo francês, mesmo que esta tenha uma ressalva de que a épica castelhana possua seu espírito peculiar. Análise esta que apresenta Colin Smith ao referir-se do autor de Poema Del Cid: “En ese período se habrá formado un Per Abad, nacido quizá por los años de 1170, y habría viajado o estudiado algo en Francia, cuya lengua—se ve por el uso que hace de fuentes francesas—dominaba; lo cual es más verosímil que suponerle residente permanentemente en Burgos, a pesar de la presencia en la ciudad de una colonia de *francos* y de cierto ambiente cultural francés, del que muy poco sabemos. El nuevo enfoque, pues, tiene que ver con un autor individual y culto, que tenía o en la memoria o en su mesa de trabajo una extensa gama de poemas, episodios, y detalles de poemas franceses, y de algunos textos en latín clásico y medieval, con que ir formando su propio poema. Así, creo, son los poetas: gente que ha leído y escuchado mucho, y cuya propia obra en diferentes medidas es reflejo de ese leer y escuchar. Aquí no hay nada misterioso, nada revolucionario. En cuanto al estilo y a la narración, tenía nuestro poeta en la épica francesa un modelo desde hada mucho tiempo establecido y conocido en muchas regiones de Europa: modelo de los más nobles que bien valía la pena imitar, y superar, en una maravillosa creación donde campea la propia personalidad del autor novel y donde se expresa un espíritu castellano muy diferente del francés” (SMITH, 1980, p. 33).

<sup>67</sup> De acordo com a descrição do Poema, esses infantes de Carrión (chamados de Fernando e Diego) pertenciam a uma família influente na nobreza de Alfonso VI e, ao passo que discordavam da ascensão de Rodrigo Diaz de Vivar e da benevolência de Alfonso VI para com este, viram também a possibilidade de usufruir da riqueza que o Cid conquistou, por meio de casamentos com suas filhas, ou seja, tramando um golpe. O desenvolvimento dessa articulação mostra que, de fato, conseguiram o casamento e tentaram efetivar o golpe numa passagem em que tentaram se livrar das esposas e fugir com a riqueza que possuíam, no entanto, os infantes não executaram de maneira perfeita a morte de suas esposas que foram salvas e, a partir de então, o Cid busca sua vingança, não por via de embates diretos, mas recorrendo à justiça de Alfonso VI que, para a resolução do sucedido organizou um julgamento na cidade de Toledo, onde reuniu toda a sua corte. Além de todas as reparações requisitadas pelo Cid, este obteve também a restauração de sua honra em duelos concedidos pelo rei, nos quais, os homens do Cid venceram a seus oponentes e concretizou a justiça pretendida por Rodrigo Diaz de Vivar. Essa questão do duelo, portanto, evidencia a característica germânica da obra, dada não só a sua existência como também a centralidade do episódio do julgamento.

desses familiares também são essenciais para sua motivação e, por fim, 4) dentre as características que ligam a literatura épica castelhana à uma origem germânica passível de observação no *Cantar de Mio Cid* está o cumprimento do voto por parte do guerreiro. No caso do personagem em questão, a narrativa o constrói como um homem honrado e sua palavra e promessas são invariavelmente cumpridas.

Não se pode ignorar também, alguma viabilidade presente na terceira teoria apresentada, sobretudo pelo fato de haver apontado que havia os cristãos das fronteiras entre possessões cristãs e muçulmanas que experimentaram as duas experiências cotidianas e desenvolveu no século IX uma épica andaluza marcada por certo realismo da convivência social. De alguma forma, o *Cid* do cantar aqui analisado, mesmo que idealizado apresenta certa lógica contextual mais próxima de uma realidade cotidiana do que aquela narrativa franca aqui contraposta, ou seja, é possível verificar alguma relação também com essa teoria, mesmo que de forma mais tímida e pontual.

Assim, não enxergamos preliminarmente a necessidade de enquadrar nosso entendimento da origem da literatura épica castelhana unilateralmente a uma das teorias em discussão, conforme as preposições acima, mas salientar que numa análise geral do *Cantar de Mio Cid* é possível encontrar indícios que legitimam essa discussão de cunho teórico. De qualquer forma, em nossas considerações acima, até pela discussão pontual de cada item fica clara uma tendência em caracterizar a épica castelhana como herdeira de traços germânicos, principalmente pelo fato de que suas justificativas encontram pertinentes exemplos na obra que analisamos, mas essa tendência não suprime cada consideração realizada acerca das outras teorias.

### 3.2 LITERATURA ÉPICA: DISTINTAS ELABORAÇÕES.

Dissertar sobre a literatura épica nos faz levar em consideração uma produção bibliográfica que a conceitua, ou minimamente indica algumas de suas possibilidades. Conforme indica Colin Smith, trata-se de uma literatura que apresenta “más peligro de provocar las pasiones nacionales, visto el orgullo especial que hay en toda épica como posesión de la comunidad<sup>68</sup>” (SMITH<sup>69</sup>, 1980, p. 28).

---

<sup>68</sup> Considerações como esta, além da análise empreendida que considera duas obras em perspectivas distintas, colabora para a tentativa de compreensão de princípios de Identidade a partir de obras de narrativas épicas.

<sup>69</sup> A referência da obra é: SMITH, Colin. "Los orígenes de la poesía vernácula en España". Alan M. Gordon y Evelyn Rugg, eds. *Actas del VI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* (1977). Toronto, Department of Spanish and Portuguese, University of Toronto, 1980. Disponible en [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih\\_06\\_1\\_008.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih_06_1_008.pdf)

O sentimento especial por essa forma de narrativa, aliás, é algo que Colin Smith reconhece em Ramón Menéndez Pidal identificando neste autor suas heranças formativas, como, por exemplo, a importância que atribui à obra de Gaston Paris<sup>70</sup>, *Histoire poétique de Charlemagne*, de 1866. A narrativa épica admirada e pesquisada por Menéndez Pidal havia chegado até ele por meio de autores como o acima mencionado que carregava consigo concepções que relacionava essa literatura a especificidades muitas vezes regionais. Smith, ao esboçar essa interpretação infere que a literatura épica era:

(...) productos más importantes de las naciones europeas en una fase temprana de su desarrollo, por ser nacionales, por ser obra colectiva, por ser "naturales" en el sentido de ser *Naturpoesie*, *Volkspoesie* viejísimos, noblemente primitivos, fuertemente espirituales; en ellos, dice Grimm, se ve a los pueblos que comienzan su vida, fundiendo historia y poesía en una creación que llamamos epopeya. (SMITH, 1980, p. 28).

Ao referir-se ser essa literatura importante pelo seu viés nacional, aplicada à época pode-se considerar uma literatura elaborada que considera sua localidade específica, livre da atribuição de nacionalidade conforme a conhecemos hoje. Dentre os possíveis exemplos, a literatura medieval francesa, tal como a castelhana a partir do século XI, são obras que narram interesses e particularidades regionais, sobretudo a castelhana que explicitamente narra questões de seu cotidiano, já o exemplar de origem franca analisado no capítulo dois, parece demonstrar sua preocupação cotidiana de forma mais ideológica.

Além dessas considerações acerca da importância da literatura épica o autor Colin Smith faz ponderações sobre a forma como esse gênero literário foi considerado por importantes autores que as dedicaram grande erudição. Ele critica o viés tradicionalista lançado nas análises de alguns pesquisadores, dentre eles o próprio Ramón Menéndez Pidal, reconhecendo a necessidade de se repensar algumas concepções sobre as mesmas, como por exemplo, a de se atribuir maior criticidade ao conteúdo histórico contido nelas. Afirma o autor que:

Si la historia histórica proveía buenos materiales para un drama, para una ejemplaridad literaria, desde luego un suceso histórico podía emplearse como tema de poema, pero ¡as más veces tanto en España como en Francia era suficiente una especie de pseudo-historia, una narración de caballeros y de cortes, de guerras, de odios y venganzas y amores, vagamente ambientados bajo un reinado histórico (SMITH, 1980, 32).

Exemplifica ainda apresentando a épica castelhana inferindo seu pensamento acerca de como esta se mantém com reconhecida importância: “Creo ahora que el verismo de la épica castellana se debo al gusto y a la mentalidad nacionales más que a supervivencia alguna de recuerdos históricos o al sentido del deber histórico” (SMITH, 1980, p.32). Indica-nos,

<sup>70</sup> Viveu no século XIX e anos inaugurais do século XX. Foi notável estudioso de literatura medieval francesa.

portanto, que talvez não se deva admirar o Poema Del Cid, já que é um representante dessa épica castelhana, tanto por seu conteúdo histórico<sup>71</sup> defendido por Menéndez Pidal. Mais apropriado seria, segundo Smith, valorizar o que ele considera como sua Pseudo-história que é narrada com maestria na forma como abarca seus lugares de ocorrência, os personagens e até mesmo na demonstração do verismo humano do texto.

Essa característica, aliás, Colin Smith atribui ao possível autor da narrativa e à sua possível função social:

El verismo del *PMC*—superior al de los demás textos épicos—es a la vez principio estético y resultado natural de los hábitos anímicos del hombre de derecho, pues tal, abogado o notario, creo que fue el autor. Hay cierta lógica al buscar entre hombres formados en el derecho los autores de textos tempranos. Por una parte, en el *PMC* hay muchos datos en favor de esto: la manera de contar las bodas, la escena de la corte, muchos detalles y mucha fraseología técnica. Por otra, los abogados eran la única clase culta, acostumbrada a expresarse en el pergamino tanto en latín como en romance (y que a menudo en su vida profesional adaptaba del uno al otro), muy viajera, y libre del prejuicio eclesiástico en contra de la exaltación de los héroes laicos y en contra de la asociación con los juglares. Creo, como Vds. saben, que Per Abad fue autor del *PMC* en 1207, y abogado (SMITH, 1980, P. 32-33).

Diante dessa discussão apresentada por Colin Smith foi possível perceber que há em nossa hipótese fundamento maior do que as justificativas mais elementares que resguardam à literatura épica ibérica o posto de elaborações que colaboraram para a percepção dos princípios da Identidade na região. Por mais que em sua interpretação a influência francesa na Península Ibérica seja indubitável, em suas inferências àquele que identifica como autor do poema, Per Abad (ou em alguns textos grifado como Per Abbat) fica claro, em sua visão, o que o referido possível autor buscava: “Hay algo más, muy necesario, que decir, El poeta de *Mio Cid* no tenía nada de servil en su imitación. No se proponía sencillamente componer una *chanson de geste* en castellano, sino una obra nueva e independiente” (SMITH, 1980, p. 33). Vindo de um autor que então conhecia e admirava a literatura de origem franca, a busca evidente de algo original ambienta-nos a um cenário em que a peculiaridade regional expressada no texto parecia ser definitivamente, uma tendência.

Insistindo no que temos identificado como característica peculiar da literatura épica castelhana, o que outros autores chamaram de verismo da narrativa, ou seja, romantizada, mas nem tanto relacionada ao maravilhoso como em Pseudo-Turpin, acrescentamos algumas relevantes menções de Richard Fletcher juntamente com trechos do *Poema de Mio Cid*.

Um dos pontos destacáveis da obra no sentido de seu realismo pode ser conferido pelo conhecimento expresso na mesma sobre a geografia da região. Uma passagem significativa

---

<sup>71</sup> A valorização exacerbada de um suposto conteúdo histórico remete Colin Smith a identificar tal ação como sendo uma perspectiva tradicionalista no processo de análise da literatura épica.

nesse sentido é a descrição do desterro do Cid no trecho em que narra a saída do Campeador do reino de Alfonso VI, indicando inclusive, um limite fronteiro que seria o rio Douro.

De esta vez el leal Campeador deja su tierra. Tirando por la izquierda de San Esteban [de Gormaz], buena ciudad, pasa después por la calzada de Quinea, cruzando el Duero sobre Navapalos, para rendir la jornada en figueruela. De todas partes se le va reuniendo gente por el camino (PMC, 1998, p. 36).

Mais que uma impressão, fica claro o conhecimento que o autor possui acerca do cenário ao qual se dedica à escrita. Ao longo dessa epopeia o autor se mostra profundo conhecedor da topografia do reino de Castela o que nos faz inferir parecer indubitável que o mesmo era autóctone e escrevia para ser difundido em seu próprio reino de origem.

Não apenas do ponto de vista geográfico, o autor evidencia algumas situações e personagens históricos localizados no século XI. Por exemplo, de acordo com os estudos de Richard Fletcher expressos no texto *Em Busca de el Cid*, de fato se pode afirmar o realismo de alguns fatos, se não da forma como narrados na narrativa épica, pelo menos de um ponto de vista histórico ocorreram, são eles:

1) o Cid histórico foi desterrado por Alfonso VI, 2) durante seu desterro derrotou o conde de Barcelona, 3) conquistou Valência e 4) derrotou os almorávidas. Quanto aos personagens, salienta Richard Fletcher<sup>72</sup> que Jimena, Alvar Fáñez e o bispo Jerónimo foram reais e personagens do século XI. Há ainda outros personagens que existiram, como os infantes de Carrión Fernando e Diego, mas estes não foram casados com as filhas de Rodrigo Diaz de Vivar, que conseqüentemente, não sofreram as agressões que a obra narra na floresta de corpes.

Com essas colocações, além do conhecimento geográfico e podemos dizer histórico que o autor do poema possui, podemos acrescentar a ele um conhecimento também específico de seu personagem. Uma questão que estudiosos do Cid se colocaram foi a forma como o teria conseguido saber tanto sobre o que narrou e ainda, como havia conseguido detalhar de tamanha maneira na forma literária, o que só se poderá saber com novas fontes que comprovem quem era, afinal, o verdadeiro autor da obra. No entanto, ao que tudo indica, esse autor se não testemunhou partes importantes dos fatos históricos condizentemente narrados, minimamente teve um contato próximo aos mesmos.

Voltando à tendência das produções regionais, o gênero épico da Península Ibérica demonstrava-se característico ao exacerbar preocupações internas nas rivalidades entre os reinos vizinhos e de suas cortes, ficando claro que a elaboração de gênero épico pode ser encontrada não apenas no reino de Castela, como também nos demais reinos peninsulares. Por

---

<sup>72</sup> Em busca de el Cid, 2002, p. 253.

principio, isso é o que afirma, por exemplo, a autora María Eugenia Lacarra<sup>73</sup> quando infere a seguinte passagem: “Lo que sí se puede afirmar, teniendo en cuenta tanto los textos épicos existentes, como los hipotéticos, es que la epopeya en España no fue un género exclusivo castellano, sino que probablemente se produjo en los cinco reinos peninsulares” (LACARRA, 1982, p. 658).

Com esse dado intentamos apenas demonstrar que a épica Ibérica ao narrar suas pendências do cotidiano, sobretudo, o *Poema del Mio Cid*, de fato, diferencia-se da literatura épica franca<sup>74</sup>. Nesta se explora uma realidade além de seus domínios geográficos reivindicando aos francos alguns pioneirismos, como uma possível inauguração do caminho de Santiago de Compostela e a própria responsabilidade pelo início das guerras comumente denominadas hoje como Reconquista<sup>75</sup>.

Diferenciação da literatura épica franca da Ibérica à parte, vale ressaltar esse debate da referencia castelhana como proeminente na Península. De acordo com María Eugénia Lacarra (1982), essa maior evidência se dá pelo fato de Castela se caracterizar por uma distinção política e social em relação aos reinos vizinhos, as elaborações literárias ali realizadas a partir do século XI, havia servido primeiramente para elevar esse reino em relação Leão, um então rival em potencial à época, ou melhor, distingui-lo ainda mais deste.

Nessas discussões dos problemas internos da produção ibérica, aproveitamos para inferir uma reflexão que corrobora para aquela diferenciação de elementos da literatura épica castelhana em relação à “francesa”. Se nesta, como temos defendido principalmente no segundo capítulo deste trabalho, há uma narrativa que apropria de contexto histórico para reforçar a imagem de seu líder em interesses diversos, na épica castelhana, aqui analisada, a construção do herói pretendido considera suas ações no ínterim de seu meio, de forma que a narrativa resguarda a viabilidade condizente a um quadro social do período, é o que autores como Colin Smith, Adeline Rucquoi, María Eugénia Lacarra, por exemplo, brevemente mencionados acima inferem como característica dessa literatura o que chamam de o verismo a ela inerente<sup>76</sup>.

<sup>73</sup> Discussão presente na seguinte referência: LACARRA, María Eugenia "Consecuencias ideológicas de algunas de las teorías en torno a La épica peninsular". Giuseppe Bellini, ed. *Actas del VII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* (1980). Roma, Bulzoni, 1982. Disponible en [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/07/aih\\_07\\_2\\_012.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/07/aih_07_2_012.pdf)

<sup>74</sup> Afirmamos, sobretudo, em relação à literatura épica castelhana que é aqui nossa preocupação, mas segundo a própria autora acima citada, María Eugénia Lacarra, também em outros reinos existiram essas literaturas e narravam pendências sociais e políticas endógenas.

<sup>75</sup> Refere-se aqui, exclusivamente ao que se pode inferir a partir da crônica Pseudo-Turpin.

<sup>76</sup> E compreendemos como necessário acrescentar que é um verismo no sentido de passível da realidade social do contexto narrado e não de uma veracidade histórica, o que por si só, já seria problemático inferir.

Se em Pseudo-Turpin há uma junção de elementos que levam Carlos Magno à Península Ibérica, sendo uma com características mais realista como um suposto pedido dos cristãos da região de Pamplona pela ajuda do referido rei para que interviesse contra sarracenos, e outra ligada ao já apresentado conceito de maravilhoso que é a aparição em sonho do apóstolo Tiago incumbindo-o de libertar seu corpo descrito como abandonado em terras galegas, no Poema de Mio Cid prevalece o cunho passível de realismo, apesar de algumas hipérboles características da narrativa épica, que também não deixa de ser um instrumento de construção de seu personagem em questão.

Com isso não ignoramos algum caráter relacionado ao maravilhoso no *Poema de Mio Cid*, ou pelo menos um episódio que se possa relacionar a essa dimensão, como foi a ocasião em que recebeu uma visita do anjo Gabriel em sonho<sup>77</sup>:

Venida la noche, el Cid se acostó y un dulce sueño empezó a invadirle, adormeciéndose profundamente. En una visión, vino a su lado el ángel Gabriel:  
- Cabalga - le dijo -, cabalga, buen Campeador, que nunca varón alguno cabalgó con más suerte. Todo te ha de salir bien mientras vivas.  
Y el Cid se santiguó al despertar (PMC, 1998, p.36).

Sendo esta praticamente a única passagem em que se possa considerar a ligação de Rodrigo Diaz de Vivar de forma mais veemente com o sobrenatural, pode-se ratificar que o prevalecente é mais o seu caráter realista do que hagiográfica<sup>78</sup>, conforme procedente em Pseudo-Turpin.

Referimo-nos que a passagem acima foi praticamente a única em que as ações do Cid o possa ligar ao sobrenatural, pois em outro trecho da narrativa há uma discussão às vezes confundida com esse viés que vale uma ressalva. Trata-se da passagem em que Rodrigo Diaz doma uma fera conduzindo-o à jaula, sem qualquer dificuldade:

Estaba el Cid en Valencia con todos los suyos; sus yernos, los infantes de Carrión, le acompañan. El Campeador, sentado en un escaño, se había dormido, cuando sobrevino algo inesperado: el león se escapó de la jaula y se desató. Toda la corte estaba espantada. Los del Campeador embrazan los mantos y rodean el escaño donde dormía su señor [para proteger su sueño]. Uno de los infantes, Fernán González, no hallaba dónde meterse, ni encontraba la puerta abierta en torre ni en cámara; al fin, a impulsos del miedo, se agazapó bajo el escaño. El otro, Diego González, salió de estampía gritando a voz en cuello:  
\_¡ Ay, Carrión, no volveré a verte!  
Y fue a esconderse tras una viga de lagar, donde puso el manto y la túnica perdidos. Despertó a esto el que en buen hora nació, y vio que le rodeaban sus buenos varones.  
-¿Qué ocurre, mesnadas, qué queréis aquí?  
-¡Ay, honrado señor, el susto que el león nos ha dado!  
El Cid se acoda en el escaño; se levanta después, y con el manto prendido al cuello, como estaba, se va derecho para el león. Cuando el león le vio venir se atemorizó de

<sup>77</sup> E aqui esse viés maravilhoso possui herança bíblica, que é justamente a aparição por meio de sonho.

<sup>78</sup> Esse caráter é mínimo nessa literatura castelhana se comparada à crônica do Pseudo-Turpin cuja relação com o Maravilhoso torna a história que se relaciona a Carlos Magno praticamente uma descrição hagiográfica.

manera que bajó la cabeza e hincó el hocico. El Cid don Rodrigo lo cogió por el cuello y, cual si lo llevara por la rienda, lo metió en la jaula. Y todos los que tal vieron volvían a palacio maravillados.

El Cid preguntó entonces por sus yernos, que nadie le daban razón, y aunque los estaban llamando no respondían. Cuando al fin dieron con ellos, estaban tan demudados que toda la corte se deshacía en risa, hasta que el Cid impuso respeto. Los infantes quedaron muy avergonzados y lamentando profundamente el suceso (PMC, 1998, p. 105-106).

O objetivo dessa longa passagem, no contexto da narrativa é evidenciar a covardia dos então genros de El Cid, Diego e Fernando, infantes de Carrión que haviam se casado por interesse com as filhas de Rodrigo Díaz. O trecho citado acima ilustra bem, em partes, a construção do herói destemido, mas, sobretudo, a covardia de seus genros que se escondem e escandalizam diante do iminente perigo. Com esse mecanismo a narrativa continua enfatizando os valores morais de suas partes envolvidas, tanto que concernente aos cavaleiros do Cid, agem como sujeitos normais, com as devidas precauções naturais da condição humana, executam a função que os competem que é proteger ao seu senhor suserano, mas o fator diferencial está centrado no herói que de forma magnífica e condizente com sua condição na narrativa soluciona o contratempo surgido. Por outro lado, aqueles que ali estavam em função de um golpe<sup>79</sup>, os infantes de Carrión, têm seu caráter revelado na conformidade de suas atitudes.

Essas peculiaridades da épica castelhana, embora possam parecer sutis do ponto de vista de sua construção, é-nos bastante revelador quando observamos que nessas tramas sociais são inseridas outras temáticas como a própria “Reconquista”. O embate entre cristãos e muçulmanos, em duas das principais narrativas épicas de origem franca, a *Canção de Rolando* e *Pseudo-Turpin* constituem seu tema central, mas no *Poema de Mio Cid* a temática é inserida implicitamente, perceptível no decorrer daquilo que é narrado, mas sem a ênfase

---

<sup>79</sup> Esse golpe, de acordo com a narrativa, foi planejado a partir do momento em que o desterrado Cid começou a reconquistar o respeito de Alfonso VI, seu rei. Essa retomada do respeito deveu-se ao sucesso que o Cid havia conquistado com suas conquistas militares, sobretudo, após o enriquecimento em função do controle da cidade de Valência. Vendo o sucesso do Campeador, a narrativa descreve a inveja dos integrantes da família de Carrión que começaram a planejar um golpe por meio do qual se visava usufruir da riqueza de Rodrigo Díaz de Vivar e a essa altura, também senhor de Valência. A apresentação dos valores perversos dos infantes de Carrión se dá no final do segundo cantar e início do terceiro, a partir deste, o último, enfatiza-se na narrativa as ações desses infantes que passam a ser condizentes com o caráter que o cantar os atribui, ou seja, em vários momentos a má índole desses personagens é evidenciada e acompanhada da covardia a eles inerente, não só no episódio do leão, como também em campo de batalha quando um deles foge de um mouro e é salvo por um cavaleiro do Cid que não dá repercussão ao caso a fim de proteger seu senhor da decepção.

central. Inserimos o observado para salientar a diferenciação que faz o autor David Hook<sup>80</sup>, acerca dessas narrativas épicas:

(...) entre la castellana y la francesa, por la sencillísima razón que tanto la bizantina como la castellana se producían en una sociedad cuya frontera dividía el mundo cristiano del mundo musulmán, mientras que la epopeya francesa de los siglos XII-XIII sólo conocía el mundo islámico a distancia, sin tener una frontera efectiva (si dejamos a un lado las tierras de Ultramar) más allá de la cual se encontraba el otro sistema de vida (HOOK, 2007, p. 315).

Este fator apontado por David Hook pode contribuir para a compreensão de certas características da literatura épica originada no espaço franco, sobretudo, a idealização dos combates, a ação agressora e violenta dos cristãos em relação aos muçulmanos que parece indicar no exagero a supremacia cristã em relação a um oponente recorrentemente derrotado no discurso e no campo de batalha. A idealização, portanto, contribui para que aspectos do maravilhoso prevaleçam numa narrativa de exaltação de um herói em construção.

No mundo Ibérico, por sua vez, a coexistência de culturas diversas que atualmente a própria historiografia nos evidencia, parece ser mais razoavelmente expressada na literatura aqui analisada acerca de El Cid, indo ao encontro de uma concepção que aqui defendemos de que a literatura na medida em que preserva traços de uma razoabilidade acaba se manifestando como um possível testemunho involuntário de certa realidade.

Neste caso, estando devidamente compreendida no sentido de que é indubitável que ela constrói um discurso em favor de um personagem, o que fica de mais relevante é a sua organização das informações e a forma como abarca a vida social ambientada, no caso do Poema Del Mio Cid, o século XI. Na contramão disso e por seus motivos, a épica “francesa” até mesmo pela distancia geográfica em relação à cultura oponente, conforme indica David Hook, caracterizou-se pela idealização exacerbada, cuja relevância também pareceu inegável, dada a popularidade que seus heróis alcançaram também na Península Ibérica.

---

<sup>80</sup> Na seguinte referência: HOOK, David. *El cantar de Mio Cid y el contexto europeo*. Olivar; vol. 8, no. 10. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria, 2007 Disponível in: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.3300/pr.3300.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3300/pr.3300.pdf)

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da Identidade, conforme mencionado ao longo do trabalho é um fator atual impulsionado, sobremaneira, pelo conceito impactante na vida cotidiana que é a globalização. Vive-se uma época em que a aproximação, o estreitamento de fronteiras, práticas culturais, a disseminação de valores e costumes muitas vezes deixa a impressão de desvalorização das particularidades, das origens e das especificidades regionais, mas apesar disso, a observação mais cuidadosa, menos midiática e mais atenta às expressões culturais evidencia a existência de uma multiplicidade que a própria globalização pode colaborar para sua coexistência, mas sem ignorar raízes que fundamentam determinadas expressões.

Não só o impacto de uma globalização presente, mas também os projetos nacionalistas podem tentar impor uma aglutinação desmedida que fere aos princípios culturais de determinados espaços com suas formações históricas. Exemplo disso, na própria Península Ibérica se pode observar os debates acerca da pretensão de emancipação da Catalunha em relação à Espanha, o que é motivado por questões contemporâneas, mas também histórico-formativas. Isso evidencia que um dos aspectos conflitantes é justamente o debate acerca da Identidade, notável não apenas entre os catalães como também entre os bascos e galegos, por exemplo.

Em função disso, considerar um debate acerca da identidade nos dias atuais é considerar também a valorização da Idade Média em questões tão cotidianas e compartilhar de visões que ao contrário de outrora, valorizam esse período. O historiador Jacques Le Goff, por exemplo, auxilia nesta discussão considerando o seguinte:

Creio que o domínio do passado, que só o historiador profissional consegue, é tão essencial aos nossos contemporâneos como o domínio da matéria que a Física lhes oferece ou o domínio da vida que o biólogo lhes propõem. E a Idade Média – que eu seria o último a separar da continuidade histórica em que nos inserimos e que precisamos agarrar na sua longa duração, que não implica na crença do evolucionismo- é o passado primordial onde a nossa identidade colectiva, busca angustiada das sociedades actuais, adquiriu determinadas características essenciais (LE GOFF, 1979, p.13).

Portanto, um dos grandes auxílios que os estudos medievais podem oferecer às demandas cotidianas é a reflexão acerca de determinadas origens ou formações históricas que implicam no presente. Por essa razão, este trabalho partiu da especificidade à qual se propôs, dentre os vários intuitos, para se colocar perante a questão da identidade castelhana e sua formação na Idade Média e explorar tanto o conceito quanto o debate a ele inerente numa especificidade geográfica que é, injustamente, negligenciada nas instituições de ensino brasileiras.

Por essa razão é que exploramos no primeiro capítulo um conjunto bibliográfico acerca da questão da formação da Identidade no reino de Castela durante a Idade Média, identidade esta considerada a partir de concepções de autores supracitados que consideram essa formação como algo dual, em que se reconhece a si próprio no processo de negação de outrem. Como nossa análise esteve concentrada na observação de um gênero literário específico, a denominada literatura épica, então, concentramo-nos em expressões do referido gênero considerando que a literatura que surgiu na Península Ibérica, sobretudo, a que analisamos, elaborada por volta do século XII, possui características distintas de outra expressão literária externa que circulou e divulgou personagens não autóctones na Península Ibérica.

Em função de reconhecer a presença externa na Península Ibérica e considerar as proposições dos autores trabalhados acerca do conceito de identidade é que o segundo capítulo apresenta esses referenciais ditos externos, analisando também uma das principais obras que os divulgou. Só a partir disso, no terceiro capítulo é que enfatizamos a diferenciação e apontamos alguns fatores que colaboram para a compreensão de que a expressão literária castelhana possui traços característicos, os quais permitem inferir que essa obra literária analisada, o *Poema de Mio Cid*, pode ser considerado como parte do processo de formação de sua identidade, ao apresentar uma perspectiva distinta das narrativas que circulavam com verificado sucesso até certo momento, na Península Ibérica, em especial no reino de Castela.

O herói castelhano ambientado nessa obra, no *Poema de Mio Cid*, é apresentado de forma que se assemelha ao realismo contextual, mas tem sua imagem, ainda assim, construída aos moldes que lhe confere certa popularidade como se pode observar numa passagem ainda inicial da obra:

Ya entra el Cid Ruy Díaz por Burgos; sesenta pendones lo acompañan. Hombres e mujeres salen a verlo, los burgaleses e las burgalesas se asoman a las ventanas, todos afligidos e llorosos. De todas las bocas salen el mismo lamento: -¡oh Dios, qué buen vasallo se tuviese buen señor! (PMC, 1998, p. 22).

No processo de construção do cavaleiro sua imagem sobrepõe à do rei ao supor que os observadores do Cid, em sua passagem por Burgos, proferiram palavras que defendiam a Rodrigo e acusavam seu rei de mau senhor. A construção da imagem, ao mesmo tempo, ao elevar a figura do cavaleiro exacerba seu senso de justiça, dada a indução de sua inocência em relação às acusações/tramas que o levaram ao seu desterro. Neste exemplar de literatura épica castelhana, as causas das ações são terrenas e, nesse sentido, ressalta-se o realismo da ambientação da obra. Já na épica anteriormente analisada, elaborada no reino dos francos,

conforme apresentada no capítulo II (dois), sobressai uma característica de caráter mais hagiográfico do que de relações passíveis do cotidiano, de forma que, como uma incursão que se pode fazer, a épica de origem castelhana, apresenta mais ações condizentes do ponto de vista de seu realismo, questões que se pode enquadrar como um testemunho involuntário de sua realidade cotidiana<sup>81</sup>.

A conduta de Rodrigo Diaz de Vivar no Poema faz com que o mesmo abarque elementos da sociedade neste herói e, justamente por isso, é que esse termo é aplicável a esse cavaleiro da épica castelhana, afinal, como indicou Georges Duby (1993), o herói é aquele que agrega valores da sociedade da qual é partícipe e os faz representar em seu personagem. Também por isso, pela forma como o autor do poema constrói essa imagem relacionada à popularização de seu herói, evidenciando a relação deste com as pessoas comuns que o veneravam, no caso do Cid como em sua passagem por burgos, a narrativa acaba expressando um discurso criador do novo valor, agora autóctone, indicando uma expressão de identidade.

Ademais, o Rodrigo Diaz de Vivar possui grandes habilidades em campo de batalha, embora consciente de seu preparo, mantém-se um homem com características comuns, típicas de seu tempo, como por exemplo, a ação religiosa: “(...) comprende el Cid que no puede esperar gracia del rey y, alejándose de la puerta, cabalga por Burgos hasta la iglesia de Santa María, donde se apea del caballo y, de hinojos comienza a orar (...)” (PMC, 1998, p. 23).

A oração que faz Rodrigo Diaz de Vivar é direcionada aos pedidos de proteção para si mesmo em sua retirada de desterro, à sua família que fica e ainda, uma forma de pedido de consolo por estar deixando sua terra, Castela. Nesse sentido, o que também é perceptível no poema que após o desterro o objetivo principal passa a ser a volta à sua terra, jamais esquecida durante a narrativa e há a demonstração constante de um sentido que busca a honra à sua terra natal, portanto, a obra possui seu caráter por meio do qual, dentre vários outros objetivos, expressa o sentimento de pertencimento e a partir daí, a defesa de uma história protagonizada por personagens autóctones.

---

<sup>81</sup> Não no sentido de que expresse uma veridicidade, mas ambiente relações sociais mais condizentes.

**PARTE II**

## INTRODUÇÃO

A segunda parte dessa dissertação discute alguns aspectos levando em consideração a História da Idade Média ensinada nos níveis básicos de educação. Para isso, consideraremos dois documentos oficiais de educação de alcances distintos, que são eles: o Conteúdo Básico comum (CBC) do ano de 2007, referente à especificidade da educação do estado de Minas Gerais conforme seu currículo oficial, este que analisamos e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2011, em que analisamos num conjunto maior de proposições de conteúdos para o nível básico de ensino os temas indicados para serem desenvolvidos na educação básica, em especial, no ensino fundamental.

O primeiro documento, o CBC, que se apresenta com a finalidade de “Estabelecer os conhecimentos, as habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos na educação básica, bem como as metas a serem alcançadas pelo professor a cada ano” (MINAS GERAIS, SEE, 2007, p. 9), embora tenha surgido impresso em formato de livro, também recebe atualizações, desde 2008, numa plataforma virtual denominada CRV (centro de referência virtual), mas que não alterou os conteúdos no que concerne à base dos posicionamentos desse trabalho, portanto, a análise referente ao documento propriamente dito continua suficiente.

No segundo documento, o PNLD<sup>82</sup>, foi analisado os projetos que compõem a coleção didática do ano de 2011, que se comparado a uma versão mais recente, do ano de 2014, por exemplo, ano no qual se iniciou essa pesquisa, verifica-se que não houveram alterações significativas referentes ao nosso tema.

Consideradas essas fontes, o primeiro capítulo dessa parte da dissertação discute justamente a negligência às temáticas concernentes à História medieval, em especial no que diz respeito ao medievo ibérico, verificando ainda que, no caso do primeiro documento, o CBC, notar-se-á que sequer há uma menção explícita à Idade Média, constatando que a negligência de que falamos é algo bastante grave. Quanto ao segundo documento, o PNLD, as considerações sobre a Idade Média que constam nos projetos didáticos que serão apresentados

---

<sup>82</sup> Este documento conforme consta em sua apresentação é: “uma política do Estado Brasileiro que compreende a participação de vários sujeitos. Os dirigentes e os técnicos do MEC e do FNDE, conjuntamente com os membros da Comissão Técnica do PNLD, elaboram o edital que informa os critérios para inscrição e participação dos detentores de direito autoral das obras didáticas e, a partir desse passo inicial, juntam-se as ações de técnicos do Instituto de Pesquisa Tecnológicas da Universidade de São Paulo que garantem a qualidade técnica dos livros, passando pelos professores que são convidados pelas universidades públicas para emitirem pareceres acadêmicos, chegando agora ao público para o qual existe esse Programa: professores e alunos da educação básica” (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 9).

adiante, abarcam sobremaneira a história medieval conforme a especificidade de um recorte geográfico correspondente à atual França e é justamente essa exclusividade que demonstraremos e faremos algumas reflexões.

Dessa forma, as incursões aqui presentes tratarão de localizar esses fatores expondo questões importantes sobre os documentos pesquisados e introduzir uma visão crítica acerca do que estamos chamando de negligência ao tema em questão. Como fundamentação teórica será utilizado o conceito de discurso conforme a proposição de Michel Foucault, por meio do qual serão expostas as considerações e críticas decorridas da ausência de uma variedade de abordagem nos currículos educacionais, cuja existência abarcaria temáticas relevantes para a compreensão cultural de um país como o Brasil, que possui intrínsecas relações culturais com a Península ibérica.

Posteriormente à exposição dessas incursões críticas, será apresentado no capítulo II dessa parte, o objeto educacional<sup>83</sup>. Esse objeto é uma ferramenta que auxilia o professor no processo de ensino acerca da temática histórica pesquisada, ou seja, abarca conteúdos sobre a história medieval da Península Ibérica, em especial referente ao reino de Castela.

Trata-se, portanto, de um jogo que poderá ser utilizado no decorrer do ensino do tema indicado, ou mesmo, na forma de revisão sobre o assunto. Possui quatro fases inspiradas no software chamado Hot Potatoes, constituído então de um Quiz, associação de palavras, preenchimento de lacunas e palavras-cruzadas, respectivamente. Essa estrutura foi desenvolvida inspirada no software supracitado e permite uma abordagem em que se possa explorar conceitos do contexto pesquisado, como por exemplo, identidade, cavaleiro medieval, literatura épica, reinos peninsulares e outras questões que colaboram para a compreensão da proposta pesquisada.

Compreende-se ainda a importância de desenvolver linguagens correspondentes à realidade da nova geração de estudantes e o recurso midiático pode ser um fator diferencial no sentido de ser atrativo para a introdução da abordagem histórica. É claro que o objeto educacional desenvolvido é apenas uma ferramenta complementar, mas importante na medida em que se verifica atratividade.

A junção entre pesquisas na área de história medieval ibérica e a preocupação em enquadrá-las no ensino básico acompanhadas de ferramentas complementares configura um movimento que visa oferecer aos currículos novas possibilidades de abordagens históricas. Buscando uma coerência com os princípios teóricos, faz-se necessário evidenciar que não se

---

<sup>83</sup> Quanto ao objeto, o capítulo tratará de sua apresentação e possibilidades pedagógicas e possuirá uma disponibilização utilizando recursos midiáticos.

trata de uma busca pela substituição de temas, mas ampliar as possibilidades incluindo situações também importantes para a compreensão, inclusive, de nossas tradições culturais.

## **1 - A HISTÓRIA MEDIEVAL EM CURRÍCULOS OFICIAIS E SUA DISPONIBILIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS: O CBC (2007) E O PNLD (2011) EM FOCO.**

Os estudos acerca dos currículos são bastante complexos e abrangem certas especificidades. Atualmente, percebem-se pesquisas que analisam esses norteadores em várias esferas, como no âmbito da sala de aula e seus aspectos que podem ser denominados como oficiais; sua dimensão prática ou o que se chama currículo em ação, relacionada à prática do docente e seu procedimento juntamente com os educandos. Há também análises de currículos construídos para determinadas realidades, e então, sua relação para com o meio no qual é exercido. Outras, ainda, preocupam-se com a natureza teórica e/ou metodológica que embasam esses documentos, o que determina nesses casos o segmento desses materiais e, conseqüentemente, as características dos lugares sociais em que suas premissas são aplicadas.

Essa complexidade que envolve o currículo evidencia a dificuldade de se ter uma visão mais ampla sobre o mesmo e ratifica não mais uma tendência, mas a realidade dos estudos nessa área que é caracterizada pela descentralização e pelas abordagens pontuais de sua composição. Embora reconhecida a dificuldade de chegar a uma visão ampla sobre o currículo, o fato é que essa é uma necessidade para quem atua nos meios educacionais, justamente para acompanhar seus aspectos relevantes ou ultrapassados, atualizá-los de acordo com as necessidades e demandas contextuais, pois numa relação de reciprocidade, ele atua no seu meio de exercício, mas não pode ser imutável, dadas as intensas transformações pelas quais passam os meios sociais.

Particularmente neste trabalho, são feitas considerações acerca de currículos de amplitudes relevantes, tanto do ponto de vista estadual, o Currículo Básico Comum do estado de Minas Gerais, quanto de um ponto de vista nacional, o Programa Nacional do Livro Didático, especificamente, a edição de 2011. Este último, justamente por permitir que sejam analisados os conteúdos direcionados para o ensino básico numa perspectiva mais ampla é que se torna importante, uma vez que é desenvolvido de acordo com os Parâmetros Nacionais curriculares, os PCN. Já o CBC do estado de Minas Gerais, no que se refere à disciplina de História, é um documento que apresenta sua visão teórico-metodológica acerca do ensino dessa disciplina e dispõe um elenco de conteúdos direcionado para cada série dos ensinos Fundamental e Médio, contendo temas obrigatórios e secundários.

Em cada um desses documentos será feita uma abordagem relacionando-o ao problema inerente dessa pesquisa, que é a discussão do lugar ocupado pelo ensino de História

Medieval nesses documentos e por consequência, nos espaços educacionais do nível básico. Conforme observado inicialmente, os estudos acerca dos currículos têm tomado uma dimensão bastante complexa e perante a essa realidade, a especificidade anunciada será o fio condutor dessas análises, mas não deixará de apresentar oportunamente posições generalizantes acerca desses documentos, como por exemplo, a relação expressa entre os currículos e o poder.

### **1.1 CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS (CBC) DO ESTADO DE MINAS GERAIS.**

Os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) do Estado de Minas Gerais é um documento norteador de cada área do conhecimento, no qual são estabelecidos os assuntos básicos que devem ser contemplados durante o ensino fundamental II e o ensino médio da rede pública de ensino. Cada disciplina possui seu rol curricular apresentada posteriormente às introduções teóricas e metodológicas das respectivas áreas. Em abordagem neste trabalho, os conteúdos básicos comuns da área de História terão a análise de um aspecto específico, notável neste documento: a ausência de conteúdos referentes à História Medieval.

Estamos utilizando o CBC elaborado no ano de 2007, o qual, embora disponibilize uma plataforma digital, o CRV<sup>84</sup>, com atualizações deste documento, mantém sua base no que se refere aos assuntos indicados para serem ensinados em sala de aula praticamente inalterados desde a sua elaboração inicial. Ademais, explicitamente se apresenta com finalidade bem definida:

Estabelecer os conhecimentos, as habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos na educação básica, bem como as metas a serem alcançadas pelo professor a cada ano é uma condição indispensável para o sucesso de todo sistema escolar que pretenda oferecer serviços educacionais de qualidade à população. A definição dos conteúdos básicos comuns (CBC) para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio constitui um passo importante no sentido de tornar a rede estadual de ensino de Minas num sistema de alto desempenho (SEE-MG, 2007, p 9).

O CBC, embora não seja apresentado com a pretensão de abarcar todos os conteúdos da área de História, até pelo fato de não ter esse princípio totalizante, trata-se de um documento em que explicitamente busca enfatizar aquilo que seus organizadores julgam fundamental para ser ensinado na área de História e que consideram que os alunos não podem deixar de aprender<sup>85</sup>. Possui um discurso solidificador em relação aos recortes estabelecidos,

---

<sup>84</sup> Centro de Referência Virtual do Professor (CRV), o qual pode ser acessado a partir do sítio da Secretaria de Educação (<http://www.educacao.mg.gov.br>). No CRV encontra-se sempre a versão mais atualizada dos CBC, mas como indicamos, praticamente em torno do que foi elaborado em 2007, que mais adiante será apresentado.

<sup>85</sup> No intuito de evidenciar esses conteúdos tal como a inexistência de um foco medieval explícito em sua grade é que a mostraremos nas páginas subsequentes tal como no documento em foco.

apesar de considerar as possibilidades de mudanças ou novas formas de abordagens àquilo previamente indicado.

É curiosa a ausência de temáticas que abarquem a História Antiga e, em especial, a Idade Média, pelos motivos que nos parecem óbvios, afinal, a formação do sujeito íntegro e consciente de suas origens culturais não pode se furtar de uma base tão elementar como a abordagem aos períodos supracitados, sobretudo, num estado como Minas Gerais, que resguarda em sua diversidade aspectos culturais do período colonial cuja relação com o medievo ibérico é mais que evidente. Exemplo disso são suas manifestações e tradições religiosas exacerbadas nas peregrinações a centros do próprio estado como também a outros centros do país<sup>86</sup>. Além das peregrinações, as cidades históricas mineiras são exemplos claros de uma organização urbana e arquitetônica com proveniência inspiradora a Península Ibérica, daí não apenas a validade dessa observação nas cidades históricas, como também o que denominamos como “estilo colonial” espalhado pelo Brasil a fora.

Exemplos como estes permitem questionamentos ao referido currículo, já que o mesmo, apesar de fornecer seus recortes, deixa de lado alguns aspectos culturais que são inerentes à própria sociedade local. Esse exemplo encaminha a discussão para outro sentido, em que se pode observar e ratificar que o currículo não se apresenta como mero documento educacional, tampouco democrático<sup>87</sup>, mas carregado de um discurso, uma expressão de poder, conforme nos permite induzir Michel Foucault<sup>88</sup>. Essa relação e discussão relacionadas com esse conceito do referido autor, o faremos no tópico posterior à apresentação dos documentos analisados.

A seguir, poderá ser verificado o rol de conteúdos de História que constam no CBC (2007) do estado de Minas Gerais, os quais são referentes ao ensino fundamental II, em que se poderá verificar a negligência ao período histórico medieval, conforme indicamos acima. Os quadros apresentados na sequência apresentam basicamente os eixos temáticos, os temas e os subtemas preconizados por este currículo oficial da educação básica do estado de Minas Gerais.

---

<sup>86</sup> Como não inferir a força da peregrinação de grande parte do povo do norte mineiro à cidade de Bom Jesus da Lapa/BA, por exemplo. Intrínseco a isso, não seria uma manifestação cultural presente neste exemplo e em tantos outros que se poderia citar?

<sup>87</sup> Apesar das consultas públicas que tem sido feitas (desde 2015) sob a justificativa de melhorar o sistema educacional.

<sup>88</sup> A relação Discurso/poder que utilizaremos, parte da seguinte referência: FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

**Grade curricular do ensino fundamental II – CBC do ensino Básico mineiro, de 2007.  
Eixo Temático I.**

**Histórias de Vida, Diversidade Populacional e Migrações.**

Tema 1: Histórias de Vida, Diversidade Populacional (Étnica, Cultural, Regional e Social) e Migrações Locais, Regionais e Intercontinentais Subtema 1 – Diversidade populacional e migrações em Minas Gerais e no Brasil.

<b>Tópicos</b>	<b>Habilidades</b>
1. População mineira e brasileira: várias origens, várias histórias.	1.1. Conceituar migração e imigração. 1.2. Identificar a diversidade populacional presente em sala de aula, na escola e na localidade do aluno, em termos sociais, étnico-culturais e de procedência regional; analisar e interpretar fontes que evidenciem essa diversidade. 1.3. Conceituar cultura, mestiçagem e hibridismo. 1.4. Analisar as festas étnico-culturais como manifestação de hibridismo: Congado, Carnaval, Maracatu, Bumba-meu-boi, Reisado, Capoeira, festa de Iemanjá, Folia de Reis, entre outras.
2. Primeiros povoadores: os ameríndios e suas origens	2.1. Caracterizar e diferenciar os povoadores de origem asiática (mongoloides) e de origem africana (negroides) e confrontar interpretações distintas sobre sua identidade. 2.2. Problematizar a distinção entre história e pré-história. 2.3. Caracterizar e analisar a origem, evolução e diversidade da espécie humana.
3. Os primeiros europeus: os portugueses do Reino	3.1. Identificar e caracterizar a cultura europeia e portuguesa nos séculos XV e XVI. 3.2. Analisar o contexto e motivações para o início da colonização portuguesa no Brasil.
4. Os povos africanos.	4.1. Identificar a diversidade étnica, espacial e cultural dos povos africanos. 4.2. Conceituar escravidão. 4.3. Problematizar a existência da escravidão na África antes da expansão marítima europeia. 4.4. Estabelecer diferenças entre o tipo de escravidão existente na África e o tipo implantado na América Portuguesa.

5. Os povos indígenas: diversidade e migrações	5.1. Analisar e compreender as especificidades e complexidades dos povos indígenas brasileiros à época de sua “descoberta” pelos europeus: origens, movimentos migratórios e diversidade linguístico-cultural. 5.2. Diferenciar as principais “nações” indígenas brasileiras, especialmente as reconhecidas como presentes em Minas Gerais: Pataxó, Xacriabá, Krenak e Maxacali Caxixó, Aranã Paulífararu, Xucuru, Kariri.
6. Os imigrantes europeus nos séculos XIX e XX	6.1. Identificar as características básicas do capitalismo industrial. 6.2. Identificar os grupos migratórios no Brasil nos séculos XIX e XX dentro do contexto da expansão do capitalismo.
I. Os “outros” imigrantes nos séculos XIX e XX: árabes, judeus, orientais	• Analisar os processos que dão continuidade às políticas de imigração no Brasil e a chegada de novas levas de imigrantes em Minas Gerais nos séculos XIX e XX.

**Subtema 2 -** Transformações econômicas; diversidade populacional e colonização portuguesa no Brasil.

Tópicos	Habilidades
7. Expansão econômica europeia e descobrimentos marítimos nos séculos XV e XVI.	7.1. Analisar o processo da expansão econômica e marítima europeia nos séculos XV e XVI.
8. O “sistema colonial” e a realidade efetiva da colonização: política metropolitana <i>versus</i> diversificação econômica e interesses locais.	8.1. Conceituar colonização. 8.2. Analisar as contradições inerentes ao funcionamento do “sistema colonial” como projeto metropolitano que foi constantemente frustrado pelas especificidades e diversidade da América Portuguesa. 8.3. Analisar a formação de um mercado interno na Colônia através do surgimento de vários mercados locais e a constituição de mercados regionais. 8.4. Conceituar mercado interno e acumulação de capital. 8.5. Identificar a existência de acumulação interna de capital no espaço colonial. 8.6. Relacionar as atividades de acumulação de

	capital na Colônia: controle do abastecimento interno, tráfico negreiro e indígena.
9. A agromanufatura do açúcar e a escravidão.	9.1. Analisar e compreender o processo de implantação da agromanufatura do açúcar no Nordeste brasileiro em conexão com o tráfico de escravos e a fixação dos portugueses no território brasileiro.
10. A economia e a sociedade mineira colonial: dinamismo econômico e diversidade populacional	10.1. Analisar a sociedade mineira colonial como concretização do ideal colonizador português, sendo ao mesmo tempo seu oposto. 10.2. Contextualizar o cenário cultural das Minas colonial: arte e festas barrocas, irmandades religiosas e o cotidiano da população.
II. A colonização litorânea: a colonização portuguesa e as tentativas de colonização de franceses e holandeses	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceituar colonização.</li> <li>• Analisar e comparar as experiências de colonização concorrentes à colonização portuguesa no Brasil: franceses e holandeses.</li> <li>• Contextualizar e relacionar a ação dos primeiros missionários católicos entre os indígenas brasileiros; a escravidão indígena na América espanhola; a União Ibérica; as guerras religiosas na Europa; as revoluções inglesas do século XVII e surgimento do parlamentarismo monárquico.</li> </ul>
III. Interiorização da colonização: o desbravamento do sertão	Compreender e situar, espacial e temporalmente, os vários processos de expansão da colonização portuguesa: a pecuária no Nordeste e no Sul; o extrativismo no Norte; bandeiras e entradas.
IV. As missões no Sul e delimitação do território brasileiro	Analisar as disputas sobre o território sul-americano entre Portugal e outras potências européias no século XVIII por meio dos principais tratados do período.
V. Cidadania e sociedade colonial: os “homens bons” e a escravidão.	Analisar o conceito de cidadão na sociedade estamental da Colônia em sua relação com a estrutura do poder local (as câmaras das vilas e cidades).

### **Eixo Temático II - Construção do Brasil: Território, Estado e Nação.**

Tema 1: O Estado Brasileiro e a Nação: Monarquia X República Subtema 1 – A “virada do século”: transformações políticas no Brasil do século XVIII para o século XIX.

Tópicos	Habilidades
11. Revoluções liberais: industrial, americana e francesa.	<p>11.1. Compreender o contexto das revoluções e seus impactos para a constituição do mundo contemporâneo de cidadania.</p> <p>11.2. Conceituar historicamente no contexto das revoluções: república, liberalismo e cidadania.</p> <p>11.3. Conceituar e identificar o sistema capitalista emergente e a resistência dos trabalhadores à nova organização do trabalho.</p> <p>11.4. Identificar e analisar o progresso técnico e científico europeu do século XVIII.</p>
12. Inconfidências e Brasil Joanino: movimentos de contestação e reorganização da relação metrópole-colônia.	<p>12.1. Caracterizar e analisar os diversos movimentos políticos no Brasil de fins do século XVIII e início do século XIX.</p> <p>12.2. Relacionar a independência do Haiti com o medo da “haitinização” do Brasil.</p> <p>12.3. Identificar as decorrências da instalação da corte no Rio de Janeiro: centralização administrativa na Colônia, constituição de grupos de interesse no Sudeste brasileiro em torno da monarquia (a chamada “interiorização da metrópole”).</p> <p>12.4. Analisar os impactos da transferência da corte portuguesa sobre o universo da vida cotidiana e cultural brasileira e, especificamente, sobre a cidade do Rio de Janeiro.</p>
13. A Revolução de 1817 e a Independência	<p>13.1. Perceber a constituição de uma identidade brasileira, entre fins do século XVIII e início do XIX, em paralelo com as identidades locais (mineira, pernambucana, baiana, paulista, etc.) e com a identidade portuguesa.</p> <p>13.2. Analisar o impacto da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro para o processo de emancipação política do Brasil: de um lado, a eclosão de movimentos separatistas republicanos e, de outro, a construção de uma independência pela via da monarquia e da manutenção da integridade territorial e das estruturas socioeconômicas assentadas na escravidão e no latifúndio.</p>

### Subtema 2 – A experiência monárquica no Brasil

Tópicos	Habilidades
16. Primeira República: “modernidade”, grande propriedade, coronelismo e federalismo.	16.1. Conceituar oligarquia, clientelismo, coronelismo e federalismo e relacioná-los como elementos constitutivos do sistema político oligárquico. 16.2. Identificar a estrutura jurídico-institucional do regime republicano brasileiro, contida na Constituição de 1891. 16.3. Compreender o significado da construção de Belo Horizonte em termos da modernidade e do ideal republicano.
IX. Transformações econômicas, sociais e culturais no Brasil da Primeira República	Analisar os partidos políticos, o processo eleitoral na república oligárquica e os limites da cidadania nesse contexto. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o processo de diversificação econômica no Brasil aliado aos processos de imigração, urbanização e industrialização.</li> <li>• Compreender o processo de transformação da paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro, associando modernidade e exclusão social.</li> <li>• Relacionar o modernismo e a busca da nacionalidade: a Semana de Arte Moderna de 1922.</li> </ul>
X. Revolução Russa de 1917 e movimento operário, anarquismo e comunismo no Brasil.	Compreender a Revolução Russa de 1917 e o processo de construção do comunismo na União Soviética e sua repercussão no Brasil. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar o movimento tenentista e a Coluna Prestes.</li> <li>• Analisar o período entre guerras e a crise de 1929.</li> </ul>

### Eixo Temático III - Nação, Trabalho e Cidadania no Brasil

Tema 1: A Era Vargas (1930-1945): fortalecimento do Poder Central, a Nação Brasileira “re-significada” e a Cidadania Subtema 1 – A Revolução de 1930, Estado e Industrialização: os avanços e recuos da cidadania, extensão dos direitos sociais X cerceamento dos direitos políticos e civis.

Tópicos	Habilidades
17. Revolução de 1930 no Brasil.	17.1. Compreender o processo de crise do sistema oligárquico brasileiro, relacionando-o à ascensão de novas forças políticas e econômicas. 17.2. Identificar no Brasil dos anos 30 e início dos anos 40 a presença de embates entre comunistas e fascistas.
18. A Era Vargas: autoritarismo, estado e nação.	18.1. Relacionar o autoritarismo do governo Vargas com a ascensão do nazi-fascismo. 18.2. Identificar as ambiguidades da política econômica nacionalista do governo Vargas. 18.3. Relacionar a II Segunda Guerra Mundial e a industrialização no Brasil. 18.4. Analisar e compreender os avanços e recuos da cidadania nesse período: extensão dos direitos sociais (direitos trabalhistas, ampliação do direito de voto) X cerceamento dos direitos políticos e civis (autoritarismo). 18.5. Analisar e compreender o processo de constituição de uma nova identidade nacional ligada à industrialização e à centralização do poder. 18.6. Analisar o papel da propaganda oficial para difusão do novo ideário nacional, utilizando os meios de comunicação (rádio) e as expressões artísticas (música, literatura, cinema).
XI. Ascensão do nazi-fascismo na Europa.	Compreender o processo de ascensão dos regimes extremistas de direita na Alemanha e Itália.
XII. O rádio, o cinema, o carnaval e o futebol: a cultura de massas no Brasil.	Compreender a constituição e difusão de uma cultura popular e, ao mesmo tempo, de uma cultura de massas, no Brasil da Era Vargas. • Conceituar cultura de massas e cultura popular.

**Tema 2:** A República Democrático-Populista (1945-1964): Avanços e Recuos da Cidadania, Guerra Fria e Internacionalização Econômica Subtema 1 – A Guerra Fria, a internacionalização da economia e a industrialização do Brasil.

Tópicos	Habilidades
19. Novo contexto internacional: fim da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria.	19.1. Contextualizar a Guerra Fria e a divisão do mundo em áreas de influência dos EUA e URSS, identificando os conflitos em que essas potências se envolveram na Europa, Ásia, África e América. 19.2. Compreender a importância das Revoluções Chinesa e Cubana para a história do século XX, no mundo e no Brasil.
20. Avanços do capital estrangeiro e crise do populismo.	20.1. Analisar a influência do capital estrangeiro na industrialização do Brasil e os embates internos entre “entreguistas” e “nacionalistas”. 20.2. Conceituar populismo. 20.3. Identificar e analisar a constituição dos partidos políticos no Brasil nas décadas de 50-60. 20.4. Analisar o “desenvolvimentismo” nos anos dourados de JK (1956-1960). 20.5. Analisar e compreender os embates político-ideológicos entre direita e esquerda nos governos Jânio Quadros e João Goulart: o golpe militar de 1964. 20.6. Compreender os motivos, os pretextos e as estratégias subjacentes ao golpe militar de 1964. 20.7. Analisar limites e avanços da cidadania entre 1945 e 1964.

**Tema 3:** Anos de Chumbo e Anos Rebeldes: a Ditadura Militar (1964-1985) Subtema 1 – Os avanços do capital estrangeiro, a crise do populismo e o golpe de 1964

Tópicos	Habilidades
	21.1. Analisar o processo de implantação da ditadura militar no Brasil. 21.2. Identificar as bases jurídicas e institucionais da ditadura militar: atos institucionais, Constituição de 1967 e Emenda Constitucional de 1969. 21.3. Analisar o aparato repressivo militar e paramilitar instituído pela ditadura, com apoio da sociedade civil, para eliminação dos opositores (“subversivos”) e sustentação do

<p>21. Repressão, resistência política e produção cultural no Brasil.</p>	<p>regime.</p> <p>21.4. Analisar os principais movimentos de resistência da esquerda (guerrilhas urbanas e rurais).</p> <p>21.5. Identificar e analisar as restrições à cidadania na ditadura e as limitações aos direitos políticos e civis.</p> <p>21.6. Analisar as mudanças no contexto econômico brasileiro durante a ditadura: internacionalização da economia, industrialização, urbanização, dependência econômica e constituição de uma sociedade de consumo.</p> <p>21.7. Analisar o contexto cultural brasileiro antes do golpe de 64 e a forma como foi afetado; as diversas formas de resistência dos artistas e intelectuais brasileiros: a MPB, os festivais da canção e o cinema novo.</p> <p>21.8. Analisar a implantação dos governos autoritários e da luta armada na América Latina.</p>
---------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Tema 4:** Estado e Cidadania no Brasil Atual: a República Democrática e o Neoliberalismo (1985 aos dias atuais) Subtema 1 – Estado, economia e sociedade: o papel do estado na organização econômica, a abertura do mercado e os direitos sociais.

Tópicos	Habilidades
<p>22. Democracia e cidadania no Brasil atual</p>	<p>22.1. Analisar o contexto de formulação da “Constituição Cidadã” de 1988 e os avanços da cidadania nela expressos.</p> <p>22.2. Contextualizar as transformações mundiais do final do século XX a partir da desagregação do socialismo real.</p> <p>22.3. Analisar o contexto das tensões e reivindicações sociais no Brasil atual: eleições brasileiras de 2002, o Movimento dos Sem-Terra (MST) e a reforma agrária; os sem teto; movimento negro; a questão das políticas afirmativas.</p>
<p>XIII. Neoliberalismo e tensões sociais no Brasil</p>	<p>Analisar o contexto de estabelecimento de uma “nova ordem” mundial: ascensão dos governos conservadores e do neoliberalismo.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar a eleição de Fernando Collor de Mello e a abertura econômica do mercado brasileiro.</li> <li>• Analisar a mobilização popular e o <i>impeachment</i> de Fernando Collor de Mello (1992).</li> <li>• Analisar os dois governos de Fernando Henrique Cardoso e a implantação do neoliberalismo no Brasil.</li> <li>• Analisar a criação dos blocos econômicos regionais: Mercosul, Nafta e MCE.</li> </ul>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

(grade que pode ser verificada no CBC, 2007: Minas gerais, 2007, p. 22-32).

Ao longo desse extenso rol de conteúdos, em dois pontos se podem verificar uma incursão apenas implícita à Idade Média, ou que pelo menos exige que o professor regrida à cronologia histórica e a aborde. São eles o tópico três e o tópico sete. No terceiro tópico, há uma referência aos primeiros europeus, porém, seu complemento infere a abordagem da especificidade portuguesa. Isso, portanto, é interessante, mas insuficiente, já que por mais que requeira uma menção à origem do colonizador brasileiro, remontando assim à Idade Média, as habilidades pretendidas para esse tópico não condizem com uma pretensão de se aprofundar a mesma, pelo contrário, aponta a necessidade de compreensão sobre Portugal nos séculos XV e XVI: “3.1. Identificar e caracterizar a cultura europeia e portuguesa nos séculos XV e XVI. 3.2. Analisar o contexto e motivações para o início da colonização portuguesa no Brasil” (MINAS GERAIS, 2007, p. 22).

Da mesma forma, o tópico sete, ao referir-se à expansão marítima europeia, torna necessária uma explicação acerca da transição da Idade Média para a Moderna, o Renascimento, humanismo, racionalismo, enfim, questões que exigiriam que fosse, minimamente caracterizada uma cultura recorrente no medievo, o que também é restrito, para posteriormente evidenciar as transformações que levaram ao processo desejado que são as grandes navegações. Porém, o foco parece não ter essa preocupação de explicação processual, já que a única habilidade desejável explicitada evidencia o real objetivo: “Analisar o processo da expansão econômica e marítima europeia nos séculos XV e XVI” (MINAS GERAIS, 2007, p. 23).

Ademais, conforme pode ser observado, o rol de conteúdos se concentra amplamente na história brasileira sem estabelecer uma proposta que coloque em pauta, de forma consistente, a formação cultural da diversificada sociedade brasileira. Essa fragilidade,

portanto, em relação a abordagens de períodos históricos como a Idade Antiga e, sobremaneira aqui neste trabalho a História Medieval, não é algo desprezível, mas parece indicar a tentativa de inserção de um discurso nacional que, a nosso ver, é limitado, já que negligencia a formação cultural íntegra do público escolar do nível básico ao não atribuir importância à parte importante de suas heranças formativas.

É claro que ao nos posicionarmos dessa forma, não estamos atribuindo ao currículo à exclusividade do que se desenvolve no âmbito da sala de aula, pois reconhecemos as várias facetas curriculares, inclusive a oculta, que abarca, dentre vários aspectos, a subjetividade do mediador, como também a especificidade de cada realidade. O que deve ficar claro é o fato de que é significativo o que é explícito ou não neste documento oficial, pois é justamente aí que se percebe o discurso, uma vontade de verdade aos moldes debatidos por Michel Foucault.

## **1.2. – PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**

O PNLD (2011), conforme mencionado na introdução a essa parte da dissertação, pode ser caracterizado como uma política do Estado brasileiro que compreende ações colaborativas de vários membros e setores ligados à educação. Além dos técnicos do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), profissionais do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e do MEC (Ministério da Educação) integram o grupo que elabora o edital em que constam as informações gerais para os participantes detentores do direito autoral das obras didáticas. Além disso, técnicos do instituto de pesquisas tecnológicas da Universidade de São Paulo inspecionam para garantir a qualidade técnica desses materiais, que, finalmente, passam por uma análise de cunho acadêmico, em que professores universitários emitem pareceres finais, tudo no intuito de garantir a já mencionada e desejada qualidade.

Todo esse percurso, portanto, gera vários projetos que compõem coleções de livros didáticos. A partir dessa diversidade e de acordo com os projetos políticos pedagógicos de cada unidade escolar é que são feitas as escolhas do projeto mais adequado com o qual a escola contará no decorrer do ano letivo. A função dos professores nessa estrutura é fundamental, uma vez que podem colaborar discutindo a realidade político-pedagógica da unidade escolar onde atuam, e então, serem propositivos e criteriosos na escolha do projeto mais adequado para a sua realidade.

Por um lado, do ponto de vista técnico, esse parece ser um princípio interessante, pois cria uma expectativa de diversidade nas obras didáticas condizente com a pluralidade regional e cultural brasileira, o que, em tese, garantiria o acesso a materiais menos homogêneos e de

fato se confirmaria não apenas a qualidade como também relevantes opções de materiais. No entanto, por outro lado, a observação da prática indica um problema importante que é a reincidência de assuntos e abordagens que pouco diferenciam um projeto didático de outro, sobretudo, no que se refere aos assuntos ligados à História Medieval, objeto de interesse dessa pesquisa.

Observando cada um dos projetos do PNLD de 2011, percebe-se pouca variação nos temas abordados e a manutenção de uma História política, tendo como destaque o centro europeu que se transforma num espelho da dinâmica medieval. Os temas apresentados pouco vão além do que denominam de Europa feudal, focado em características especificamente do reino Franco e sobre a representatividade da dinastia carolíngia, destacando a mesma como a responsável, em grande medida, pela construção da Europa. No que se refere a essas especificidades, as coleções apresentam bons recursos textuais e imagéticos, desde que o professor, ao ministrar esse assunto, preocupe-se em explorar com qualidade aquilo que é indicado. O foco, todavia, continua exclusivo a uma realidade do centro europeu e apresenta uma visão bastante simplificada da Idade Média, principalmente pela excessiva abordagem política.

Para observar essas questões cuja apresentação está sendo iniciada, a análise do *Guia de Livros Didáticos PNLD 2011*, auxiliará para a evidenciação das características marcantes anunciadas. Este material apresenta pareceres de cada projeto que compõem a coleção do livro didático de 2011<sup>89</sup> e, por meio dele, é possível ter uma visão importante, ainda que parcial, sobre cada uma das obras e como o objeto aqui em destaque, a Idade Média, está sendo levada para as salas de aula, pelo menos a partir dessas referências didáticas<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> Os projetos que compõem essa coleção e seus respectivos organizadores e editora são: *História*, Leonel Itaussu de Almeida Mello e Luis César Amad Costa, editora Scipione; *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, Patrícia Ramos Braick e Myrian Becho Mota, editora Moderna; *História e Vida Integrada*, Nelson Piletti, Claudino Piletti e Thiago Tremonte de Lemos, editora Ática; *História em Documento, Imagem e Texto*, Joelza Ester Domingues, editora FTD; *História em Projetos*, Carla Miucci Ferraresi, Andrea Paula, Conceição Oliveira, editora Ática; *História, Sociedade & Cidadania – Nova edição*, Alfredo Boulos Júnior, editora FTD; *História Temática*, Conceição Aparecida Cabrini, Roberto Catelli Júnior, Andrea Rodrigues Dias Montellato, editora Scipione; *Navegando Pela História – Nova Edição*, Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz, editora FTD; *Novo História – Conceitos e procedimentos*, Ricardo Dreguer e Eliete Toledo, Saraiva livreiros editores; *Para Entender a História*, Divalte Garcia Figueira e João Tristan Vargas, Saraiva livreiros editores; *Para Viver Juntos – História*, Débora Yumi Motooka, Ana Lúcia Lana Nemi, Muryatan Barbosa, Anderson Roberti dos Reis, editora SM; *Projeto Araribá – História*, Maria Raquel Apolinário, editora Moderna; *Projeto Radix – História*, Cláudio Roberto Vicentino, editora Scipione; *Saber e Fazer História – História Geral e do Brasil*, Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues, Saraiva livreiros editores; *Tudo é História*, Oldimar Pontes Cardoso, editora Ática; *Vontade de Saber História*, Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg, editora FTD.

<sup>90</sup> Os projetos contidos na coleção de livros didáticos como o PNLD de 2011, por exemplo, são relevantes uma vez que se trata de possibilidades para que as unidades escolares lancem mão, tendo-os como possíveis referências para o trabalho durante períodos letivos.

O projeto denominado *História*, lançado pela editora Scipione, traz claramente uma proposta curricular de apresentação cronológica centrada na História política europeia. Há uma preocupação em estabelecer laços entre o passado e o presente, diz-se comprometido em promover possibilidades por parte dos professores em explorar fontes em sala de aula e, conseqüentemente, abordar distintos pontos de vista sobre os fenômenos e fatos históricos, mas essa tendência não se verifica quando são colocados em pauta os estudos acerca da Idade Média, pois neste caso, predomina uma visão muito localizada e particular do ponto de vista geográfico em relação ao período.

Os conteúdos voltados para a Idade Média podem ser encontrados nos volumes um (1) e dois (2), sextos e sétimos anos respectivamente. No primeiro, o destaque fica em função do Império Carolíngio e o feudalismo, típico da mesma região, embora ainda faça breves considerações acerca do surgimento do Islã e suas primeiras incursões expansionistas. No segundo volume, já referente ao sétimo ano, chama a atenção o fato de denominar um tópico como “Cultura Medieval”, mas simplifica essa denominação basicamente às características carolíngias e a generaliza numa concepção de cultura medieval. O olhar menos atento no âmbito escolar, em caso de não problematização dessa proposta pode reduzir a complexidade e diversidade do período, levando a não compreensão de elementos básicos dessa temporalidade e a sua relevância histórica.

O projeto *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*, lançado pela editora Moderna, preocupa-se em apresentar uma História integrada e valorizar a formação humanística. De uma forma geral, buscam-se contemplar diferentes grupos humanos e suas práticas culturais, inclusive, alguns considerados como silenciados nos materiais didáticos, neste caso, destacando-se povos africanos.

Dentre suas características gerais, a metodologia é um aspecto interessante, pois dialoga com concepções atualizadas do ensino de História, que se pauta basicamente na preocupação em apresentar o passado como herança da humanidade, pois as transformações ocorridas ao longo do tempo foram promovidas pelos seres humanos e, portanto, a História a partir desse princípio pertence a todos. Dessa forma, um dos desafios do ensino de História é integrar o sujeito nessa perspectiva a que ele pertence, colaborando para que se perceba como continuador de tradições culturais construídas por ações dos próprios pares humanos em diferentes épocas.

Apesar dessa perspectiva geral e positiva do ponto de vista metodológico, o projeto em questão não vai muito além quando se trata de temáticas medievais, concentra sua abordagem na Idade Média europeia (central), breves considerações acerca do mundo islâmico e observa

a crise do sistema feudal. Neste caso, predominam os aspectos generalizantes do período sem que a mesma tenha um tratamento mais complexo ou apresentado outras realidades que pudesse indicar a dinâmica da Idade Média. Dentro dessa especificidade, os estudos medievais, os princípios gerais do projeto são prejudicados, pois deixa de enriquecer o debate de uma de suas proposições que é o diálogo entre o passado e o presente, dado o fato de que a complexidade medieval ajuda, em grande medida, para a compreensão da formação cultural do Ocidente, relativizá-la ou simplifica-la, como é o caso dessas abordagens presentes neste projeto, prejudica no processo de formação de uma ideia mais complexa.

O projeto *História e Vida integrada*, lançado pela editora Ática, apresentam como suas principais preocupações fatores relacionados à construção da cidadania, ao ensino e à defesa dos direitos humanos, progressos referentes às conquistas no que diz respeito à tolerância religiosa e à pluralidade ética e cultural. O projeto busca contemplar visões de uma História social e cultural, mas em seu conjunto, há aspectos marcantes de uma História política. Sobre a História política, aliás, no tocante ao objeto desta parte do trabalho, fica clara a abordagem com tais características.

A Idade Média, no projeto didático agora em questão, é tratada brevemente no final do volume direcionado para o sexto ano e no início do volume voltado para o sétimo ano. Na primeira situação, há uma referência bastante introdutória em relação à formação do Império Islâmico e quando se dedica estudos específicos sobre a Idade Média, no sétimo ano, acaba sendo recorrente sobre o que se denomina como sociedade feudal, o Império Carolíngio e as Cruzadas. Nessas temáticas mantêm-se a linearidade, a História factual e pouco espaço para uma análise crítica do período ou situações que privilegiam um olhar diferenciado, que colabore para a superação da visão negativa da Idade Média.

No projeto seguinte, apresentado pelo PNLD 2011, denominado de *História em Documento, Imagem e Texto*, a preocupação básica está em apresentar de forma integrada e bem determinada a História do Brasil, da América e a História geral. Busca uma abordagem multicultural, no intuito de romper com o eurocentrismo marcante na historiografia e, por consequência, também no ensino básico.

O projeto consegue apresentar elementos diferenciadores como o diálogo com a literatura e sua relação com a História, aguçando a imaginação e exigindo uma boa mediação por parte do professor, que, além disso, para que não sobrecarregue o público discente, deve recortar com precisão aquilo que irá ser trabalhado e especificar adequadamente, pois se trata de um material com muitas sugestões de pequenos recortes de fontes para serem analisadas, ou seja, exige um bom planejamento.

Quando observados seus aspectos gerais, sobressaem mais as virtudes do que propriamente observações, no entanto, referente ao ensino de História Medieval, embora traga uma perspectiva interessante que é a análise de fragmentos de fontes, não avança muito do ponto de vista das temáticas abordadas<sup>91</sup>. Assim como a maioria dos projetos, há uma preocupação com o feudalismo medieval, mas aborda-o a partir do centro-europeu, generalizando-o em suas características e concepções para as demais regiões, dando a ideia de um período em que se pode percebê-lo como homogêneo e livre de quaisquer problematizações.

A obra seguinte, *História em Projetos*, é outro trabalho que compõe a coleção do PNLD de 2011 e se trata de um projeto que prioriza as atividades como formas de se pensar o conhecimento histórico, instigando as apresentações orais, os debates, leituras conjuntas de fontes que são atividades que condizem com o princípio adotado de que a escola é o lugar de trocas e difusão de saberes. Uma ressalva que não pode ser ignorada é que essa forma de procedimento nem sempre colabora para a abordagem conceitual adequada das temáticas, de forma que as pesquisas nos textos de apoio podem se transformar em meros conjuntos de dados, ou seja, mais do que localizar dados é necessário compreendê-los dentro de seu quadro geral e contextual.

Especificamente no tocante à História Medieval, restringe-se numa breve apresentação de características da Alta e Baixa Idade Média, mantém o viés exclusivista do centro-europeu e embora tenha a preocupação em mencionar os aspectos dessas fases medievais, dedica-se pouco espaço para essa temática, preterindo-a em função dos estudos americanos e referentes à África. No entanto, o que poderia ser um indicativo de fuga em relação ao eurocentrismo culmina na abordagem de uma América e África na perspectiva dos avanços europeus e seus povos são tratados principalmente a partir da relação com os sujeitos daquele continente.

O projeto *História, Sociedade & Cidadania*, lançado pela editora FTD, é outro voltado para as atitudes de convivência que valoriza o fator democrático, conforme suas pretensões e a valorização dos direitos humanos. Investiu-se em imagens de tamanho e resolução de alta qualidade no intuito de potencializar os debates acerca da desmitificação de preconceitos e estereótipos e para a valorização da cultura africana, sobretudo, no Brasil. Aliás, o projeto tem claro que seu diferencial está justamente na abordagem qualitativa dessa especificidade.

---

<sup>91</sup> Fora do que se considera centro-europeu, o projeto didático aqui referido até aborda o surgimento de Portugal, na Península Ibérica, mas preocupado, principalmente, em justificar seu pioneirismo na expansão marítima.

Em Idade Média a abordagem é sucinta e apresenta temas genéricos como Europa Medieval, Árabes e islamismo. Sobre os últimos, apresenta basicamente seu surgimento e a expansão logo nas primeiras décadas de existência, passando pelo norte africano e Península Ibérica, mas em ambos os casos registra-se uma breve apresentação do surgimento e o rápido avanço islâmico. Sobre a Europa Medieval, valoriza-se a dinâmica central do ponto de vista geográfico sem aprofundamentos que sejam suficientes para uma compreensão mais complexa sobre o tema.

O projeto *História Temática*, lançado pela editora Scipione, por sua vez, tem seu diferencial justamente por adotar a perspectiva da História temática, apoiada pela noção da experiência social e na utilização da categoria tempo, como uma maneira de orientar a compreensão dessas experiências ao longo da História. Assim, o intuito é que o aluno se desprenda da cronologia e dos aspectos factuais em História e se concentre nos objetos de estudo na relação passado e presente, fortalecendo o próprio conceito de tempo histórico. Uma das ideias centrais preconizadas neste projeto, em seus aspectos gerais, é que se aprenda História de uma maneira aproximada à forma como se produz o conhecimento histórico.

Trata-se, sem dúvidas, de um projeto instigante e complexo para o desenvolvimento de determinados temas históricos, como a História da África e História indígena, mesmo que a partir do contato entre esses povos e os europeus, porém, no que se refere ao ensino de História Medieval, que aqui é tratada como foco central de pesquisa, deixa a desejar quanto à ausência dessa abordagem. É certo que quando se tem como premissa a abordagem temática, conceitos importantes como cultura, religião e outros, podem ser abarcados em discussões mais amplas sem que haja a necessidade de estarem explicitamente elencados na proposta didática, mas isso demanda a subjetividade do professor mediador, que, além de abarcar as temáticas ausentes, deve preparar o material extracurricular para o seu público.

Dessa forma, é que pode ser pensada a Idade Média neste projeto didático, não que o referido período esteja totalmente descartado dentro de sua perspectiva, pois sua forma de abordagem permite a inferência desses assuntos, mas a ausência de temas específicos medievais indica que há um desprestígio desse conhecimento histórico, negado ao público escolar de unidades educacionais que lançarem mão desse material.

Na continuidade da apresentação dos projetos que compõem o PNLD de 2011, aborda-se, agora, a obra didática intitulada *Navegando pela História – Nova Edição*, lançado pela editora FTD. A exemplo da maioria até aqui apresentados, este trabalho se caracteriza pela reincidência de uma História do Brasil e geral numa perspectiva integrada, sua narrativa é cronológica e tem como referência a divisão temporal europeia.

No que diz respeito à Idade Média, aborda o Império Bizantino, o Mundo Árabe, os Povos Germânicos e o Império Carolíngio, a Igreja Medieval, o Sistema Feudal e sua crise. Assuntos que têm sido recorrentes e imutáveis, que vem acompanhados de rápidas considerações e generalizante, sem exercícios ou problematizações que permitam pensar de maneira aprofundada o cotidiano e a cultura do período. Apresenta quantitativamente importantes informações, mas a linearidade e os aspectos factuais expressam sua característica política da abordagem.

Já o projeto *Novo História – Conceitos e Procedimentos* é uma proposta distinta das até aqui listadas. Busca o saber escolar a partir do olhar sobre o cotidiano de pessoas comuns, dando espaço para a construção de conteúdos conceituais sobre a experiência das vivências humanas. É um projeto que explora sobremaneira o século XX, mas traz temas de outras periodizações de maneira mais complexas, quantitativamente falando. Tenta abordar aquilo que considera como os principais elementos históricos que devem ser abordados no ensino básico.

Em Idade Média, alarga o foco se comparado à maioria dos projetos, uma vez que pensa o período entre o século VI e o XIII em regiões como a Europa Ocidental, Oriental, o mundo islâmico, Impérios e Reinos Africanos da Costa Ocidental, Sul e Nordeste, China e Feudalismo Europeu. Pode-se afirmar que se trata de um projeto que rejeita a crítica do exclusivismo centro-europeu quando se trata de assuntos medievais, pois também aborda outros lugares e culturas, embora, para a referida região, ainda parece haver um tratamento diferenciado, no entanto, não deixa a impressão de uma Idade Média imutável e homogênea.

O projeto seguinte é intitulado de *Para Entender a História*, lançado pela Saraiva livreiros editores. Pauta-se em conteúdos distribuídos entre a História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, buscando intercalar a experiência histórica brasileira à europeia e latino-americana. Um de seus objetivos é organizar eventos, datas, ideias políticas, movimentos sociais e econômicos de maneira a informar os alunos sobre os principais mecanismos constituintes da sociedade formada por grupos distintos. Trata-se, ainda, de um projeto pedagógico marcado pela narrativa linear e engajada com o aspecto informativo. Mantém uma uniformidade quanto aos exercícios o que deixa a impressão de que não considera tanto a complexidade cognitiva demandada por cada faixa etária e nível de escolaridade.

Sobre a Idade Média, centraliza as atenções para a fase posterior ao século XI, sobretudo, ao fortalecimento do comércio, foca, portanto, mais as características que seriam marcantes depois na composição do período Moderno e não enfatiza culturalmente o período

medieval. Deixa a impressão da existência de uma espécie de ostracismo por um longo período histórico e o retoma apenas para indicar uma suposta recuperação do que levou às características da fase histórica denominada como História Moderna.

O projeto seguinte é intitulado *Para viver juntos – História*, lançado pela editora SM. A coleção se organiza a partir de uma perspectiva clássica de História Integrada e aborda, além dos conteúdos usuais, temas como cultura, cotidiano e saúde. Apresenta uma variedade de fontes que, se tratadas de maneira adequada, pode proceder com o ensino de História de maneira aproximável à produção do conhecimento histórico, com abordagens interpretativas. O projeto indica como merecedora de atenção especial a seção *Arte e Cultura*, ao final das unidades, com imagens e reflexões acerca de obras de arte e expressões culturais de cada período estudado.

Mantém a forma clássica de apresentar o período Medieval, mas entende como importante demarcar a alta e baixa Idade Média, concebendo a relevância do cotidiano e a cultura feudal. Neste ponto, novamente, encontra-se a exclusividade de uma visão medieval quando se elege o feudalismo com as características da região dos francos como o espelho de toda a dinâmica histórica do período, neste sentido, o projeto acaba sendo simplista em sua abordagem e equivocadamente generalista, mas que seja ressaltada a reincidência da abordagem que foca o mesmo recorte geográfico de vários outros projetos.

O projeto seguinte é o *Araribá*, lançado pela editora Moderna. É um dos mais utilizados, sobretudo, na rede estadual do estado de Minas Gerais e se compromete em colaborar para o ensino de História de forma similar à forma como se constrói o conhecimento histórico. É marcado pela qualidade de seus textos, embora geralmente bastante técnicos, e pela qualidade de suas ilustrações. As atividades indicadas em cada sessão de estudos exigem, geralmente, a capacidade de localização de respostas nos textos base, mas apresenta também alguns bons exercícios de interpretação, tanto textual e imagética, quanto de filmes.

Neste projeto não há muita relação entre os temas de História geral e do Brasil, justamente por elencarem grandes períodos cronológicos, o que leva os autores a trabalhar de forma panorâmica os conteúdos. Concernente à História Medieval, isso se confere, uma vez que anunciam temas amplos, mas os trabalham de maneira bastante introdutória. O viés é eurocêntrico (central) e se posiciona em relação às demais regiões como mundos além da Europa, na temporalidade compreendida como medieval.

Não colabora efetivamente para a apresentação de uma História Medieval que contribui para a formação integral e capaz de evidenciar elementos emergentes do período que

formam parte da cultura ocidental dos tempos atuais. Mantém o foco exclusivista e narra alguns dados cronologicamente, sem uma abordagem cultural que provavelmente a dinamizaria.

O projeto posterior ao *Araribá* é denominado como *Projeto Radix – História*. É anunciado como um trabalho que valoriza um ensino de História que entende o conhecimento como algo possível a partir de interpretações caracterizadas pela subjetividade, ou seja, preocupa-se em esclarecer aos alunos, *a priori*, que o conhecimento científico levado para a escola é construído, ressaltando a importância de suas participações e engajamento no processo de ensino-aprendizagem, pois pensar sobre o conhecimento é uma maneira de continuar difundindo e, ao mesmo tempo, ao relacionar com o cotidiano, significa colaborar para a construção de novos saberes.

No que concerne ao período medieval, aborda o Feudalismo na Europa; da Idade Média Europeia e no Oriente, ressaltando o Império Bizantino e a Difusão do Islã; a Baixa Idade Média Europeia, incluindo o Renascimento Comercial e Urbano, a Formação das Monarquias Centralizadas e o “Fim” do Período Medieval. Recorre a temas clássicos, mas deixa espaços para se pensar um pouco mais sobre cada temática, em suas leituras e conteúdos complementares. É um trabalho que parte de um considerável princípio metodológico, mas repete algumas características presentes em outros projetos.

O projeto *Saber e Fazer História – História Geral e do Brasil*, estrutura-se de forma cronológica e segue a orientação temporal eurocêntrica. Mescla a apresentação de seus conteúdos entre História geral, do Brasil e América, mas sempre priorizando a História ocidental em seus aspectos políticos e econômicos. É um trabalho que oferece ao professor boas condições de desenvolver o conhecimento histórico, pois possui fragmentos de fontes que propiciam os diferentes posicionamentos, mas isso não está necessariamente associado aos textos base, de qualquer forma, sugere atividades que exigem o diálogo com muitas informações.

Em História Medieval, aborda os seguintes temas: Reinos Germânicos e Império Carolíngio; Mundo Islâmico; Ocidente Medieval; Império Bizantino, mas pode-se afirmar que sua ênfase maior está no que se refere aos Reinos Germânicos, Império Carolíngio, e o que chama, genericamente de Ocidente Medieval, mas quanto ao último, o espaço geográfico discutido não foge muito desse espaço franco anteriormente mencionado.

A metodologia utilizada fundamenta-se na linearidade cronológica, baseando-se, conforme indicado, na análise das sociedades ocidentais e suas políticas administrativas e econômicas. Os textos base se caracterizam pela apresentação geral dos conteúdos, sem uma

devida problematização, o que só se torna parcialmente possível a partir da realização dos exercícios, os quais em alguns casos sugerem um posicionamento e relação do sujeito (aluno) com o conhecimento histórico abordado.

Já o projeto denominado *Tudo é História*, lançado pela editora Ática. Traz como característica a estruturação com base na História geral e do Brasil, tendo como referência a periodização europeia. Diferentemente da maioria dos projetos didáticos, este, apesar dessa característica inicial, propõe formas distintas para agrupar os programas de ensino contidos nele, o que segundo sua própria expectativa, pode oferecer possibilidades de usos e adaptações múltiplas.

Em História Medieval, aborda os Povos Germânicos; Império Bizantino; Islamismo; Império Carolíngio; Sociedades Feudais; Cruzadas e Fim da Idade Média. Recorre a temas clássicos característicos dos materiais didáticos, os quais são brevemente discutidos e deixa a impressão de uma História medieval pouco interessante, quando não irrelevante para a formação cultural dos alunos do ensino básico. Outro fator preocupante é a persistência de atividades centradas numa uniformidade linear em que até mesmo os exercícios remetem a uma localização e cópia de trechos do texto base para responder aos questionamentos.

O último projeto que compõe a coleção de livros didáticos do PNLD de 2011 é denominado como *Vontade de Saber História*, lançado pela editora FTD. Adota, assim como os demais projetos didáticos, a cronologia histórica ocidental, tomada como referência para planejar os conteúdos, que são, alternadamente, História geral e do Brasil. O projeto busca desafiar os alunos na compreensão dos textos base e ao professor por uma adequada mediação, inclusive para dar uma dinâmica às descrições dos textos, uma vez que além de descritivos, são também caracterizados pela linearidade.

Em História Medieval apresenta conteúdos como a Expansão do Islã e a Época Medieval a Partir do Império Carolíngio, sendo o último o conteúdo em torno do qual giram as concepções acerca da Idade Média. Outra vez se percebe o tratamento simplista à Idade Média, cujas temáticas continuam restritas e pouco problematizadas. Fica claro ainda, que as pesquisas realizadas no meio acadêmico não chegam de forma qualitativa e quantitativa no ensino básico, dada a recorrência de assuntos e formas de abordagem dos mesmos nos projetos didáticos.

### **1.3. – IDENTIFICAÇÃO DO DISCURSO.**

A apresentação dos aspectos gerais de cada projeto didático que compõe a coleção do PNLD de 2011, embora bastante introdutória, revela alguns elementos que chamam a atenção

tanto de um ponto de vista geral, quanto particular no que diz respeito ao objetivo deste trabalho. No aspecto geral, em muitos casos propõem leituras condizentes e esclarecidas com princípios historiográficos, pelo menos parcialmente, e quando assumem propostas definidas buscam contemplar seus pressupostos, sobretudo, nas atividades e/ou leituras complementares e nas indicações de fontes para o desenvolvimento das aulas. Embora seja possível observar esse fator, também se pode notar, muitas vezes, um ecletismo teórico, o que se explica pelo fato de se tratar de obras elaboradas coletivamente e que, portanto, abarcam distintas visões e concepções historiográficas.

Já no aspecto particular referente à especificidade de interesse deste trabalho, a constatação é a de que prevalece uma abordagem definida, notadamente persistente no que concerne aos conteúdos e praticamente sem variações metodológicas para com sua abordagem. A Idade Média presente nos livros didáticos da coleção observada mantém certo padrão de conteúdos que praticamente não vão além dos estudos acerca do Império Carolíngio e o feudalismo com suas características básicas, conforme as práticas feudais da região abordada. Tratam superficialmente o Império Bizantino e o surgimento e expansão do Islã, mas de forma complementar, tanto que, em relação ao último, geralmente, ao estudá-lo fica a impressão de que a questão central acerca do islamismo, o que acaba sendo mais marcante é a sua ascensão interrompida pelos Francos, liderados por Carlos Martel, na região dos Pirineus no ano de 732<sup>92</sup>.

Dos dezesseis projetos analisados, todos mantiveram o foco nessa especificidade medieval (reino Franco e Feudalismo) e apenas um, o projeto, *Novo História: Conceitos e Procedimentos* foi além e apontou outras questões em diferentes espaços como na África e na Ásia, deixando uma margem melhor para se pensar o medievo em diferentes realidades. Se uma das principais observações que pode ser feita em relação aos projetos didáticos é a exclusividade geográfica da abordagem de temas medievais, no caso deste em referência, pode-se até compreender que seu principal foco seja, assim como os demais, o mesmo, mas quanto à exclusividade essa crítica não se aplica.

Observar as reincidências, as exclusividades é uma atividade que indica vários fatores, sobretudo, questionamentos: Por que tanto se trata de Império Carolíngio em materiais didáticos brasileiros? Como se pode pensar a Península Ibérica do mesmo período? Que aspectos do medievo ibérico colaborariam para o entendimento histórico da formação cultural da qual compartilha a sociedade brasileira? Enfim, questionamentos que são pertinentes para

---

<sup>92</sup> Questão abordada em quase todos os projetos didáticos da coleção e reincidentemente cobrada em atividades de textos complementares do material.

se pensar o meio do qual fazemos parte. A educação básica, responsável pela formação do cidadão íntegro, inclusive culturalmente, poderia ser mais profícua se abordasse temas variados, como por exemplo, esse que está sendo sugerido. É claro que todo conhecimento histórico tem sua legítima validade, mas a exclusividade de temas ou conteúdos acaba levando ao efeito contrário, ao invés da formação integral, ela limita ou até mesmo anula a relevância de determinados conhecimentos.

#### **1.4 – UMA ARGUMENTAÇÃO NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT SOBRE O DISCURSO.**

Dentro dessa perspectiva de pesquisa histórica proposta, que apresenta como foco uma particularidade da História Ibérica e diante de um quadro curricular que elenca e mantém praticamente inalterados alguns recortes temáticos medievais nas coleções didáticas, este trabalho faz algumas considerações e têm alguns posicionamentos sobre essa realidade.

Inicialmente, levando em consideração as observações acerca dos materiais curriculares analisados, pode-se afirmar que a abordagem da História Medieval ibérica praticamente inexistente tanto nos projetos didáticos que compõem a coleção do PNLD de 2011, quanto no CBC do Estado de Minas Gerais, neste, conforme observado, nenhuma referência explícita. A única alusão mais específica é sobre o surgimento do Estado português durante a Idade Média e em alguns projetos, mas para justificar porque aquele país foi um dos pioneiros das grandes navegações no século XV, prevalecendo, portanto, o viés exclusivista de uma História medieval do espaço atualmente francês, conforme observado nas breves apresentações de cada projeto didático.

A reincidência das temáticas em várias coleções de livros didáticos nos instiga a problematizar essa unanimidade recorrente e questionar o discurso preconizado para o ensino básico. Discurso, aliás, conceito bastante desenvolvido por Michel Foucault passa a ser fundamental neste trabalho. Para o referido autor “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2012, p. 41). Partindo desse princípio, consideramos preliminarmente que a reincidência de temáticas acerca do período medieval estritamente direcionada a determinadas realidades, mantém um posicionamento que prioriza uma tradição cultural, essencialmente a francesa, em detrimento da possibilidade de diversidade.

Em suas perspectivas, o autor considera os vários âmbitos de exercício do poder negando que haja uma centralidade de exercício do mesmo. A manifestação do poder está presente na pluralidade de situações e o campo da educação não se isenta desta constatação,

mas pelo contrário. Isso nos leva a questionar situações como as anteriormente mencionadas em que recortes específicos educacionais de uma particularidade da área de História são disseminados no ensino básico, sendo que a particularidade de que se trata oferece várias outras maneiras de ser abordada.

O discurso, ao passo que proferido ou reconhecido enquanto modelo nas instituições, apresenta seu poder e a efetivação das convicções daquele ou daqueles que o elaborou. Neste sentido, se se pensar particularmente o âmbito escolar, podem-se perceber nas orientações curriculares discursos enquadrados em projetos, que, embora justificados dentro de certo propósito ou princípios teórico-metodológicos, focaliza determinados objetivos e minimiza outros aspectos também importantes para a formação cultural do público escolar<sup>93</sup>.

A tradição cultural mais difundida, passível de identificação nos estudos de História Medieval no ensino básico, conforme temos afirmado, é a tradição cultural francesa. Em torno deste espaço geográfico concentram-se os conteúdos sugeridos para serem desenvolvidos junto às turmas que se encontram em processo de formação. Enquanto por um lado, há certo esforço por parte das teorias educacionais em fazer dialogar o conhecimento acadêmico com a realidade cultural dos alunos, por outro, o distanciamento das raízes culturais preteridas em função de outro discurso caracteriza uma contradição em relação às pretensões primeiras.

Neste sentido, retomo a análise de Michel Foucault acerca do conceito de discurso. A hegemonia da tradição cultural supramencionada se caracteriza como uma clara demonstração de poder proveniente de um discurso vitorioso, de forma que a propagação daquilo que é estabelecido para ser ensinado, expressa a vontade daqueles que detêm o poder, que proferem o discurso<sup>94</sup>. E, desta forma, o desejo pela difusão de uma realidade específica da Idade Média no ensino básico evidencia que há um discurso que sobressai em relação às demais possibilidades, e, portanto, expressa seu poder<sup>95</sup>, uma consequência básica disso é que pouco

---

<sup>93</sup> Aqui vale refletir um pouco sobre posicionamentos do próprio Michel Foucault acerca do conceito de Discurso, conforme o explicita no livro *Microfísica do Poder*. “O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é que ele não pesa só como uma força que diz não, mas de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (FOUCAULT, 2008, p. 8). O discurso expresso nos currículos oficiais ou coleções didáticas, ao menos, parece-nos, cria uma expressão viciosa em que nos materiais didáticos repetem-se as mesmas temáticas e no currículo oficial mantém-se um foco exclusivista. Essas ações parecem naturalizar um quadro previamente estabelecido, legitimando escolhas de temas educacionais.

<sup>94</sup> Michel Foucault em *A ordem do discurso* tratou desta relação discurso/poder fundamentando-se, por exemplo, no viés explicativo da psicanálise, que considera o discurso como o objeto de desejo; e na História, verificando que o discurso é o poder propriamente dito, do qual os grupos querem se apoderar.

<sup>95</sup> Tomaz Tadeu da Silva em *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo* faz uma interessante leitura das várias possibilidades de currículo, inclusive, apresentando uma vertente denominada de pós-crítica que considera o discurso presente nos currículos como indissociável do poder. Se o currículo aponta o que deve ser ensinado, logo, não pode deixar de estar envolvido em questões de poder. Quando um discurso

se explora as reais heranças culturais brasileiras e isso se aplica aos dois documentos analisados.

O discurso único circulante é prejudicial em vários sentidos, mas enraíza seus perigos ao estabelecer um referencial de cultura. A padronização exacerbada agride a diversidade e fere a própria historicidade de países como o Brasil cuja origem, em grande medida, devido ao exclusivismo indicado, é negligenciada em termos culturais. A educação desenvolve um papel fundamental no tocante à valorização das raízes culturais, e assim, quando impera um discurso que prioriza outro padrão de cultura, tem-se por consequência uma sociedade que faz seus alguns referenciais externos.

Não há intenção neste trabalho de sugerir uma simples mudança de foco, pois também caracterizaria a unilateralidade, a manutenção de uma visão única, que impõe uma vontade de verdade em detrimento de qualquer outra possibilidade. A sugestão aqui presente é que haja um ensino de História Medieval que considere outros espaços, outras tradições<sup>96</sup>. Particularmente, há aqui a compreensão de que a introdução dos estudos ibéricos, justamente por dialogar com teorias do ensino que defendem a aproximação dos conhecimentos acadêmicos à realidade cultural dos alunos pode colaborar qualitativamente com a formação cultural dos educandos do nível fundamental de ensino. A negligência de fatores que são intrínsecos à realidade cultural de nosso público pode ser vista como uma agravante para educação que se pretende qualificada.

Evidentemente, acrescentar os estudos ibéricos nos currículos escolares não romperá com o eurocentrismo, mas permitirá diálogos com localidades e tradições com os quais há relações mais diretas. Historicamente, a sociedade brasileira não abarca da maneira que deveria a heterogeneidade que a formou: a figura do indígena, do africano, dos árabes com sua contribuição por meio dos ibéricos, sequer são repercutidas com o respeito e valor histórico que lhes devem ser conferidos. Neste sentido, proceder com os estudos ibéricos como outra possibilidade de abordagem da História Medieval permite verificar a formação cultural da qual, em grande medida, somos provenientes e resgatar outras contribuições ainda mais negligenciadas, como a dos árabes.

Essa cultura ibérica que herdamos e não é valorizada no âmbito da educação se manifesta de outras maneiras além daquilo que é intrínseco à sociedade. O historiador José Rivair Macedo *em Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo*

---

predominante em determinado currículo busca garantir consenso e hegemonia, está procedendo numa operação em que expressa seu poder.

<sup>96</sup> Vale a pena pensar que a crise da educação brasileira, de alguma forma também pode ter relação com o fato de imperar um discurso homogeneizador, numa realidade marcada pela heterogeneidade e disparidades.

nos mostra alguns aspectos relacionados à manutenção cultural ibérica do período da Reconquista no interior do Brasil. Para ele, com a exceção da Amazônia, as demais regiões do Brasil ainda teatralizam o confronto entre Cristãos e Mouros, tendo-o como referencial para a propagação da fé cristã aqui. As encenações baseiam-se nas chamadas cavalhadas, cuja riqueza de detalhes pode ser notada adiante,

[...] a dramatização tem início com a apresentação dos grupos e a troca de embaixadas, na qual o emissário do rei cristão propõe aos mouros que aceitem o cristianismo, e, mediante a negativa, declara-lhes guerra. A luta se desenvolve mediante a exibição de diferentes evoluções executadas pelos participantes, com a subsequente tomada de um castelo. Os beligerantes vestem trajes adornados - os cristãos, com cores azuis, e os mouros, vermelho ou cor-de-rosa. Os animais também aparecem enfeitados, alguns com estrelas e outros com a lua crescente [...]. [...] a evolução dos movimentos é permeada por insultos e desafios verbais, por música e bailados. Ao final, os mouros são invariavelmente vencidos, acabando por aceitar o batismo e converter-se. (MACEDO, 2000, p.10).

Nesta observação, pode-se perceber a presença marcante da cultura ibérica que tem resistido à negligência e mostrado o quanto é intrínseca à nossa formação<sup>97</sup>. Trata-se de conflitos ainda medievais, mas permanecem de alguma maneira presentes no imaginário, principalmente no interior do Brasil. As representações encenadas no interior do Brasil, conforme evidenciado, tem como inspiração o processo denominado de Reconquista ocorrido na Península Ibérica a partir do século XI. Trabalhamos com este recorte temporal por haver o entendimento, baseados numa considerável bibliografia, que a cultura ibérica da qual se pode detectar uma relação cultural teve sua identidade, em grande medida, formada a partir dessa periodização, a mesma que como se tem observado, não dispõe de prestígio nos meios didáticos brasileiros.

---

<sup>97</sup> Embora esteja presente a tentativa de evidenciar no campo da cultura uma relação direta com os ibéricos, esta relação não é um pré-requisito para validação da pesquisa, pois compartilhamos do princípio de que todo conhecimento tem sua validade histórica. Nossa crítica está centrada na propagação da única visão, na difusão única de discurso e nas consequências deste processo, a História Medieval Ibérica é uma possibilidade justificável, mas vale ressaltar o fato de ser mais uma também importante possibilidade.

## **2 – OBJETO DE APRENDIZAGEM<sup>98</sup>**

Neste capítulo serão abordados os aspectos relacionados à exigência do programa de pós-graduação em História Ibérica, da UNIFAL-MG, referentes ao desenvolvimento de um objeto de aprendizagem relacionado à pesquisa desenvolvida, sobremaneira, à temática pesquisada da área de História que se encontra na primeira parte da dissertação. Todas as questões que abarcaram o desenvolvimento desse objeto de aprendizagem serão apresentadas, tal como seu produto final, o objeto propriamente dito, que é um jogo de temática histórica envolvendo conceitos e questões concernentes ao tema pesquisado, ou seja, referentes aos princípios da identidade no reino de Castela. Essa descrição será mais completa no decorrer do capítulo que segue, constando ainda uma apresentação específica de cada fase do objeto de aprendizagem, além de discutir o seu potencial pedagógico. Por fim, haverá um pequeno relato de experiência referente ao teste realizado do objeto de aprendizagem numa turma de sétimo ano do ensino fundamental II.

### **2.1 EXPLORANDO OS RECURSOS MIDIÁTICOS EM SALA DE AULA.**

O desenvolvimento de um objeto de aprendizagem que pudesse contemplar às demandas de nossa proposta de pesquisa histórica foi um desafio no decorrer do curso, pois o primeiro grande esforço consistiu em conhecer as variadas possibilidades e compreendê-las de forma que pudessem ser apropriadas dentro de uma perspectiva pedagógica capaz de mediar com criatividade o conhecimento elaborado. Com a disciplina acerca do desenvolvimento do objeto foi possível ter clareza da ferramenta mais indicada para esta proposta, não só pela potencialidade do software inspirador, como também pela viabilidade de execução do projeto.

O software inspirador foi o hot potatoes, que foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro de Informática da Universidade de Victoria, no Canadá. Trata-se de um programa que possibilita o desenvolvimento de várias atividades educacionais para serem disponibilizadas na internet, ou seja, uma ferramenta acessível. A grande questão para a criação dessas atividades foi compreender a ferramenta e os espaços onde as informações necessárias deveriam ser lançadas, pois conhecidos esses caminhos, variados exercícios como palavras-cruzadas, preenchimentos de lacunas, jogos de perguntas e respostas e associação de palavras poderiam ser desenvolvidos.

A partir disso, buscamos viabilizar um jogo didático que possa ser utilizado dentro e fora do espaço escolar, mas que, sobremaneira, seja uma ferramenta para o profissional da

---

<sup>98</sup> O objeto de aprendizagem desenvolvido pode ser acessado no seguinte link: <http://historia-medieval.esy.es/>

área de História que esteja no exercício docente tratando da Idade Média Ibérica, trata-se de um suporte que poderá auxiliar de uma forma que abordaremos mais adiante. A ideia inicial é que métodos como este, a utilização de recursos tecnológicos sejam utilizados, dentre vários intuitos, o de preservar a atenção dos alunos ao debate sobre o conteúdo. No decorrer dos próximos parágrafos discutiremos mais especificamente sobre sua organização, mas inicialmente se pode antecipar que se trata de um jogo composto por fases no qual os estudantes se avançarão mediante a resolução dos questionários. Isso pode significar uma situação interessante: a associação entre o prazer e o processo de aprendizagem, dado o desafio inerente ao método que lança mão de ferramenta tecnológica. Iniciado o jogo, as sucessivas fases impõem seu estilo de competição que é explicitado com a existência de um cronômetro em tela, juntamente com o placar de pontuação.

O objeto de aprendizagem terá custo operacional baixo por utilizar software livre. Para implantação será utilizada uma plataforma de serviço de hospedagem gratuita e de uso gratuito para baixo volume de conexões, com isso nosso custo de desenvolvimento e implementação inicial será praticamente zero, se desconsideradas as horas de dedicação e energia elétrica consumida durante o desenvolvimento.

Quanto à tecnologia necessária, utilizamos linguagens de marcação como HTML<sup>99</sup>, CSS<sup>100</sup> e Javascript<sup>101</sup> com o framework JQuery<sup>102</sup>. A escolha deste framework se deu pela larga utilização em projetos já existentes, com isso temos um respaldo considerável sobre a documentação e possíveis dúvidas no processo de implementação. Pode-se também contar com a comunidade de software livre para troca de conhecimento e aprimoramento do jogo, e, além disso, faz parte do stack de tecnologias do Google. Para o desenvolvimento iremos fazer uso das mais novas técnicas de CSS e HTML, possibilitando maior interatividade com o usuário, além de boa qualidade de interfaces que essas tecnologias podem nos proporcionar.

---

<sup>99</sup> HTML é uma das linguagens que utilizamos para desenvolver websites. O acrônimo HTML vem do inglês e significa Hypertext Markup Language ou em português: Linguagem de Marcação de Hipertexto. O HTML é a linguagem base da internet.

<sup>100</sup> CSS é o acrônimo de Cascading Style Sheets que em português seria algo como “folhas de estilo em cascata”. É uma especificação que define como os elementos que compõem uma página, um documento ou aplicação Web serão exibidos.

<sup>101</sup> O Java Script é uma linguagem orientada a objetos, ou seja, ela trata todos os elementos da página como objetos distintos, facilitando a tarefa da programação. Resumindo, o Java Script é uma poderosa linguagem que deve ser dominada por quem deseja criar páginas Web dinâmicas e interativas.

<sup>102</sup> É uma biblioteca de código aberto e possui licença dual, fazendo uso da Licença MIT ou da GNU General Public License versão 2. A sintaxe do JQuery foi desenvolvida para tornar mais simples a navegação do documento HTML, a seleção de elementos DOM, criar animações, manipular eventos e desenvolver aplicações AJAX.

Futuramente, para o armazenamento de dados como pontuações de usuários, por exemplo, poderá ser utilizado um banco de dados gratuito que é o Mysql Server<sup>103</sup>, a escolha deste se deve ao fato de ter também uma forte empresa, a Oracle, como mantenedora, além disso, pela facilidade de instalação.

Para a publicação do objeto de aprendizagem online utilizaremos uma hospedagem gratuita no site CPanel, da Hostinger<sup>104</sup>. Para o IDE<sup>105</sup> de desenvolvimento utilizaremos o Sublime Text 3, essa escolha também se deu pela familiaridade com a ferramenta, a qual não impacta na qualidade do produto em si, mas ajuda em seu desenvolvimento.

Com a elaboração do jogo, intitulado *Conhecendo História Medieval Ibérica*, explorou-se justamente as potencialidades anteriormente identificadas, inspiradas no Hot Potatoes, distribuídas em quatro fases que correspondem ao Jcross (caça palavras), Jquiz (perguntas e respostas), JMatch (associação de pares) e o JCloze (jogo de lacunas). A indicação de que corresponde a essas especificidades se deve ao fato de que utilizamos a ideia do Hot potatoes, mas criamos outros códigos para sua formulação.

Inicialmente, destacamos que a ferramenta desenvolvida foi planejada para atender ao público do ensino fundamental II, em especial estudantes de sétimo ano, dada a compatibilidade dessa série com o currículo analisado, o CBC, série que deixa margem para inferências sobre os estudos medievais. Isso também foi possível perceber nas coleções de livros didáticos apresentadas anteriormente, que concentram os estudos da Idade Média (basicamente a francesa) à série citada. A esse público, portanto, a ferramenta não deverá ter uma finalidade em si própria, mas apenas colaborará com os estudos acerca de uma Idade Média que sequer costuma ser mencionada no âmbito escolar, ou seja, aquela concernente à realidade Ibérica.

Antes de abordar as potencialidades pedagógicas do jogo, faremos uma breve apresentação que levarão em consideração a experiência em sala de aula e o que foi tomado como inspiração desse fato para ser inserido no Objeto de Aprendizagem<sup>106</sup>. Primeiro salientamos que dentre as várias ideias para o desenvolvimento de um OA, parecia interessante elaborar algo que resguardasse certo potencial competitivo, não no sentido de aguçar esse espírito cada vez mais comum dos indivíduos imersos na lógica capitalista, mas para colaborar com a manutenção da concentração que, certamente, colaborará para a efetivação de um processo que preza pelo aprendizado. Consideramos inicialmente que a

---

<sup>103</sup> Banco de dados.

<sup>104</sup> <https://cpanel.hostinger.com.br>

<sup>105</sup> Do inglês *Integrated Development Environment* ou Ambiente de Desenvolvimento Integrado.

<sup>106</sup> A partir de agora, sempre que nos referirmos ao termo “Objeto de Aprendizagem” indicaremos a sigla OA.

atenção necessária na leitura da questão ou observação de uma imagem que surja como dica para resolver cada desafio das etapas do jogo, permite uma leitura mais qualitativa de excertos acerca do estudo em questão: a Idade Média Ibérica.

No decorrer das experiências em sala de aula, algumas das melhores situações pedagógicas realizadas foram as que preservavam uma ideia competitiva. Mesmo que houvesse a necessidade de pesquisar em livros, internet, fazer observação de imagens, relacionar diferentes situações, enfim, em quaisquer das circunstâncias a qualidade da atividade realizada manteve-se inquestionável, o mesmo que não ocorre com tamanha regularidade naquelas consideradas convencionais, constituintes do dia-a-dia.

Outro aspecto interessante cada vez mais comum nas novas gerações é o uso da tecnologia nas mais diversificadas situações da vida, o cotidiano educacional do nível básico também não pode se ver alheio a essa realidade e deve abarcar tal dimensão no seu cotidiano, uma das formas possíveis de se fazer isso é lançar mão de aspectos que fazem parte da rotina social de seu público no intuito de potencializar as propostas pedagógicas que contemplam a formação dos alunos.

Compartilhando dessa consciência proveniente da realidade social, de uma nova geração que tem inerente a si o uso de tecnologias, pode-se conceber oportuno desenvolver um OA que potencialize o ensino de um conteúdo há algum tempo desprestigiado no âmbito do ensino básico que é a Idade Média. Com uma forma descontraída e intrínseca ao cotidiano dos alunos, em que o desafio é colocado constantemente, o ensino da Idade Média pode ganhar outro sentido, no caso do tema histórico dessa pesquisa, uma abordagem que tenha como ferramenta auxiliar um recurso midiático, pode possibilitar ao professor melhor aproveitamento de seu público no decorrer trabalho.

Enquanto por um lado, há essa justificativa inicial para o desenvolvimento do OA que leva em consideração a observação do cotidiano escolar, por outro, vale discutir o alcance dessa tecnologia. Não se pode negar a nova tendência tecnológica de desenvolvimento de aplicativos para aparelhos móveis que, dada a difusão deles cria uma possível ilusão de que tudo pode ser acessível a todos.

Aliás, nem seria uma conclusão absurda pelo fato de que os levantamentos recentes, comumente divulgados nos meios de comunicação indicam que o número de celulares, por exemplo, supera o número de habitantes do país. Porém, apesar disso, resolvemos desenvolver um OA que possa ser divulgado na internet e utilizado pelo professor que o considerar oportuno quando tratar da Idade Média Ibérica e não especificamente um aplicativo de aparelho móvel que embora prático, talvez não atenda a todos. Uma vez

disponibilizado na internet e um profissional da área de educação resolver lançar mão dessa ferramenta, o fará em qualquer simples laboratório de informática que sua escola possua.

O OA desenvolvido é composto de quatro fases inspiradas na lógica do Hot Potatoes, conforme indicado inicialmente. A primeira fase será um Quiz. Nesta, há uma série de perguntas sobre a temática histórica em que será possível ler e interpretá-las para indicar uma resposta correta logo na sequência. Para escolher a resposta condizente será necessário após a interpretação clicar num ícone que apresenta cinco possibilidades. Para tanto, o usuário disporá de 30 segundos para resolver. Quanto à pontuação, ela é cumulativa, de forma que se muda de fase, mas sua somatória é levada adiante em todas as etapas do OA.

As perguntas do Quiz abordam conhecimentos sobre personagens da literatura épica castelhana, discutidas nesse trabalho; a própria conceituação de literatura épica; uma abordagem sobre o conceito de Identidade, termo muito atual nos meios educacionais, sobretudo após o que é concebido como mundo globalizado, portanto, interessante abordar como conceito para que se possibilite a análise em vários contextos; há ainda pergunta que remete o usuário do OA ao conceito de Reconquista de forma que permite ao professor pensar posteriormente com seu público sobre esse conceito, inerente à Idade Média Ibérica e, portanto, abordado neste trabalho na parte referente à temática histórica.

Conforme indicado anteriormente, há a constância da competitividade e por essa razão, destinou-se um tempo pré-determinado para a resolução de cada item, ou seja, o aluno (a) tem 30 segundos para ler a dica e escolher a palavra condizente com a mesma, na qual ele (a) deverá clicar. Em caso de acerto, soma-se uma pontuação e de erro, atribui-se uma pontuação negativa. O interessante é que o (a) estudante, mesmo que erre algumas questões poderá se recuperar nas fases subsequentes, já que a última resguarda maior pontuação<sup>107</sup>.

A segunda fase é um jogo de associação de palavras que o software Hot Potatoes chama de JMATCH. Como indicamos inicialmente, essa ideia foi utilizada para trabalhar com associação de palavras que remetem à Idade Média e à especificidade ibérica. Talvez seja a fase que oferece menos trabalho ao usuário, porém possibilita ao professor discutir algumas relações oferecidas como Suserania/vassalagem, especificar Castela/Península Ibérica, exemplificar o que é o cavaleiro medieval a partir de um exemplo como el Cid, em função disso o usuário terá que relacionar o nome à sua categoria el Cid/cavaleiro medieval, enfim,

---

<sup>107</sup> De forma que lembra o sistema escolar, no qual o aluno tem uma série de possibilidades de recuperar notas porventura perdidas. Mas o intuito do jogo é colaborar para a manutenção da concentração ao tema, mesmo que erre uma questão, o professor depois poderá corrigir e comentar a situação específica, ou seja, o aluno não será eliminado da brincadeira, acertando ou errando poderá concluir todas as etapas, com a ressalva de que tendo lido ou observado atentamente a dica, o complemento do professor (a) será compreendido mais facilmente.

embora mais simples, importante para o seu complemento, lembrando que se trata de um objeto que tem como público alvo o ensino fundamental II e em especial o nível correspondente ao sétimo ano.

A terceira fase é um complemento de lacunas que corresponde ao J CLOZE do Hot Potatoes. O OA apresentará ao usuário uma frase que deixará uma lacuna, a qual deverá ser preenchida corretamente com uma das quatro alternativas que aparecem após clicar num ícone ao lado. Essas frases, invariavelmente, apresentam ideias sobre aspectos gerais da Idade Média Ibérica e deixa possibilidades para que o professor as aprofunde. Visa-se assim, colaborar com discussões sobre a Idade Média Ibérica no âmbito do ensino fundamental II, que também significa colaborar para a discussão de outro foco medieval desse nível escolar, que não o francês<sup>108</sup>.

Na quarta e última etapa há uma tela com palavras-cruzadas composta de espaços para dez palavras. Para resolver é necessário verificar cada dica que aparece devidamente enumerada na mesma página, ou seja, para preencher a palavra que corresponde ao número um, o usuário deverá clicar na dica de mesmo número, repetindo essa ação até completar toda a tela, com todas as palavras encontradas.

Para essa fase, procuramos utilizar palavras que também fossem conceitos históricos, preferencialmente aqueles que estão presentes na pesquisa, como identidade, Idade Média, Vassalo, o próprio conceito de História<sup>109</sup>, enfim, priorizaram-se os conceitos, mas também palavras que são relacionadas à especificidade do tema, como Península Ibérica e reino de Castela, por exemplo.

Nesta fase a pontuação que se atribui a cada questão é dobrada, o que dá ao aluno a oportunidade de recuperar uma pontuação que porventura tenha perdido durante as fases anteriores. Assim como no sistema de ensino, o aluno (a) tem a possibilidade de se recuperar, não o excluindo de participar de todo o jogo, pois o mais importante é que participe até o fim e tenha contato com todas as dicas acerca do tema histórico em questão. É claro que o jogo não é um fim em si mesmo, por isso, a participação do aluno em todas as fases do OA o fará ter contato com questões que poderão ser ampliadas pelo professor em comentários ou complementos bibliográficos.

---

<sup>108</sup> Em nossas análises anteriores já discutimos a necessidade de alargar as considerações sobre a Idade Média para além da realidade francesa, por essa razão, o OA assim como a pesquisa histórica, volta-se para a realidade especificamente Ibérica, considerando a necessidade de difundir essa tradição cultural nos meios educacionais, dado o fato, também, de sermos herdeiros desta. Com isso, já esclarecemos em capítulo anterior, não concebemos que deva haver apenas o foco no medievo ibérico, mas incorporá-lo, parece-nos mais viável que insistir na difusão da já corriqueira tradição cultural francesa.

<sup>109</sup> Nem sempre compreendido em sala de aula, como o que é, o que estuda, como nos utilizamos do conhecimento histórico, enfim, fundamentos básicos e necessários.

Apresentados os aspectos gerais do OA, serão feitas algumas considerações acerca de seu potencial pedagógico, principalmente no que diz respeito ao que oferece como possibilidades e à exploração de conceitos.

Na proposta de pesquisa histórica deste trabalho, o termo cavaleiro medieval, por exemplo, é recorrente. O Objeto de aprendizagem desenvolvido permitiu explorar uma questão que busca essa conceituação, a qual pode ser feita não apenas em narrativas textuais como também visuais, ou seja, para preencher o espaço nas palavras-cruzadas, por exemplo, correspondente ao cavaleiro medieval, não foi necessário lançar um texto especificando-o, mas inserir uma imagem com tais características. Com isso, colabora-se para estimular o desenvolvimento de outras formas de leituras nos estudantes<sup>110</sup>.

Outro aspecto explorado foi no OA foram os conceitos históricos, que embora no jogo possam parecer simples, a variedade de formas de abordá-los pareceu ser um diferencial que permite qualitativa introdução aos mesmos. A compreensão dos conceitos é significativa para o público da educação básica e fundamental para o aprendizado do conhecimento histórico difundido no meio escolar, em função disso, o OA desenvolvido complementa o repertório de recursos necessários para um ensino de História cada vez mais consistente. Outro fator positivo é a sua facilidade de disponibilização na internet e a garantia do acesso, conforme esclarecido anteriormente.

Além da utilização de imagens, em especial na fase do jogo em que se verificam as palavras-cruzadas, permitindo outra forma de análise e leitura, as maneiras tradicionais de atividades, como a interpretação de texto, torna-se mais atrativo para os alunos, uma vez que os textos base para sua resolução passam a ser vistos como pistas para a resolução de problemas, entra na lógica de um jogo em que cada detalhe é importante para concluir os objetivos.

Quanto aos textos, o OA lança textos curtos sobre os conceitos trabalhados. O aluno envolvido nas atividades, ao passo que vai acumulando uma série de leituras acerca do conceito, compreendendo-o textualmente, facilita a articulação do professor mediador no processo de explicação do contexto ao qual estará se referindo. É importante ter a concepção de que se trata de uma ferramenta apenas complementar e não é autossuficiente, mas importante para o planejamento de ensino que dedica especial atenção para os conceitos históricos e seus contextos de elaboração.

---

<sup>110</sup> Apesar disso, há marcadamente no Objeto de Aprendizagem a utilização de pequenos textos acerca dos conceitos, justamente para estimular por meio dessa ferramenta a leitura básica necessária sobre o conteúdo, leitura essa cada vez mais escassa nos meios educacionais.

Referimo-nos ao ensino de História que abarca conceitos como importantes na construção do conhecimento, pois dialogamos com concepções como a apresentada por Circe Bittencourt em *Ensino de História: fundamentos e métodos* em que considera o seguinte:

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziam para buscar uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios. Nesse procedimento, são utilizados conceitos que organizam os fatos, tornando-os inteligíveis. (Bittencourt, 2004 p. 183).

Assim como em outras áreas do conhecimento, o domínio conceitual se apresenta como o meio fundamental para a compreensão dos fenômenos históricos. Embora haja teorias que apontem a dificuldade de compreensão de conhecimentos dessa natureza para determinadas faixas etárias, justamente pelas dificuldades de dominar os conceitos, parece-nos necessário que sejam abordados, ainda que de maneira estratégica para que o processo de desenvolvimento e domínio conceitual seja construído. Uma das formas de fazer essa mediação e iniciar o tratamento conceitual em faixas etárias correspondentes ao ensino fundamental, por exemplo, é utilizando ferramentas como a que desenvolvemos devido às possibilidades apresentadas.

Outro aspecto que, embora de um ponto de vista técnico, também é relevante na construção do OA, é a aparência da ferramenta. Merece especial atenção, pois é o primeiro fator visual estabelecido por parte do aluno para com o jogo. Assim, procuramos manter uma interface adequada em todas as fases, condizente ao tema e com algum significado histórico passível inclusive de discussão específica a seu respeito.

## **2.2. RELATO DE EXPERIMENTAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.**

Após a conclusão do objeto de aprendizagem ocorreu a possibilidade de testá-lo, mesmo que parcialmente, numa escola onde atuo como professor de História. O término do OA coincidiu justamente com o início dos estudos acerca da Idade Média na turma de sétimo ano, que apesar de não ter estudado ainda sobre o medievo ibérico, aceitou o desafio de adiantar algumas considerações e reflexões sobre a referida região em função do teste do jogo proposto a eles.

Levei em consideração o fato de que esses alunos ainda não tinham estudado sobre a especificidade que consta no OA e fiz uma apresentação básica do tema conciliando a explicação com os seus conhecimentos prévios de algumas categorias medievais como, por exemplo, o cavaleiro, a própria conceituação de Idade Média, o reforço de uma noção de História, enfim, alguns argumentos introdutórios que os auxiliariam no contato com o OA.

Apesar de necessária essa contextualização histórica para possibilitar, de fato, um interesse pelo conteúdo do jogo, uma das principais intenções foi verificar a dinâmica em si da experiência, o quanto os estudantes se dispunham a ler as questões e dicas que o OA apresenta e o quanto poderiam se sentir desafiados pelo mesmo.

A resposta inicial foi relevante, pois antes de ressaltar as dificuldades pelo fato de não terem estudado o tema em sua complexidade, os estudantes demonstraram uma capacidade considerável de lidar com o nervosismo em função do tempo decrescente em cada questão do OA e o desejo de compreendê-la, para então, optar pela resposta que julgaram correspondente em relação aos questionamentos que surgiam em casa fase do jogo. Um dos objetivos destacados neste capítulo é justamente que todo o desafio que esse tipo de ferramenta proporciona, ou seja, a ideia de competitividade por envolver uma delimitação de tempo e pontuação, seja transformada na efetivação de leitura por parte dos estudantes em relação ao conteúdo apresentado pelo OA, e assim, o mesmo se caracterize como uma ferramenta complementar e de reforço em relação aos estudos históricos medievais na especificidade temática concernente à Península Ibérica.

Os relatos em anexo, elaborados pelos estudantes após terem utilizado o OA evidencia o conforto em utilizar a ferramenta mesmo que não tenham estudado ainda o tema de que se trata, inclusive, em alguns casos, será possível observar a curiosidade despertada em relação à periodicidade histórica presente no OA. Em outros casos, é interessante também observar a relação que o estudante faz entre o seu desempenho e a pontuação atingida, em que considera satisfatória por alcançar determinados pontos. Com isso, o método “competitividade” parece ter êxito em levar o estudante a realizar leituras atentas, as quais convencionalmente não costumam realizar, fato este que colabora para a ação dos professores em sala de aula em seus complementos bibliográficos para os estudos do tema abordado.

Feitas essas considerações, farei alguns comentários pontuais de cada relato dos estudantes, os quais se encontram disponíveis nos anexos deste trabalho. Serão apresentados seis relatos identificados numa ordem alfabética: estudante A, estudante B e assim sucessivamente.

O estudante A se voluntariou para participar do teste e relatou suas percepções preliminares do jogo chamando a atenção para dois aspectos relevantes que podem ser ilustradas, respectivamente, nas seguintes passagens: “A parte mais bacana que achei do jogo foi a parte das palavras cruzadas, que com a dica nós fortalecemos nosso conhecimento” e “A pontuação é muito boa porque nós vamos vendo qual foi nosso potencial no jogo” (Estudante A, primeiro e terceiro parágrafo de seu relato). Chamo a atenção para essas duas partes, pois

as considerações do estudante em questão vão ao encontro dos nossos objetivos no objeto de aprendizagem, primeiro, a ideia de proporcionar a leitura e, segundo, a motivação em decorrência da pontuação que minimiza a resistência em relação à leitura, conseqüentemente, um incentivo a essa prática.

O estudante B, por sua vez, ressalta justamente o fato de que o objeto de aprendizagem pode ser um importante reforço para quem estiver estudando o tema abordado, percepção esta derivada da dificuldade inicial em resolver algumas fases do jogo, cujos questionamentos demandam conhecimentos específicos em tópicos estudados previamente. Permitindo, portanto, a conclusão de que uma vez estudado o tema, a resolução dos problemas propostos pelo objeto de aprendizagem seria mais fácil e sua realização reforçaria os conhecimentos adquiridos.

O estudante C relata um fator relacionado ao cronômetro presente nas fases do jogo e concebe como positiva essa pressão. Ressalta o fato de no conteúdo haver alusões a personagens específicos da Idade Média como cavaleiros lendários e, sobretudo, el Cid, o qual esse estudante não conhecia, mas se sentiu instigado a pesquisar e obter mais informações sobre o mesmo: “o jogo fala sobre alguns nomes importantes, como por exemplo, el Cid” (estudante C, segundo parágrafo), em seguida complementa com mais propriedade após realizar uma pesquisa e acrescenta o seguinte sobre el Cid: “que foi um grande guerreiro”. Este estudante, por fim, ainda faz menção à relação rendimento no jogo x aprendizado: “eu fiz 675 pontos, gostei do meu rendimento” (estudante C, quarto parágrafo).

Já o estudante D, a sua maneira, destaca os pontos positivos do jogo e demonstra também o interesse pelo personagem el Cid, sobre o qual começou a realizar pesquisas em livros da biblioteca da escola<sup>111</sup>. O estudante E também ressalta esse personagem e relembra que o objeto por si só não basta, mas colabora para uma atividade de revisão ou reforço de alguns conceitos pela sua abordagem que desperta curiosidade.

Embora os estudantes participantes não tenham sido muito críticos em relação ao jogo, seus destaques são importantes, sobretudo, por destacarem alguns pontos estratégicos indicados anteriormente, como os aspectos cronometragem e pontuação que dão um ar de competitividade e a inserção de textos incentivando a leitura. Por essas questões, o teste inicial apresentou um rendimento satisfatório se considerados os objetivos e as percepções dos estudantes.

---

<sup>111</sup> O estudante em questão, interessado pelo personagem, foi contemplado com a seguinte referência existente na biblioteca da escola: *As aventuras de El Cid Campeador*, manuscrito de Per Abbat, contado por José Arrabal e ilustrado por Daniel Araújo. São Paulo: Paulinas, 2008. Trata-se de uma versão adaptada e em português do manuscrito de Per Abbat.

**REFERÊNCIAS**

**Fontes:**

ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Madrid: Editorial Alba, 1998.

CRÔNICA PSEUDO-TURPIN in: *Liber sancti Jacobi “Códex Calixtinus”* tradução: A. Moralejo; C. Torres & J. Feo. Viveiro: Xunta de Galicia, 1999. (p. 403-494).

**Referências – Parte I.**

ANONIMO. *Cantar de Mio Cid*. Notas: Francisco Rico. Disponible in: [http://www.rae.es/sites/default/files/Hojear\\_Cantar\\_de\\_Mio\\_Cid.pdf](http://www.rae.es/sites/default/files/Hojear_Cantar_de_Mio_Cid.pdf)

BARKAI, Ron. *El enemigo en el espejo, Cristianos y musulmanes en la España Medieval*. Madrid: ediciones Rialp, S.A, 2007.

BARUQUE, Julio Valdeón. La valoración histórica de la Edad Media: entre el mito y la realidad, in: De la Iglesia Duarte, J. I. (coord.), *Memoria, mito y realidad en la historia medieval*. XIII Semana de Estudios Medievales, Nájera, de 29 de julio a 2 de agosto de 2002, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 2003, pp. 311-329.

BAUTISTA PÉREZ, Francisco. Memoria de Carlomagno: sobre la difusión temprana de la materia carolingia en España (siglos XI-XII). *Revista de poética medieval*, nº 25, 2011, p. 47-110.

BLANCO AGUINAGA, Carlos. *Historia social de la literatura española: 2º v. 3ª ed.* Madrid: Akal, 2000.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro, ed. Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo, ed. Companhia das letras, 1993.

COSTA, Ricardo da. *Vida de Carlos Magno (c. 817-829)*. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/textos/vidacarlos.htm>. Acesso em: nov. 2011.

CURTIUS, Ernst. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: Edusp, 1926.

DIAGO HERNANDO, Máximo – La pervivencia y utilización histórica del mito: Los casos de Carlomagno y Federico I Barbarroja – Memoria, Mito y Realidad en la Historia Medieval. XIII Semana de Estudios Medievales – Sem volume – Instituto de Estudios Riojanos/Logroño – 2003 – 29pp.

DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.

GARCÍA FITZ, Francisco. *La Reconquista: un estado de la cuestión*. Clio & Crimen, Revista del Centro de Historia del Crimen de Durango, n. 6, 2009. P. 142 – 215.

GOYATÁ, Sueli Leiko Takamatsu [et al]. *Manual de normalização para elaboração de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses da UNIFAL-MG*. Alfenas, 2006.

GUIANCE, Ariel. *Los discursos sobre la muerte en la castilla medieval (siglos VII-XV)*. Junta de Castilla y León, consejería de educación y cultura, 1998. (p. 325-355).

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Trad. de Laurent León Schaffter, São Paulo: Vértice/Revista dos tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOK, David. *El cantar de Mio Cid y el contexto europeo*. Olivar; vol. 8, no. 10. Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria, 2007 Disponível in: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.3300/pr.3300.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3300/pr.3300.pdf)

JASPERT, Nikolas. Carlomagno y Santiago em la memoria histórica catalana. In. *El camí de Sant Jaume i Catalunya : actes del congrés internacional celebrat a Barcelona, Cervera i Lleida, els dies 16, 17 i 18 d'octubre de 2003*. Publ. De l'Abadia de Montserrat, Barcelona 2007, pp. 91-104.

KRUS, Luís. Os heróis da Reconquista e a realeza sagrada medieval peninsular: Afonso X e a Primeira Crónica Geral de Espanha in Penélope. *Fazer e desfazer a História*, Lisboa, nº 4, Nov. 1989, p. 5-18.

LACARRA, María Eugenia "Consecuencias ideológicas de algunas de las teorías en torno a La épica peninsular". Giuseppe Bellini, ed. *Actas del VII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* (1980). Roma, Bulzoni, 1982. Disponible en [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/07/aih\\_07\\_2\\_012.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/07/aih_07_2_012.pdf).

LE GOFF, Jacques. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. V. 2 Bauru, ed. Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V.1 Bauru, ed. Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_. *Heróis e maravilhas da idade média*. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Para um novo Conceito de Idade Média*. Lisboa: ed. Estampa, 1979.

LUKÁCS, György. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. 2.ed. São Paulo: Duas cidades: Ed. 34, 2009.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no Velho e no Novo Mundo. In: Francisco das Neves Alves. (Org.). Brasil 2000 – *Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas*. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Rio Grande, 2000, v. 01, p. 09-29.

MARTINEZ, Carlos de Ayala. *Sacerdócio y Reino en la España altomedieval: iglesia y poder político en el occidente peninsular, siglos VII-XII*. Madrid: Sílex, 2008.

MENDÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España Del Cid*, Madrid: Madrid: Espasa-Calpe, 1929.

\_\_\_\_\_. *El Cid Campeador*. Madrid, Espasa-Calpe, 1950.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F.- *A Reconquista Ibérica: A Construção de uma ideologia*. In: *Historia, Instituciones e Documentos*, n28, 2001.

PEÑA PÉREZ, Francisco J. *El surgimiento de una Nación: Castilla en su historia y en sus mitos*, Barcelona, Crítica, 2005.

PIRENE, Henri. *Maomé e Carlos Magno: o impacto do islã sobre a civilização europeia*. Tradução: Regina Schopke e Mauro Balade. Rio de Janeiro, ed. Contraponto LTDA, 2010.

PRIMERA Crónica General de España. Que Mandó componer Alfonso el Sabio e se continuaba bajo Sancho IV en 1289. MENENDEZ PIDAL, Ramón (ed.) Madrid: Gredos, 1955 (p. 321-328 e 518-650).

RIQUER, Martín. *Prólogo al cantar del Cid*. Madrid. Ed. Espasa-Calpe, 1979.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Editorial Estampa, Lisboa, 1995.

\_\_\_\_\_. La France dans l'historiographie médiévale castillane. *Annales ESC*, 44/3, 1989, p. 677-689.

SANMARTÍN, Israel. La memoria y la historia medievales como realidades indisociables. En *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 2012, N° 125, pp. 259-272.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SMITH, Colin "Los orígenes de la poesía vernácula en España". Alan M. Gordon y Evelyn Rugg, eds. *Actas del VI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas* (1977). Toronto, Department of Spanish and Portuguese, University of Toronto, 1980. Disponible en [http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih\\_06\\_1\\_008.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/06/aih_06_1_008.pdf)

SYPECK, Jeff. *Tornando-se Carlos Magno*. Tradução: Anna Duarte e Carlos Duarte. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2012.

UNAMUNO, Miguel de. *Gramática y glosario del Poema del Cid*. Madrid, Espasa-Calpe, 1977.

## Referências – Parte II.

BITTENCOURT, Circe M.F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso – Aula inaugural no College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 26ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MINAS GERAIS, SEE. Centro de Referência do professor: Disponível in: <https://www.educacao.mg.gov.br/leis/service/1581-centro-de-referencia-virtual-do-professor-crv>.

MINAS GERAIS, SEE. Conteúdo Básico Comum – História (2007). Ensino Fundamental e Médio.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Guia de livros didáticos – PNLD 2011 – Brasília, 2010. Disponível in: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/2349-guia-pnld-2011-%E2%80%933-anos-finais-do-ensino-fundamental>.

ROCHA, Ubiratan. *História, currículo e cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Tomas Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

**ANEXOS**

## Anexo A – Referente às percepções do estudante A.

ESTUDANTE A


Jogo de História

Com o jogo eu aprendi novas coisas que eu não sabia e agora não esqueço, o jogo está bem montado e ajuda muito na revisão de matéria e até para aprender muitas coisas, a parte que eu achei mais boa foi a parte das palavras cruzadas, que com a dica nós fortalecemos nosso conhecimento.

O jogo demonstra um conteúdo incrível que até com o tempo nós pensamos mais rápido.

A pontuação é muito boa porque nos vamos vendo qual foi nosso potencial no jogo.

O jogo me agradou muito e tenho certeza que vai agradar a muitas pessoas também.



**Anexo B – Referente às percepções do estudante B.**

S T Q Q S S D

## ESTUDANTE B

Esse jogo vai ajudar muito a todos que precisam de um estudo mais reforçado para se aprofundar mais na história medieval.

Mesmo não tendo estudado essa matéria em sala jogando este jogo deu para ter uma noção de que se tratava de uma e na minha opinião todos que estão passando por isso tem e nem se não tiver dificuldade no assunto deveria jogar pois não pode ter algo que o professor não apresentou em sala.

## Anexo C – Referente às percepções do estudante C.

/ /

## Relatório do jogo ESTUDANTE C

O jogo é ótimo, traz muitos conhecimentos e ainda as dicas ajudam mais para distinguir a data, fora o tempo que dá uma pressão a mais no jogo.

O jogo fala sobre alguns nomes importantes como por exemplo: El Nid que foi um guerreiro, isso é uma forma de aprendizagem que os jovens gostariam de ter, pela forma é um jogo onde requer o ~~uso~~ uso dos conhecimentos, atividades desse jogo deixam as aulas mais legais.

Os enunciados ajudam de uma forma fácil, eles são bem escritos, bem elaborados, se você tem todo o conhecimento necessário do jogo você pode fazer o máximo.

Na última parte é um quiz-valorar sobre tudo que você aprendeu com o jogo, é praticamente uma revisão de tudo o que aprendeu no jogo. Eu fiz 675 pontos, gostei do meu rendimento.

## Anexo D – Referente às percepções do estudante D.

★★★★★ ESTUDANTE D

O JOGO É BOM AS PERGUNTAS  
ENSINAM MUITO BEM AS  
4 ETAPAS SÃO BOAS O JOGO  
ENSINAM MUITO BEM E  
ME FEZ QUERER APRENDER  
MAIS SOBRE O TEMA OS  
PERGUNTAS SÃO MUITO BOAS  
E O JOGO É DIVERTIDO E  
ENSINA MUITO BEM. E ME INTERESSA  
POR UM PERSONAGEM EL CID  
E ESTUDAREI COM UM LIVRO  
DE MINHA ESCOLA.

IMPRESS

## Anexo E – Referente às percepções do estudante E.

ESTUDANTE E

1 / 1

## Pelotário do jogo

O jogo ~~de~~ ajuda muito ~~se~~ as pessoas não tiverem estudado, com suas dicas.

Alperta muita curiosidade sobre algumas pessoas, como El cid o cavaleiro medieval, esse jogo não pode ser considerado uma meio de aprendizado pois se as pessoas quiserem aprender de verdade elas teriam que se aprofundar mais sobre o assunto, porém se for para um lembrete ajuda bastante, porque o jogo dá muitas dicas boas e importantes.

Ele serve também para despertar grandes curiosidades que jamais conhecíamos ~~se~~ não tivessem jogado ~~se~~ estudado.